NO MESMO BARCO

HELERSON BASTOS RODRIGUES



Coleção: "Textos de Pós-Graduação" – N.º 1

Ciências da Religião

No Mesmo Barco

Coleção: "Textos de Pós-Graduaçao", n.° 1

HÉLERSON BASTOS RODRIGUES

No Mesmo Barco

VIVÊNCIA INTER-ECLESIÁSTICA DOS METODISTAS DO BRASIL DE 1960 A 1971

Coleção: "Textos de Pós-Graduação", n.° 1

Associação de Seminários
Teológicos Evangélicos (ASTE)

e

Programa Ecuménico de Pós-Graduação
em Ciências da Religião — 1986

Aos pais
Helena e (in memorian) Gerson
À esposa
Evanir

Aos filhos
Denise e Eduardo

A tantos irmãos de
caminhada na fé cristã

ÍNDICE

Abreviaturas e siglas 9

INTRODUÇÃO 11

ENSINO E NORMATIVAS PARA A VIVÊNCIA ECUMÉNICA DOS METODISTAS 21

Ensino Ecuménico em manuais de estudo 21

1. Manuais do Plano Quinquenal 1961 a 1965..... 21
2. Estudos sobre "A responsabilidade da Igreja" 22
3. Série de Estudos Centenário 26
4. Lições para a escola dominical 27

Normas para a vivência ecuménica dos metodistas ... 30

1. As Constituições da Igreja Metodista do Brasil 30
2. O Credo Social..... 31
3. Os Cânones 33
4. Comissão para Ecumenismo, a nível geral 34
5. As palavras do episcopado 37
6. II Concílio Geral Extraordinário 39

A IMB E SEU RELACIONAMENTO COM OUTRAS IGREJAS METODISTAS 43

A IMB e IM nos Estados Unidos da América..... 43

Relacionamento em termos de Igreja Cooperante 49

1. Igreja Unida do Canadá 50
2. Igreja Metodista da Alemanha 51
3. Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos 52

A IMB e a Igreja Metodista Livre 53

Uma cisão na Primeira Região Eclesiástica 54

A IMB participa no surgimento do Conselho de Igrejas Evangélicas Metodistas da América Latina 57

Conclaves mundiais metodistas 60

IV. A IMB E SUA CONVIVÊNCIA COM OS EVANGÉLICOS NACIONAIS 63
A IMB integra a Confederação Evangélica do Brasil . . 63
1. A Conferência do Nordeste 67
O Surgimento da Comissão Ecuménica Inter-Eclesiástica 69
Contatos e cooperações diversas 71
Os limites do ecumenismo, ou a exclusão da ecclesia . . 73

V. A IMB E SUA PARTICIPAÇÃO EM ÓRGÃOS E CONCLAVES ECUMÉNICOS A NÍVEL INTERNACIONAL 79
A IMB no Conselho Mundial de Igrejas 79
As Conferências Evangélicas Latino-Americanas 83
Igreja e Sociedade na América Latina 86
Participação em eventos interdenominacionais 89

VI. A IMB E SEUS CONTACTOS! COM CATÓLICOS ROMANOS 91
Os tipos de contactos entre metodistas e católicos... 91
Polemica, Diálogo, Distanciamento 93
As normativas produzidas pela Igreja Metodista 95
Carta a um Católico Romano 99

VII. CONCLUSÃO 101

Anexo I 107
Anexo II 111
Anexo III 115

Bibliografia 133

ABREVIATURAS E SIGLAS

AL — América Latina
ASTE — Associação de Seminários Teológicos Evangélicos
ATAS — Atas, Registros e Documentos (de Concílios da IMB)
CEB — Confederação Evangélica do Brasil
CEI — Centro Ecuménico de Informação
CEIE — Comissão Ecuménica Inter-Eclesiástica
CELA — Conferência Evangélica Latino-Americana
CG — Concílio Geral
CIEMAL — Conselho de Igrejas Evangélicas Metodistas da AL
CLAI — Conselho Latino-Americano de Igrejas
CMI — Conselho Mundial de Igrejas
CMM — Conselho Mundial Metodista
CNBB — Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CONIC — Conselho Nacional de Igrejas Cristãs
CR — Concílio Regional
EC — Expositor Cristão
EUA — Estados Unidos da América
ICR — Igreja Católica Apostólica Romana
IM — Igreja Metodista, ou Igrejas Metodistas
IMB — Igreja Metodista do Brasil (ou *no* Brasil)
ISAL — Igreja e Sociedade na América Latina
IUC — Igreja Unida do Canadá
JUGAS — Junta Geral de Ação Social
JUGEC — Junta Geral de Educação Cristã
JUGEME — Junta Geral de Missões e Evangelização
RE — Região Eclesiástica
SMJ — Sociedade Metodista de Jovens
SMH — Sociedade Metodista de Homens
SMS — Sociedade Metodista de Senhoras
UNELAM — Unidade Evangélica Latino-Americána

I

INTRODUÇÃO

" 'Se teu coração é como o meu coração'; se amas a Deus e a toda a humanidade, não peço mais: 'Dá-me a tua mão' ".* Apoiando-se na Escritura (2 Reis 10.15) João Wesley, deflagrador do metodismo, pregou sobre "O Espírito Católico", desenvolvendo uma argumentação que se encaminhou para conclusões da seguinte ordem:

> ... o homem de espírito católico é o que (.....)
> ama — como amigos, como irmãos no Senhor, como membros de Cristo e filhos de Deus, como atuais co-participantes do presente reino de Deus e co-herdeiros de seu reino eterno — a todos, de qualquer opinião ou culto, ou congregação, que creiam no Senhor Jesus Cristo; que amem a Deus e aos homens; e que, regozijando-se em louvar a Deus e temendo causar-lhe ofensa, sejam cuidadosos no abster-se do mal e zelosos nas boas obras.[2]

Espalhados pelas Igrejas que hoje atuam em dezenas de países, os sucessores de João Wesley souberam acolher aos conselhos de seu patrono. No Brasil, também, os metodistas não perderam o ideal da unidade que vem de Jesus Cristo. O presente trabalho assim o demonstrará.

Vivência inter-eclesiástica dos metodistas no Brasil no período 1960-1971

1. O subtítulo deste estudo delimita o campo de trabalho e explicita o objetivo que se deseja alcançar. A propósito, evitou-se incluir o vocábulo ecuménico, que não é unívoco, optando-se pela expressão "vivência inter-eclesiástica". Como se sabe, a palavra ecumê-

2. WESLEY, João. **Sermões.** Volume Segundo. São Paulo, Imprensa Metodista, 1954, p. 262. Ver também o Credo Social **(Cânones,** 1960, p. 241). No capítulo seis existe a menção à **Carta a um Católico Romano,** escrita por João Wesley.
3. Idem, p. 267.

nico tem diversas acepções; isso depende do contexto no qual ela se insere ou do período histórico.[3] Porém, no cerne deste trabalho está a questão ecuménica. A "vivência inter-eclesiástica" é uma prática ecuménica, tendo em vista a integração das comunidades cristãs que, por diversas razões históricas, hoje vivem separadamente. Os metodistas atuaram, e atuam, ecumenicamente.

2. O subtítulo se refere a "metodistas". Para sermos explícitos: nesse trabalho considera-se a *IMB como entidade* que atua corporativamente. Mas, o que é uma Igreja? De fato, o que há, sempre, são *pessoas* no cenário das ações. Nos contatos, locais ou internacionais, são os indivíduos que vivem a particularidade de seu testemunho. Em certos momentos, investidas das funções que as normas da entidade eclesial lhes atribui, tais pessoas agem oficialmente, atuam em nome da coletividade que representam; mas sua individualidade não desaparece. "Metodistas", portanto, refere-se à entidade e às pessoas.

3. Brasil, 1960 a 1971. Escolheu-se esse período pelas razões a seguir. Foi uma época rica em ocorrências e contradições, tanto na esfera secular como no campo eclesiástico propriamente.[4] Alguns exemplos. A Igreja se questionava. Os Católicos Romanos celebraram o Concílio Vaticano II. Na América Latina ocorria o despertar dos povos para seus direitos sócio-político-econômicos. Havia clamores, por vezes, abafados. Assim, em 1964, iniciou-se novo período político para o Brasil, a pretexto de afastar o perigo do comunismo. Para os metodistas, foram quatro os Concílios Gerais: 1960, 1965, 1968 (II Extraordinário), 1970/71. Em 1967 a IMB comemorou o centenário de sua ininterrupta presença no Brasil. Analisado, a partir de hoje, o período em estudo situa-se entre "próximo" e "distante"; o próprio autor conviveu com fatos aqui mencionados.

Fontes de Pesquisa

1. Basicamente (mas não exclusivamente, como nas páginas 83 a 89 a pesquisa se realizou nas publicações da Igreja Metodista no Brasil: Atas e Documentos, Revistas e o jornal *Expositor Cristão.* Nesse jornal captou-se maior volume de informações. Convém destacar que, mesmo sendo o órgão oficial da denominação, o jornal quinzenal não se limita exclusivamente a esse objetivo. Nele publicam-se matérias não oficiais, com opiniões controvertidas, cartas de leitores, artigos e comentários, constituindo-se num espelho dos modos de pensar de vários segmentos da Igreja, vigentes na época. Não há dúvida que, se tais ideias foram publicadas, antes disso elas

3. O assunto é retomado logo mais adiante.
4. Conforme detalhes adiante expostos.

passaram pelo processo seletivo do editor, evidenciando que alguma importância foi atribuída ao texto, e houve respeito pelo posicionamento que ele defende. Quanto às Atas e Documentos, sabe-se que, em geral, registram os pontos de vista vitoriosos; nem sempre há o registro das ideias vencidas nas votações plenárias.[5] Sem dúvida, há um problema para quem pesquisa a história.

2. Aos documentos oficiais — entre os quais estão incluídos os estudos editados pelos órgãos gerais da IMB — atribuiu-se peso maior do que aos pronunciamentos de pessoas, pastores ou leigos. Tais palavras pessoais, porém, no seu conjunto, são levadas em consideração, pois indicam as tendências que permeavam segmentos da comunidade metodista brasileira. Os textos, por sua vez, dependendo da fonte de produção, evidenciam o posicionamento do grupo que o gerou e o jogo de forças interagindo.

3. Aceita-se como inevitável que a pesquisa documental, embora válida, não conduz à elucidação de *todos* os componentes determinantes do comportamento dos agentes construtores da história de uma determinada época. Têm-se ciência de que, como destaca Rubem Alves

> Para se conhecer o espírito de um grupo não basta fazer um inventário dos conteúdos de sua consciência num momento dado, mas é necessário elucidar os princípios inconscientes coletivos segundo os quais este grupo constrói a sua realidade.[6]

Por essa razão, surgem, e permanecem sem explicação, algumas contradições; até que seja possível elucidar, em pesquisa mais abrangente, os mecanismos que, no inconsciente, conduziram as decisões dos protagonistas do tempo histórico considerado.

4. No desenvolvimento do trabalho notar-se-á que são destacadas, embora muito brevemente, as ideias sócio-teológico-ecumênicas de eventos nos quais metodistas participaram. Julgamos que essas ideias foram ouvidas, assumidas e promovidas pelos participantes, com influência geral sobre o *modus vivendi* do corpo eclesial. São apresentados órgãos, documentos, conteúdos de reuniões. Eles marcaram a vivência ecuménica de metodistas no período em questão.

5. Não houve a intenção de por-se em destaque nenhuma pessoa, seja clérigo ou leigo. Houve, sim, uma busca para se apresentar, de forma ordenada, um dos aspectos da vida da IMB — o ecuménico — conforme testemunham seus documentos. Ao fazer esta pesquisa a intenção foi a de atuar sem ideias pré-concebidas, tentando-se um posicionamento neutro. Mas é sabido que tal neutralidade não existe

5. Atas, VIII Concílio Geral, 1960, p. 27. Do Regimento Interno: "uma proposta apoiada e discutida, mesmo vencida é registrada em Ata, **quando o proponente o exigir".** (Grifo nosso).

6. ALVES, Rubem. **Protestantismo e Repressão, p. 30.**

em estado puro. Há, sempre, uma visão a partir do ângulo que o historiador assumiu. Contudo, repita-se, ao analisar os registros da época, buscou-se chegar às conclusões que a documentação estudada evidenciou. A partir daí, as hipóteses de trabalho se mantiveram ou ruiram.

6. Esse estudo se preocupa em sistematizar informações históricas até então dispersas nos documentos. Não fosse a necessidade de limitar seu tamanho, poderia ter sido mais minuciosa; há vários detalhes encontrados, mas não apresentados aqui.

7. Leituras Bibliográficas, de caráter geral, propiciaram ao autor o entendimento do pano de fundo da época, na política, na sociedade, na teologia, na Igreja. Alguns pontos principais são apresentados a seguir.

Os anos sessenta

O desenrolar dos acontecimentos sócio-político-econômicos no Brasil, nos anos sessenta, tem sido suficientemente analisado. Há vários livros sobre o assunto. A seguir, apenas são destacados alguns aspectos.

Ano 1962. Discorrendo sobre o processo revolucionário brasileiro, o pastor metodista Rev. Almir dos Santos o observa com três principais características.[7] Primeiramente, "uma revolta generalizada do homem contra a atual situação em que vive grande parte da população". Em segundo, *"a* luta em que nos empenhamos para fugir do subdesenvolvimento". E por terceiro, *"a* afirmação que o Brasil, como nação, está querendo fazer de sua própria personalidade". É um período no qual se fala em autodeterminação e nacionalismo.

Ano 1964. Ocorreu um golpe de estado no país. Para muitos, ele foi uma ação militar, com base na doutrina da Segurança Nacional, segundo a qual, apesar dos antagonismos e das pressões, os obje-tivos nacionais devem ser mantidos; para tanto, admite-se o uso da força, pelo Estado. Porém, o pesquisador René Armand Dreifuss, defende uma explicação mais abrangente sobre o que efetivamente se passara.

> O que ocorreu em abril de 1964 não foi um golpe militar conspirativo, mas sim o resultado de uma campanha política, ideológica e militar travada pela elite orgânica centrada no complexo IPES / IBAD, Tal campanha culminou em abril de 1964 com a ação militar, que se fez necessária, para derrubar o Executivo e conter daí para a frente a participação da massa.[8]

7. CEB. **Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro.** Volume II, pp. 3 e 4.

8. DREIFUSS, René Armand. **1964: A Conquista do Estado,** p. 230. IPES é Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais. IBAD é Instituto Brasileiro de Ação Democrática. A obra, recente, pode ser apontada como um clássico a fim de que se possa compreender, com profundidade, a mudança dos rumos políticos-econômicos do Brasil a partir de 1964.

> Na encruzilhada histórica de 1963, a elite orgânica centrada no complexo IPES / IBAD constituía a única força social entre as classes dominantes que possuía um projeto e um modelo coerente e coesos para o país. Em abril de 1964 tinha também o meio político, técnico e militar de realizá-lo.[9]

Ano 1966. Dois anos após o golpe de Estado, Nelson Werneck Sodré descrevia o balanço da derrota das forças democráticas no Brasil. Seu relato é contundente. Evidencia o sufoco que se instalara sobre o povo.[10]

Ano 1968. No dia 13 de dezembro o Presidente da República, Mal. Artur da Costa e Silva, baixou o mais severo dos Atos Institucionais do período pós 1964. O AI-5 (sigla que ficou por demais conhecida) concedia amplos poderes políticos ao Presidente, entre os quais o de decretar o recesso ao Congresso, o de legislar em todas as matérias. Abria as portas, também, para outros Atos Institucionais complementares. Até outubro de 1969, outros doze atos tinham sido baixados. Consolidara-se a força e centralização política do Poder Executivo.

Como se pode observar, os anos sessenta se iniciaram com uma expectativa de profunda mudança social no país, e acabaram em centralizado autoritarismo que muitos não hesitaram em denominar ditadura.

Ecuménico

Oikoumene representou, originalmente, um conceito geográfico e cultural. Designava *a terra habitada,* integrada historicamente de

9. Idem, p. 244.
10. "O balanço da derrota das forças democráticas, em nosso País, é realmente impressionante: a destruição da atividade sindical, dispersão dos quadros melhores que dirigiam as massas proletárias, instalação do policiamento nas organizações dos trabalhadores, cancelamento de seus direitos mais elementares, redução dos salários em numerosos setores, imposição de progressiva e continuada redução em todos, privação da escolha eleitoral, cassação de mandatos eletivos e privação de direitos políticos às personalidades mais eminentes e populares, dissolução de partidos, prisão de elementos os mais destacados em todos os campos da atividade política e cultural, exílio de dirigentes, mestres, artistas, cientistas, simulacro de legislação eleitoral, escolha de substituto do chefe do Governo por Congresso sem condições para isso, prorrogação de prazo de permanência no poder do chefe inicial do Governo oriundo do golpe de abril, processos sucessivos de milhares de brasileiros, jurisdição militar para julgamento desses processos, censura ao cinema, ao rádio, ao teatro, à televisão, à imprensa, à correspondência, destruição das organizações estudantis e da estrutura universitária, fechamento de entidades e instituições culturais, direitos ditatoriais concentrados nas mãos do chefe do Executivo, cancelamento do resguardo da patente dos militares, da inamovibilidade e intangibilidade dos juízes, violação dos direitos individuais, com invasão de domicílios, apreensão de correspondência, livros, documentos privados, prisões sem motivo, sem mandato e sem prazo, apreensões de livros e invasão de editoras, suspensão de jornais e revistas e. por fim, culminando essa série de atentados, de arbitrariedades e de violências, uso constante da tortura e do assassínio, institucionalização da delação, fundação de amplo sistema de espionagem, entrega do controle da economia e das finanças do País a forças estrangeiras, submissão total na política exterior ao imperialismo, adoção de planejamento económico que leva à desnacionalização, ao desemprego, à estagnação, desespero em quase todos os lares, divisão e ódio estabelecjdos como sistema, — o Brasil verdadeiramente arrasado política, económica, social e cuíturalmente". SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à Revolução Brasileira,** pp. **251** e **252.**

alguma forma pelo mundo cultural grego ou pela lei e poder romano. Em nosso século, o termo ganhou novas acepções, que guardam certo vínculo com o sentido original, mas que apontam para um outro sentido.

Oficialmente criado em 1948, o Conselho Mundial de Igrejas (que em francês é *Conseil Oecuménique des Êglises)* conceituava o vocábulo na seguinte direção.

> A palavra ecuménico se emprega adequadamente para descrever o que se relaciona com a tarefa total da Igreja inteira de levar o Evangelho ao mundo inteiro. Por conseguinte abarca ao mesmo tempo o movimento missionário e o movimento para a unidade, e não deve ser empregada para descrever este último em contradição com o primeiro.[11]

A ICR se utiliza do vocábulo ao designar sua magna reunião eclesiástica, sínodo de todos os seus bispos, o Concílio Ecuménico Vaticano II. Segundo Kloppenburg, o ecuménico, nesta nomenclatura, tem o sentido tradicional de "universalidade" ou "catolicidade", na medida em que abrange a ICR em todo o globo, e ao mesmo tempo não retira ao Concílio o objetivo de ter sido também "ecuménico" na acepção de favorecer a unidade dos cristãos.[12]

O ecumenismo é a promoção do ecuménico. Nos anos sessenta, vários autores se preocupavam em discorrer sobre o tema.

O teólogo católico, Yves Congar, apresenta com lucidez o sentido do ecumenismo.

> O ecumenismo não é uma atitude diplomática ou universitária. É uma atividade essencialmente cristã, como o apostolado ou a missão. Nele se lançam as almas na medida de atitudes feitas de fé, de amor, de oração, de serviço mútuo. Trata-se de realizar um capítulo da história da salvação e não um capítulo da história profana. A oração representa, aqui, a primeira e mais preciosa das condições. Tem por efeito, antes de tudo, purificar-nos o coração. O trabalho ecuménico não é um malabarismo intelectual, feito de competência e habilidade. Exige uma conversão profunda do coração do ser humano e de toda sua atividade cristã.[13]

Entre os contrários ao ecumenismo, sobretudo nos meios protestantes tradicionais, estavam aqueles que o acusavam de ser uma corrente teológica modernista. Contra essa tese, o EC publicou, por exemplo, matéria elaborada por Gonzalo Baez Camargo (leigo metodista, mexicano, conhecido internacionalmente): "O movimento ecuménico não é uma certa escola ou corrente teológica. Tem bases

11. EC, 15 de agosto de 1961, p. 2.
12. KLOPPENBURG, Boaventura. **Compêndio do Vaticano II,** pp. 11 e 12.
13. **EC,** 1.° de dezembro de 1962, p. 12. O escritor católico Tristão de Ataide, em matéria transcrita pelo EC, cita trecho do livro **Aspects de L'oecuméníque,** de P. Congar.

bíblicas e teológicas, mas não é, ele mesmo, um sistema de teologia".[14] Não se trata, portanto, de discutir entre teologia modernista ou fundamentalista. O autor continua.

> A palavra ecuménico tem um conteúdo sinónimo de *universal* ou *mundial,* somente com referência particular à cristandade. Mas não é somente termo geográfico, como também corporativo. Neste segundo sentido, equivale a interdenominacional, e consiste num movimento de aproximação fraternal, compreensão mútua e cooperação prática entre cristãos de diversas denominações, seja individual ou coletivamente.[15]

A Pastoral dos Bispos da IMB (1965) possui um tópico versando sobre o ecumenismo. Afirmaram os líderes da Igreja que

> O ecumenismo não pretende a união orgânica das Igrejas, mas apenas dar expressão concreta no nível das congregações locais da Unidade da Igreja que já existe em Cristo. O ecumenismo, todavia, não fecha as portas à união orgânica dos diferentes ramos da cristandade.[16]

Apesar de tantos conceitos, aqui e ali apresentados, não havia uma inquestionável *definição.* As ideias variavam. Com elas, divergiam os objetivos que cada participante do movimento ecuménico, a seu modo, tinha em mente. Para muitos, tornou-se impossível ser cristão sem ser igualmente ecuménico.[17]

O agir ecuménico não seria um procedimento natural dos evangélicos, das assim chamadas denominações protestantes em geral, no Brasil? A resposta é não. Embora a análise particularizada desta questão não esteja no escopo deste trabalho, observemos alguns pontos.

Pelo fato de não haver no Brasil um Conselho Nacional de Igrejas (embora existisse a CEB) não se realizava um diálogo ecuménico com maiores atenções para os aspectos históricos e teológicos. No princípio da década, somente os metodistas (desde 1942, quando ainda em formação) e os luteranos (desde 1950) faziam parte do CMI. Em 1966 ocorreu a filiação dos episcopais.[18] Em 1968, deu-se o ingresso da Igreja Evangélica Pentecostal "O Brasil para Cristo". Menos conhecida, não se pode esquecer que a Igreja Reformada Latino-Americana também faz parte do CMI. Embora com escassos recursos, diante de um país tão vasto, os protestantes não possuíam um Seminário Evangélico Unido. Em sua *História Documental do Protestantismo no Brasil,* Duncan Alexander Reily aponta aspectos que

14. EC, 15 de agosto de 1963, p. 1.
15. Idem, p. 9.
16. EC, 15 de novembro de 1965, p. 3.
17. Veja-se, por exemplo, o artigo "Que é ser ecuménico", de Irineu Cunha (redator de **Portugal Evangélico)** publicado no EC de 15 de dezembro de 1966. É o ANEXO I deste volume.
18. Essas três seriam as denominações mais empenhadas no ecumenismo, a ponto de poderem, finalmente, em 1982, constituírem, juntamente com **a** ICR, **o** Conselho Nacional de Igrejas Cristãs — CONIC

se constituíram em empecilho ao ecumenismo no território brasileiro. Os batistas, por exemplo (aceitando que cada igreja local é e deve ser independente e governada por si mesma, e dando ênfase à natureza espiritual do cristianismo), e os presbiterianos (acreditando na excelência de seu sistema eclesiástico) são duas denominações que, aliadas aos pentecostais de modo geral (muito divididos), não revelaram empenho ou interesse ecuménico; pelo contrário, firmaram-se em posições anti-ecumênicas.

Ampliando-se os horizontes do pano de fundo do ecumenismo na época, convém ressaltar que, nos anos sessenta, ocorreram importantes mudanças. Na âmbito do CMI por exemplo, enquanto estudos teológicos e assembleias se realizavam, e o Conselho Internacional de Missões nele se integrava, o próprio Conselho — deixando de agrupar preponderadamente igrejas protestantes históricas e suas ramificações — viu-se diante do fato de nele ingressarem os ortodoxos, os pentecostais e outras igrejas inseridas em países do Terceiro Mundo, as quais transportavam para os contactos e diálogos as suas ênfases teológicas, seu estilo de adoração, suas aspirações, seus problemas particulares e suas lutas de transformação das sociedades nas quais historicamente se implantam. De outro lado, a renovada postura dos católicos romanos, evidenciada nos documentos emanados do seu Concílio Vaticano II, influenciou o movimento ecuménico, embora eles permanecessem no seu isolacionismo eclesiástico ainda insuperável. A nível de Brasil, para muitos foi difícil considerar o então herege e idólatra católico, como "irmão" em Cristo; para outros, foi impossível assumir esse modo de ver e pensar.

Diante do que até aqui foi exposto, indagamos: O que é uma Igreja ecuménica? Para o âmbito deste estudo, formulamos o seguinte conceito: — São *ecuménicas* as Igrejas (de diferentes tradições ou da mesma tradição, mas divididas por questões particulares) que praticam (como corpo eclesiástico, ou pela ação individual de seus membros) atos em comum (estudos, celebração, ajuda, convívio, evangelização, prestação de serviço ao mundo) e, se possível, pleiteiam unidade orgânica entre si.

A intenção do presente trabalho académico é demonstrar que (nos limites já estipulados, Brasil: 1960-1971) houve metodistas que tiveram uma vivência ecuménica. Os aspectos dessa vivência serão apresentados no corpo do trabalho. Percorrendo o índice, o leitor encontrará o caminho que se pretende palmilhar. Em cinco capítulos, são apresentados: ensino e normativas para a vivência ecuménica dos metodistas e, a seguir, o relacionamento da IMB com Igrejas Metodistas, com os evangélicos nacionais e com os católicos romanos, além de outros contactos e cooperações a nível internacional.

Acreditamos que o território do diálogo ecuménico está em aberto. É bem possível que ainda seja válida a constatação da Comissão de Estado Geral da Igreja, da 2.ª RE, quando, em relatório ao seu Concílio (1967), assim se expressou:

> Esta comissão manifesta a sua preocupação no que se refere ao crescimento do chamado "Movimento Ecuménico". O ecumenismo pegou--nos despreparados. Urge que saibamos muito bem (1) a respeito da história e doutrina de nossa Igreja, (2) da história e doutrina da Igreja com que dialogamos e (3) a história e natureza do movimento ecuménico. Só assim preparados é que podemos partir para o diálogo ecuménico.[19]

Com data de 2 de janeiro de 1960, o Relatório do Secretário Geral de Ação Social revelava: "desejo ampliar a participação metodista nas atividades interdenominacionais, pois sentimos que o metodismo tem uma contribuição positiva nos movimentos ecuménicos".[20]

A intenção, proferida nos primórdios dos anos sessenta, continua válida para hoje. Na estrutura do metodismo está a vontade e a ação ecuménica. É o que será visto a seguir.

19. Atas, CR 2.» RE, 1967, p. 37.
20. Atas, CR 3." RE, 1960, p. 43.

II

ENSINO E NORMATIVAS PARA A VIVÊNCIA ECUMÉNICA DOS METODISTAS

Neste capítulo são analisados documentos oficiais. da IMB e publicações oriundas de órgãos de nível nacional.

Ensino ecuménico em manuais de estudo

Os manuais de estudo, editados na década de sessenta, primordialmente visavam implementar entre os metodistas as ideias dos planos quinquenais aprovados nos concílios gerais. Nesses manuais houve ensino para a vivência inter-eclesiástica dos metodistas.

1. Manuais do Plano Quinquenal 1961 a 1965

O VIII Concílio Geral aprovou o tema "A Igreja local no plano de Deus" para o plano do quinquénio 1961-1965.' No segundo trimestre de 1962, tendo por temática "A Bíblia revela a Missão do Leigo", o respectivo manual dedicou metade de suas páginas ao Credo Social da IMB, indo diretamente ao ecumenismo.[2]

O estudo, com inequívocas colocações, inicía-se pela abordagem do conceito *ecuménico,* a partir da origem grega do vocábulo, até concluir que, na atualidade, ecuménico "aplica-se ao espírito de compreensão e de boa vontade que deve reinar entre os cristãos, qualquer

1. Para cada ano, uma ênfase. 1961, A Igreja local e sua missão; 1962, A Igreja local **e sua** cultura bíblica e religiosa; 1963, A Igreja local e a família; 1964, A Igreja local e a comunidade; 1965, A Igreja local e o reino de Deus. **Atas,** Concílio Geral, 1960, pp. 50 **a** 52. Posteriormente ocorreram modificações, invertendo-se as temáticas de 1963 e 1964.
2. IMB, Secretarias Gerais. **A Bíblia Revela a Missão do Leiqo,** p. 79. Esse manual foi reeditado sob o título "Ação Leiga e Preocupação Social da Igreja". Os demais manuais, editados no quinquénio, foram: **"A Bíblia Apresenta o Plano de Deus"** (1.° trimestre de 1962); **"A Bíblia Proclama a Mensag«m da Salvação"** (3.° trimestre de 1962); **"A Bíblia Alimenta a Vida Espiritual"** (4° trimestre de 1962); **"A Igreja age na Comunidade através do Leigo"** (1.° trimestre de 1963); o único a sair no ano, embora outros tivessem sido pensados); ***"A* Igreja Local e a Família"** (ano de 1964, consistindo em um manual de sugestões); **"A Família Cristã Hodierna",** revista do Curso Popular, Periódicos de Educação Religiosa, 3.° trimestre de 1964; edição especial para **a IMB.**

> fosse parar nas mãos de outros. Por mais que a Igreja se estruturasse para orientar o seu povo, deixava de lado o seu mais eficiente instrumento. Além do mais, certas ênfases metodistas eram quase de todo esquecidas: nossas doutrinas, nossa preocupação pelo Calendário Cristão, nosso desejo de um estudo bíblico sistematizado, nossa visão da História da Igreja, nossa preocupação social. Mas, mais básico ainda: a forma pedagógica de ensino estava superada e exigia atualização.[30]

Um dos elementos em jogo, portanto, era a consciência que a IMB desejava imprimir às suas comunidades, ensinando sobre suas fontes históricas e seu modo de participar na missão, como integrante do Povo de Deus.

A criação do currículo para metodistas não era para isolá-los; pelo contrário, tinha por objetivo prepará-los para seu relacionamento com o mundo, campo da missão; inevitavelmente, estaria presente a questão ecuménica, seu relacionamento com as outras Igrejas.

Embora 1967 fosse o ano do centenário da implantação do metodismo no Brasil, os estudos para a escola dominical não se constituíram em introversão ou auto-louvor. Pelo contrário, a decisão foi no sentido de que houvesse uma "dimensão histórica".[31] Assim, as lições se iniciaram com a história do Povo Escolhido, passaram pela História da Igreja Cristã, apresentaram a História do Metodismo e, concluindo o ano, relacionaram tudo isso ao testemunho de vida de cada aluno. Esta sistemática foi utilizada nas revistas dos vários departamentos: Primário A, Primário B, Juvenis, Jovens, Adultos.[32]

Análise de conteúdo evidencia que a temática ecumenismo foi abordada já no primeiro ano do currículo metodista. Em lição da unidade (unidade na acepção de conjunto de lições sobre um mesmo assunto) "Visão Histórica da Igreja", acha-se:

> É necessário que se procure entender a Unidade da Igreja a partir de estudos bíblicos sérios. A unidade da Igreja não é invenção humana (a divisão, sim!), mas é algo dado por Deus e revelado em sua Palavra. (...) apontamos a necessidade de todos agirem numa busca de conhecer a melhor maneira de manifestar a Unidade da Igreja.[33]

30. EC, l.o de abril de 1967, p. 1.
31. Para o currículo do período 1967-1970, a reunião preparatória, reunida de 21 a 24 de abril de 1966, definiu o seguinte objetivo: "levar os alunos a uma compreensão existencial:
— da Escritura, — dos eventos históricos que assinalaram o drama da revelação divina,
— da natureza, vida e missão da igreja, — da herança metodista, o que significa crescimento na relação com Deus em Cristo, dentro da comunidade dos cristãos e o desejo de participar em sua adoração, testemunho e serviço". EC, 15 de agosto de 1966, p. 7.
32. Quadro demonstrativo acha-se no EC, 1.° de setembro de 1968, pp. 6 e 7.
33. **Em Marcha,** abril, maio, junho, 1967, pp. 44 a 46, lição "O Corpo de Cristo Esquartejado", que tratou do cisma da Igreja em 1054. Na mesma unidade, uma lição abordou a vida de Santo Agostinho ("Toma e Lê", pp. 28 a 31); outra, o período da "constantinização" da jgreja ("Perigo à Vista", pp. 32 a 34); Há estudo sobre "credos" ("O sopro do Espírito", pp. 40 a 42) e outros. Na revista, como leitura suplementar, o artigo "Conseguirá o Bispado de Roma perder seu complexo de superioridade?", no qual William Schisler Filho trata também sobre ecumenismo (pp. 14 **a** 19).

No ano seguinte, "ecumenismo" foi ainda abordado. Na lição "A tragédia da divisão", afirmava-se: "Nossa era tem sido caracterizada como a Era ecuménica". Mas, "nossas igrejas, especialmente no nível'local, não têm orientação bíblica sobre o ecumenismo".[34] Superar um pouco essa deficiência, eis o propósito do estudo; segundo esse, um exame adequado das Escrituras mostra que a unidade da Igreja se baseia em quatro fundamentos: a unidade da fé no Espírito; o fundamento em Cristo; o fundamento na doutrina da Igreja; o fundamento missionário.

Outra lição específica, em 1969, "A Igreja reconhece sua unidade". Segundo essa, o reconhecimento da unidade da Igreja se realiza por etapas.

> Estabelece-se primeiro dentro de linhas denominacionais em que igrejas da mesma raiz histórica (.....) se reconhecem mutuamente e estabelecem linhas de cooperação, que eventualmente levam a fusão... (.....) O segundo passo ... se estabelece entre Igrejas que pos suem um certo número maior de doutrinas afins, tais como as igrejas protestantes que frequentemente se coligam. . . O passo seguinte . . . é que se estabelece entre Igrejas de posições doutrinárias bem diversas, tais como a Ortodoxa, a Católica e as Protestantes" ... é ... mais difícil expressar o reconhecimento desta unidade em termos mais con cretos, principalmente quando as relações entre os grupos não foram as mais amistosas no passado. . .[35]

Porém, a temática surgiria com vigor somente em 1970, sob o título "O ecumenismo e suas fronteiras", em treze lições que tinham por objetivo conduzir o aluno a compreender "os fundamentos e sentido do ecumenismo, a delimitação de suas fronteiras, de maneira a preparar . . . para contactos ecuménicos com outros grupos religiosos".[36] Na lição "A Igreja em busca de si mesma", percorreu-se rapidamente a história do movimento ecuménico (partindo de 1854, quando, em Nova Iorque, encontraram-se representantes de Sociedades Missionárias, até chegar ao contemporâneo CMI). Ao final, algumas perguntas para o aluno refletir.

34. **Cruz de Malta,** abril, maio, junho, 1968, pp. 28 a 30. Artigos de leitura suplementar, no ano: "Ecumenismo", por Eber Ferrer, secretário de UBRAJE **(Cruz de Malta,** janeiro, fevereiro, março, 1968, pp. 8 a 12). "Andarão ... juntos se não houver entre eles acordo?", por Aluísio F. Siqueira, historiando o movimento ecuménico **(Em Marcha,** julho, agosto, setembro, 1968, pp. 4 **a** 9).

35. **Cruz de Malta,** abril, maio, junho, 1969, pp. 47 e 48. Na lição, **a** definição da natureza da unidade da Igreja, de acordo com pronunciamento aprovado na Assembleia do CMI em Nova Delhi, 1961: "Acreditamos que a unidade é, simultaneamente, desejo e dom de Deus para a sua Igreja; ela se concretiza toda vez que os cristãos, batizados em Jesus Cristo, o confessam como Senhor e Salvador, sendo levados pelo Espírito Santo à mais ampla e plena comunhão. Aí, aceitam a fé apostólica, pregam o mesmo Evangelho, comem juntos do mesmo pão, unem-se em oração comum e se organizam em vida cooperativa que influencia em testemunho e espírito de serviço a todos quantos estão ligados à comunidade cristã, em todos os lugares e épocas. Como consequência, todos — pastores e leigos — são plenamente aceitos pela comunidade, podendo agir e falar em conjunto, sempre que a oportunidade se lhes apresentar e todas as vezes que surgirem tarefas para as quais Deus. chama o seu povo" (p. 47).

36. EC, 1.° de setembro de 1968, p. 7.

> Você acha que as igrejas locais estão devidamente informadas a respeito dos significados e dos atos do Conselho Mundial? Você acha que isto é necessário? Que poderia sua igreja fazer para expressar localmente o seu espírito ecuménico que se corporifica no CMI?[37]

A revista *Ensino Eficiente 2*, destinada aos professores de jovens ou adultos, trouxe a íntegra da Constituição do CMI e um organograma de sua estrutura funcional.[38]

Na lição conclusiva, o autor, referindo-se ao metodismo mundial, afirma que a participação desse tem se desenvolvido em três direções: (a) contribuição com pessoas; (b) com apoio financeiro para entidades e (c) projetos ecuménicos. Mas, conclui:

> ... uma de nossas grandes contribuições ao espírito do ecumenismo está na ênfase que damos ao evangelho como algo que necessariamente deve se manifestar em vidas transformadas, procurando a "justificação somente pela fé" com a ética disciplinada da "fé que obra por amor", servindo nós, assim, como elo de ligação entre as grandes confissões tradicionais . . . que insistem continuamente nas obras, a ponto de olvidarem a fé.[39]

Normas para a vivência ecuménica dos metodistas

A legislação, as decisões conciliares e a palavra episcopal se constituem em fontes normativas para a vivência dos metodistas no Brasil. O que orientaram no que diz respeito ao ecumenismo?

1. As Constituições da Igreja Metodista do Brasil

Segundo sua Constituição, a Igreja Metodista do Brasil, autónoma desde 2 de setembro de 1930, se auto-define como "uma Igreja ... continuação do Metodismo, ramo histórico da Igreja Universal de Jesus Cristo, fundado na Inglaterra por João Wesley, em 1739".[40] Essa é a primeira reflexão ecuménica dos metodistas: consideram-se Igrejas entre Igrejas. Afirmam, e buscam, sua identidade cristã, mas não excluem a possibilidade de outras identidades.

Em verdade, as Constituições da IMB não consideram especificamente a questão *ecumenismo.* Mas aborda-se o tema referente à cooperação com outras Igrejas. Nas Constituições de 1960 e 1965 há detalhes sobre o relacionamento entre a IMB e a Igreja Metodista (re-

37. Cruz de Malta, julho, agosto, setembro, 1970, p. 11.
38. **Ensino Eficiente 2,** julho, agosto, setembro, 1970, pp. 35 **e** 36.
39. **Cruz de Malta,** julho, agosto, setembro, 1970, p. 44.
40. **Cânones, 1960.** Constituição, Art. 1.°, p. 11.

ferindo-se à Igreja situada nos EUA[41]). E a Constituição aprovada no X Concílio Geral (1970 e 71), sem entrar em detalhes, afirma que "a Igreja Metodista mantém relações de cooperação com outras Igrejas, na forma estabelecida nos Cânones".[42]

2. O Credo Social

Desde a publicação da primeira edição nacional dos seus *Cânones* (1934) o metodismo brasileiro possui um Credo Social (essa edição canónica fundamentou-se na *Methodist Discipline* de 1922, que possuía um Credo Social; esse, na sua forma primitiva, data de 1908, quando da organização do Conselho Federal das Igrejas de Cristo nos EUA). Embora a preocupação do texto não estivesse diretamente voltada para a questão ecuménica, no referido Credo está a seguinte expressão: "A IMB (...) declara-se solidária com os demais ramos da Igreja de Cristo na defesa dos seguintes princípios". E se-guem-se dezesseis afirmações, em sua maioria voltadas para os problemas das condições do trabalho e das relações entre operários e patrões.[43] Esse dado era pouco conhecido, pelos metodistas em geral, no Brasil.

O VIII Concílio Geral da IMB (1960) aprovou significativa modificação no Credo Social (que também foi mais divulgado que o anterior), tornando-o mais abrangente quanto a assuntos tratados: I. Nossa Herança; II. Base Teológica; III. Ordem * Político-Social e Económica; IV. Males Sociais; V. Responsabilidades Civis; VI. Ecumenismo; VII. Nossa Ordem: Ler, Estudar, Aplicar.

O teor ecuménico desse Credo Social é mais acentuado. Inicialmente, referindo-se à "nossa herança", afirma que a IMB é "vinculada ao Metodismo universal por suas relações fraternais e de ordem estrutural".[44] Os metodistas brasileiros constantemente declaram seu vínculo histórico e institucional com os demais metodistas.

No item que considera especificamente o "ecumenismo" estão alguns princípios e informações relevantes. Afirma-se que "o metodismo sempre se caracterizou pelo espírito ecuménico, pela tolerância e respeito à opinião alheia"; trata-se de uma igreja que "participa

41. Ver a nota 3, capítulo três.
42. **Cânones,** 1971. Constituição, Art. 16, p. 14. A omissão de várias palavras na edição canónica da Constituição de 1971, em seu artigo 1.° (p. 11) resultou no seguinte: "Art. 1.° — Pela proclamação constituiu-se, no Brasil, uma Igreja Universal de Jesus Cristo, continuação do Metodismo, movimento iniciado na Inglaterra, por João Wesley, no século XVIII". Corretamente, segundo as Atas, Suplementos e Documentação do X Concílio Geral, p. 92, o referido artigo é: "Pela proclamação (.....) constituiu-se, no Brasil, uma Igreja autónoma, continuação do Metodismo, ramo histórico da Igreja Universal de Jesus Cristo, continuação do Metodismo iniciado na Inglaterra por João Wesley, na século XVIII".
43. **Cânones,** 1934. pp. 32 **e 33.**
44. **Cânones,** 1960. Credo Social, p. 234.

ativamente dos movimentos de cooperação interdenominacional".[45] Mais ainda: em alguns países, como o Canadá, Japão, Índia, os metodistas tomaram parte nos programas de união que resultaram em Igrejas Unidas (Igreja Unida do Canadá, Igreja de Cristo no Japão, Igreja Cristã do Sul da índia).

0 Credo Social lembra as expressões wesleyanas, indicadoras de sua visão universal da obra da Igreja: "A minha paróquia é o mundo"; "se teu coração é reto perante Deus como é o meu, dá-me a tua mão, somos irmãos". Recorda que a IMB é parte integrante do Conselho Mundial de Igrejas. E apresenta um conceito de ecumenismo: "é a prova da fraternidade dos crentes e seu testemunho de fé perante o mundo". É uma atitude que permite à Igreja responder à oração sacerdotal de Jesus: "que eles sejam um . . . para que o mundo creia que tu me enviaste".[46]

Embasado nestas considerações, o Credo Social proclama os seguintes procedimentos ecuménicos:

> 1 — Estreitamento dos laços de amizade com as denominações irmãs, através da troca de informações, encontro com os líderes e participação nos movimentos especiais de confraternização.
>
> 2 — Promoção de trabalho em conjunto nos setores social, educativo e evangelístico.[47]

O IX Concílio Geral (1965) não realizou modificações no Credo Social; o texto continuou o mesmo, como um dos "anexos" dos *Cânones.* Até 1955 o Credo Social integrava-se como uma das seções do capítulo "Das Doutrinas e Costumes". Foi na edição dos *Cânones* 1971 que ele retornou a esse capítulo.[48] Seu conteúdo, bem mais reformulado, não apresenta uma parte específica sobre ecumenismo. Porém, não é omisso ao tema, pois contém esparsas referências.

Assim, em "nossa herança", acha-se: "4. A Igreja Metodista participa dos propósitos de unidade cristã e serviço mundial do Conselho Mundial de Igrejas".[49] E no tópico "bases bíblicas":

> 7. Cremos que a comunidade Cristã Universal é serva do Senhor; sua missão nasce sempre dentro da missão do seu único Senhor que é Jesus Cristo. A unidade cristã é dádiva do sacrifício do Cordeiro de Deus; viver divididos é negar o Evangelho.[50]

45. Idem, p. 240.
46. **Cânones,** 1960. Credo Social, p. 241. Cf. João 17.21, um dos textos mais citados no movimento ecuménico.
47. Idem, p. 241.
48. O artigo 12 dos **Cânones,** 1971, que explicita qual é a tradição doutrinária metodista, não menciona o Credo Social. Nesse particular, a Constituição de 1971 é mais precisa; no seu Artigo 4.°, § 1.° — "A tradição doutrinária metodista orienta-se pelo Credo Apostólico, pelos Vinte e Cinco Artigos de Religião do Metodismo Histórico e pelos Sermões de João Wesley e suas Notas sobre o Novo Testamento. § 2° — A doutrina social da Igreja Metodista se expressa no Credo Social", (p. **12).**
49. **Cânones,** 1971. Credo Social, p. 25.
50. idem, p. 26.

O Credo Social reafirma o vínculo da IM como Metodismo Universal, "por unidade de fé e relação de ordem estrutural estabelecidos nos Cânones".[51]

É preciso levar em conta que esse Credo Social foi elaborado após uma década de variadas, e também problemáticas, experiências para a IMB no campo ecuménico (uma das razões do II Concílio Geral Extraordinário, 1968, foi o ecumenismo). Seu texto mostra-se mais teológico e não diretivo quanto a procedimentos. Estabelece bases, mas não aponta detalhes sobre o que deve ser feito. Colocando o CMI como referencial, evitou entrar em pormenores, e deixou em aberto a evolução e dinâmica do processo ecuménico. Por outro lado, vinculando a questão ecuménica ao "evangelho", a "Jesus Cristo", indicou a seriedade, profundidade, historicidade e constante atualida-de do tema.

3. Os Cânones

Nos Cânones[52] de 1960 há poucas referências ao ecumenismo; a Junta Geral de Ação Social é a encarregada da promoção do desenvolvimento do ecumenismo; compete às Juntas Regionais a mesma promoção nas regiões eclesiásticas.[53]

Nos Cânones de 1965, no artigo que se refere aos privilégios, direitos e deveres dos membros da Igreja, lê-se, como um dos deveres: "cooperar com o trabalho de outra Igreja, onde não haja trabalho metodista".[54]

Nos Cânones de 1971 o ecumenismo está explícito:

> A Igreja Metodista, segundo o ensino de Jesus Cristo, reconhece a unidade dos cristãos e aspira à união das igrejas. Admite, todavia, a existência de Igrejas autónomas e, com aquelas cujos princípios doutrinários e costumes não conflitam com a Palavra de Deus, dispõe-se a manter relações de cooperação.[55]

Entre os deveres dos membros da Igreja, os Cânones sustentam o de "cooperar com o trabalho de outros ramos da Igreja onde não há trabalho metodista".[56] Incluiu-se o vocábulo *ramos.*

Ao nível das intenções, os Cânones de 1971, coroamento do debate da década de sessenta, consagram uma ampla visão ecuménica

51. idem, p. 25.
52. Tanto a Constituição da Igreja, bem como o Credo Social, são editados no livro denominado **Cânones da Igreja Metodista.** Nesse, há também uma extensa legislação adjetiva, lei que "regulamenta e complementa" a Constituição, lei substantiva **(Cânones,** 1971, Constituição, Artigo 19, p. 14). Neste item, a denominação **Cânones** aplica-se especificamente a esta legislação. Na edição dos Cânones de 1982, este bloco de artigos da legislação adjetiva é denominado "Parte Especial".
53. **Cânones,** 1960. Art. 243, 3, d; Art. 260, 4, pp. 135 e 139.
54. **Cânones,** 1965. **Art. 17, C, 5, p.** 32.
55. **Cânones,** 1971. Art. 8°, **p. 16..**
56. idem, Art. 19, A, p. 36.

da cooperação, confirma-se a indicação de aspiração de união de igrejas.[57]

4. Comissão para ecumenismo, a nível geral

De acordo com sua incumbência, em 1960 a Junta Geral de Ação Social apresentou ao plenário do VIII Concílio Geral dois documentos para aprovação: Credo Social (reformulado) e "Considerandos sobre o Ecumenismo".[58]

Como "considerandos" sobre o ecumenismo, argumentou-se: A Igreja de Cristo é una na sua natureza essencial: tal medida deve ser refletida na estrutura da Igreja; a oração de Cristo (para que todos sejam um) é um desafio constante perante as divisões deno-minacionais; o metodismo tem, historicamente, tolerância e respeito mútuo; mundialmente, o metodismo participa de movimentos de cooperação interdenominacional; em outros países, os metodistas aderiram a movimentos de união de Igrejas; e, finalmente, a IMB já pertence ao CMI.

A partir dessas considerações, a JUGAS solicitou autorização para nomear uma comissão, com as seguintes finalidades:

> 1. Estreitar os laços de amizade cristã com as denominações irmãs através da troca de informações, encontro com os líderes e movimentos especiais de confraternização.
>
> 2. Iniciar trabalhos em conjunto em setores social, educativo (inclusive teológico) e evangélico (inclusive grandes reuniões em que evangelistas de renome trabalhem, e em cooperação com tantas denominações, tanto quanto possível).
>
> 3. Iniciar conversações com as denominações irmãs, a partir daquelas mais chegadas ao Metodismo para examinar a possibilidade de união orgânica com uma ou mais delas.[59]

57. **Os Cânones** de 1974 não contem o supra citado Artigo 8.°. Ouanto ao dever do membro da Igreja, ficou sendo o de "esforçar-se por iniciar trabalho metodista onde não exista, ou participar no trabalho de outros ramos da Igreja" **(Cânones,** 1974. Art. 5.°, 5). Não é de se admirar que tenha sido essa a nova redação. Na década de sessenta, vozes creditavam ao ecumenismo a perda do ímpeto evangelizador dos metodistas. Assim, em entrevista, o Bispo José Pedro Pinheiro afirmara: "Nosso espírito ecuménico e compreensivo, que às vezes nos subtrai à agressividade evangelizante, nos coloca, no entanto, entre os crentes de boa vontade, que encontram um lugar em qualquer parte do universo" (EC, 15 de outubro de 1964, pp. 1 e 2). Relatório da Comissão de Estado Geral da Igreja **(Atas,** CR 6." RE, 1961, p. 33) informava: "Não'há consciência cristã denominacional em relação à nossa Igreja, pois os membros ao **se** mudarem para uma cidade preferem acomodar-se a uma outra denominação do que hastear a bandeira metodista". A Junta Regional de Missões e Evangelização da 2." RE apresentou relatório ao Concílio em 1970 (EC, de 31 de outubro de 1970, p. 8), com a seguinte introdução: "Em face das preocupações expressas em plenário a respeito das relações ecuménicas e evangelização..."; seguem-se declarações: "1 — Ecumenismo não significa, de modo algum, esvaziamento da missão da Igreja e do zelo missionário". "3 — Como parte da Igreja de Jesus Cristo, o imperativo missionário da Igreja Metodista é proclamar o Evangelho a toda criatura, em todo o tempo **e** por todos os meios deixando a seu critério a escolha da confissão cristã onde sua fé se expresse autenticamente".

58. **Atas,** Concílio Geral, 1960, p. 110.

59. idem, p. 110.

O documento-proposta da JUGAS, aprovado pelo plenário conciliar, esclarecia ainda que essa comissão não poderia comprometer a IMB à união com outra Igreja, mas relataria o progresso de suas conversações ao IX Concílio Geral pára a sua decisão.

Uma das finalidades salientava a possibilidade de união orgânica. A essa comissão, portanto, foram atribuídas possibilidades além daquelas expressas no Credo Social aprovado na mesma ocasião. Havia uma expectativa de avanço no diálogo ecuménico, que conduziria a uma possível união de Igrejas; aguardava-se que a comissão a ser constituída pudesse trazer algum pronunciamento ao próximo Concílio Geral. Aprovado o pedido da lunta, nasceu a Comissão de Atividades Ecuménicas.[60]

Perante o IX Concílio Geral (1965) relatou essa comissão, comunicando significativos avanços. O relatório[61] afirma que durante aqueles últimos cinco anos "o clima ecuménico sofreu grandes modificações". As circunstâncias eram todas favoráveis. Exemplo das mudanças foram os acontecimentos relacionados com a última assembleia do CMI e o Concílio Vaticano II, além de outros tidos como os mais importantes desde 1960.[62]

Na opinião do relator, além dos contactos da comissão com a Igreja Metodista Livre, Igreja Cristã de São Paulo e Missão da Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos, o principal trabalho, no primeiro quinquénio de sua existência, foi a mobilização que resultou na Comissão Ecuménica Inter-Eclesiástica — CEIE — com estatutos aprovados.

Findo o IX Concílio Geral, a Comissão Ecuménica continuou legalmente existindo, sob a denominação de Comissão Geral de Ecumenismo, com *status* mais elevado no organograma da IMB, uma vez que passou a ser uma das Comissões Permanentes do Concílio Geral. Composta de três presbíteros e três leigos[63] sua finalidade ficou assim expressa:

60. idem, p. 10. Seus primeiros componentes: Duncan A. Beily e Rev. William Schisler Filho.
61. O relatório da Comissão de Atividade Ecuménicas, ao que parece não foi formalmente apresentado em plenário conciliar; nas **Atas,** ele está editado na parte 'outras informações". Mas isso não lhe tira o valor histórico documental. **Atas.** Concílio Geral, 1965, p. 244.
62. Com base na opinião do Rev. Raymond E. Maxwell, do CMI, o relatório aponta os "cinco acontecimentos ou desenvolvimentos mais importantes desde 1960"; a saber: 1. A participação numericamente crescente de cristãos e de Igrejas no movimento ecuménico; 2. O movimento dentro da Igreja Católica Romana, avivado pelo Concílio Vaticano II, aumentando as oportunidades do diálogo Protestante-Católíco; 3. A Integração do CMI (renovação e unidade) com o Conselho (no relatório está Concílio) Internacional Missionário (evangelização e testemunho); 4, A crescente compreensão de que as "Igrejas do mundo inteiro têm um testemunho comum a dar para a redenção do mundo todo. inclusive quanto às ordens sociais, económicas e políticas"; 5. A aumentada solidariedade das Igrejas em ministrar a necessidade humana. O relator, Rev. Duncan Alexan-der Reily, mencionou também os movimentos em países de todos os continentes, visando a união orgânica de diversas Igrejas. **Atas,** Concílio Geral, 1965, pp. 244 e 245.
63. **Atas,** Concílio Geral, 1965, p. 118. Presbíteros: Pythago.ras Daronch da Silva, presidente: William Richard Schisler Filho, Isnard Rocha; leigos: João Wesley Dornellas, Elias Jorge de Melo, Lineide Salvador.

> Cuidar dos interesses da Igreja com respeito às atividades ecuménicas, indicar nomes para eleição de representantes da Igreja nos órgãos de cooperação e de caratcr ecuménico, e desenvolver pelos meios de divulgação a propaganda do movimento e a preparação de líderes.[64]

O confronto entre esse artigo e as finalidades, incluídas no documento "Considerando sobre o Ecumenismo", deixa transparecer um certo recuo ou, pelo menos, indefinição com referência à aproximação, para união, entre Igrejas. À nova comissão, é o que se evidencia, ficou uma atribuição de cunho didático e burocrático.

O Colégio dos Bispos encarregou um grupo de trabalho para estudar a posição da IMB diante do movimento ecuménico, com vistas ao II Concílio Geral Extraordinário (1968). Embora haja formulado objetivamente as preocupações da IMB quanto ao assunto, "o grupo de trabalho pôs em dúvida sua função canónica", uma vez que existia a Comissão Geral de Ecumenismo.[65] Posteriormente, no referido Concílio, aprovou-se que .fizessem parte da comissão conciliar sobre o ecumenismo "dois elementos da Comissão Geral de Ecumenismo, sem direito a voto".[66]

No X Concílio Geral, que se reuniu em dois períodos (1970 e 1971) não relatou a Comissão. Não obstante, há menção no relatório do Estado Geral da Igreja (isto é, da situação da Igreja).

> A nova abertura ecuménica, embora ainda tímida e imperfeita, possibilitará o descobrimento de novos valores evangélicos em outras tradições eclesiásticas, que vieram enriquecer a visão de muitos sobre a vasta riqueza do Evangelho encontrável fora de nossas fronteiras confessionais.[67]

Segundo os Cânones, aprovados no X Concílio Geral, elimi-nou-se o Gabinete Geral e as Juntas Gerais; mas, criou-se um Con-

64. Cânones, 1965. **Art. 144,** 3, p. 95.

65. EC,. 15 de agosto de 1968, p. 8. O grupo citou o Artigo 144, n.° 3, que atribui à Comissão Geral de Ecumenismo a tarefa de "cuidar dos interesses da igreja com respeito às atividades ecuménicas". Essa Comissão, por sua vez (segundo cópias de correspondência) considerou ilegítima a convocação do grupo de trabalho, com base no mesmo artigo canónico, e considerou inoportuna a inclusão do tópico ecumenismo como tema da agenda do Concílio, pois não foi fator essencial da crise 'que suscitou a sua convocação. Em carta (27 de julho de 1968) do bispo Wilbur K. Smith, para o Rev. Pythagoras da Silva, ele reconhece que houve uma falha, involuntária, e que não se teve o desejo **de usurpar as** atribuições da Comissão. Em carta (14 de agosto) do Colégio dos Bispos, esse alega a legitimidade da convocação, "uma vez que o grupo foi convocado tão somente para ajudar o Colégio e não dar sua palavra à Igreja", e que reconhece oportuno o assunto Ecumenismo no Concílio, "uma vez que é um dos assuntos de grande atuali-dade, vem trazendo para a Igreja uma série de mal entendidos e preocupações, pela desuniformidade com que o mesmo vem sendo tratado e praticado".

66. **Atas,** Concílio Geral, 1970, p. 215. A ata do II Concílio Geral Extraordinário acha-se editada juntamente com o CG de 1970.

67. idem, p. **119.** Ressalte-se que, no ano de 1968, em comunicado ao Gabinete Geral da IMB, a JUGAS afirmava o seu "propósito de continuar o exercício de suas responsabilidades na mais ampla dimensão, tanto no contexto eclesiástico, quanto no "secular", uma vez que não poderia agir de outra maneira dentro dos princípios cristãos que norteam sua ação. (EC, 15 de agosto de 1968, p. 6).

selho Geral e, dentre suas comissões, incluída a de Ecumenismo. Entre as competências dessa, a novidade estava na expressão "desenvolver esforços para aproximação no país dos diferentes ramos do Metodismo".[68] Evitando-se os termos união, cooperação, a escolha recaiu sobre o vocábulo "aproximação", e no âmbito metodista. Houve recuo.

5. As Palavras do Episcopado

Assinada pelos três bispos, a mensagem episcopal ao VIII Concílio Geral (1960), que desejava propor "assuntos e ações que a realidade do momento indica como o melhor caminho a seguir", abordou diversos aspectos, entre os quais o ecumenismo.[69] Os bispos recordavam que a IMB é filiada ao CMI; após descrever alguns aspectos desse Conselho, pediam o apoio da IMB, e concluíam: "como cristãos sabemos que a Igreja de Cristo é uma [sic] e que esta unidade deve ser demonstrada por palavras e por ação".[70]

A mensagem episcopal apresentada ao IX Concílio Geral (1965) não abordou o tema ecumenismo. Suas ênfases: metodismo, crescimento numérico da Igreja, desafios da época. Nota-se uma constante preocupação com a caracterização do povo metodista.

> Nós, ministros e pastores, teremos de intensificar, nas igrejas sob nossos cuidados pastorais o ensino das nossas doutrinas, dos nossos princípios e dos nossos costumes para que se armem para uma defesa os nossos paroquianos, daqueles que procuram arrastar as ovelhas do redil em que se encontram para campos enganosos.[71]

Os movimentos pentecostais preocupavam a Igreja. Suas práticas e doutrinas ganhavam adeptos metodistas.

Mas os bispos não haviam se afastado da questão ecuménica; retomaram a temática em uma Pastoral.[72] A realização do Concílio Vaticano II[73] e a divulgação dos documentos conciliares não permitia mais que os metodistas excluíssem das considerações ecuménicas a

68. **Cânones,** 1965, Art. 124, 4, f, p. 98. As demais competências dessa comissão eram, segundo o mesmo artigo: "a) apresentar ao Conselho Geral planos para desenvolver e cultivar na Igreja o espírito ecuménico; b) indicar ao Conselho Geral nomes para a eleição de representantes da Igreja nos órgãos de cooperação e de caráter **ecuménico;** e para todas as reuniões promovidas por Igrejas Cooperantes e organizações, nas quais a Igreja Metodista tem direitos à representação ou das quais participe; c) desempenhar outros encargos que lhe são atribuídos pelo Conselho Geral". Em 1974, aprovada nova legislação canónica, foram extintas todas as comissões gerais. A nível nacional, a Igreja Metodista deixou de possuir, doravante, uma comissão para a questão ecuménica.
69. **Atas,** Concílio Geral, 1960, p. 40. Bispos: Isaías Fernandes Sucasas; João Augusto do Amaral; José Pedro Pinheiro.
70. idem, p. 40.
71. **Atas,** Concílio Geral, 1965, p. 26.
72. Dos relatórios episcopais apreende-se que participaram de conclaves no estrangeiro, no âmbito metodista, e de reuniões interdenominacionais no Brasil.
73. Início: 11 de outubro de 1962. Encerramento: 7 de dezembro de 1965. Houve recessos entre as sessões conciliares.

Igreja Católica Apostólica Romana. As mudanças de mentalidade e ação dessa Igreja já se faziam notar. Do ponto de vista doutrinal, a promulgação do Decreto *Uniíatis Redintegratio*, no qual os não ca-tólicos-romanos são denominados como 'irmãos separados',[74] estava a exigir maiores detalhes quanto ao posicionamento ecuménico dos metodistas do Brasil. Isso ocorreu na pastoral, no item sobre o ecumenismo.[75]

Introdutoriamente, os bispos metodistas mencionam que a Igreja Romana, ao convocar e realizar o Concílio Vaticano II, "deu largos passos para mais ampla compreensão dos 'irmãos separados', já agora reconhecidos como 'igrejas' ". Lamentando a incompreensão, inclusive entre evangélicos, quanto à natureza e propósito do movimento ecuménico, a pastoral desenvolve sua instrução em três partes.

Primeiramente: Que é ecumenismo e qual o seu objetivo. "O ecumenismo é (...) uma posição de humildade da Igreja frente ao fato supremo da revelação de Deus em Cristo". E mais:

> O Ecumenismo não pretende a união orgânica das igrejas, mas apenas dar expressão concreta no nível das congregações locais da Unidade da Igreja que já existe em Cristo. O ecumenismo, todavia, não fecha as portas à união orgânica dos diferentes ramos da cristandade. Cremos que o Espírito Santo está guiando vários grupos de cristãos em diversas partes da terra a se unirem numa só comunidade para melhor expressarem a sua unidade em Cristo, e para maior eficácia do testemunho cristão no mundo (. ..)[76]

A seguir a pastoral considera as "nossas relações com as demais denominações evangélicas". Relembrando o posicionamento histórico ecuménico do metodismo, referindo-se ao fato de que é dever do membro da IMB "cooperar com o trabalho de outra Igreja, onde não haja trabalho metodista", e mencionando a existência da Comissão Geral de Ecumenismo, concluem os bispos, porém, que "como bons metodistas, devemos amar a nossa Igreja", e que não ocorra a "aceitação de doutrinas e práticas que aberram da nossa tradição metodista".[77]

Em terceiro lugar, a pastoral aborda a "nossa posição frente à Igreja Romana". Reconhece que a mudança foi grande na Igreja Romana, em sua atitude para com os "outros ramos do Cristianismo e inclusive para com o judaísmo e outras religiões não cristãs". Lembram que alguns protestantes "dizem que Roma não está sendo sincera". Recomendam os bispos que a "nossa atitude deve ser antes de

74. KLOPPENBURG, Boaventura. **Compêndio do Vaticano II.** Petrópolis, Vozes, 1972, 6.ª edição, p. 309. Decreto promulgado em 21 de novembro de 1964.
75. A publicação da pastoral se fez por etapas, nas edições do EC de 1.° de outubro **a** 15 de novembro de 1965.
76. EC, 15 de novembro de 1965, p. 3.
77. idem, p. 3.

mais nada de espectativa [sic]. Não devemos nos preocupar tanto com o que Roma possa fazer, mas com aquilo que o Espírito Santo está fazendo".[78]

A inclusão da Igreja Romana dentro do campo ecuménico de participação metodista estava declaradamente estabelecido; simultaneamente, instaladas as dificuldades.

A IMB prosseguia no seu ideal ecuménico. O Gabinete Geral, em reunião de 26 de maio de 1967, decidiu que a IMB se incorporaria às comemorações do Dia de Pentecostes como "Dia da Unidade Cristã", e indicou que "as ofertas levantadas deverão ser dedicadas para o trabalho ecuménico da Igreja".[79]

Merece destaque uma orientação episcopal surgida em âmbito regional. Primeiramente, a decisão da Junta Regional de Educação Cristã, da Primeira Região:

> Considerando que as relações ecuménicas no Mundo e no Brasil são as mais promissoras, estreitando os laços do amor cristão, que deve unir os homens e considerando, também, as sérias implicações de movimentos desta natureza, fica estabelecido que, na Primeira Região Eclesiástica, todas as programações ecuménicas serão de iniciativa da Superintendência Episcopal.[80]

Em complemento, no ano de 1968 o Bispo Nathanael Inocêncio do Nascimento publicou, tendo em vista sua Região, um documento sobre o Ecumenismo. Lembra que "ecumenismo não é união de Igrejas", "não é mútuo reconhecimento nem mútua aceitação das doutrinas peculiares de uma Igreja pela outra". "Ecumenismo é boa vontade de cristãos de todas as Igrejas de Cristo face ao materialismo e ao ateísmo contemporâneo". Recorda o Bispo que a atitude ecuménica do metodismo brasileiro é decisão do Concílio Geral. É aceitável que alguém possa discordar, ter pontos de vista pessoal contrário; mas, não pode opor-se. Recomenda-se, assim, que "encaminhem suas razões pelos canais próprios".[81]

6. II Concílio Geral Extraordinário

O desdobramento de uma crise na Faculdade de Teologia da IMB motivou o Gabinete Geral a convocar o II Concílio Geral Extraordinário (Piracicaba, SP, 6 de setembro de 1968) para especificamente tratar dos seguintes assuntos: educação ministerial, reestruturação da Faculdade de Teologia, posição ecuménica da IMB.

78. idem, p. 4. Uma questão de caráter prático, proposta na pastoral, será vista no capítulo seis (p. 95).
79. EC, 1.o de junho de 1968, p. 3. .
80. **Atas,** CR 1.« RE, 66, p. 63.
81. **EC,** 1.o de abril de 1968, p. 12.

A Mensagem Episcopal ao Concílio, no tópico relativo ao ecumenismo, informa que o relacionamento com as demais igrejas chamadas evangélicas "é tradicionalmente conhecido de todos, é ponto pacífico e não apresenta maiores problemas". Porém, quanto ao relacionamento com a Igreja Romana, consistia no "ponto de controvérsia no momento presente não só entre nós, mas também entre os próprios católicos romanos praticantes".[82] Para os metodistas, o ponto de referência continuava a ser o Credo Social e a Pastoral dos Bispos de 1965.

Para cumprir os objetivos do Concílio, constituíram-se comissões com a participação de todos os conciliares: Ecumenismo, Educação Ministerial, Reestruturação da Faculdade de Teologia. O Concílio despendeu mais tempo e atenção à problemática da educação ministerial e Faculdade de Teologia. Quanto ao relatório da Comissão Conciliar de Ecumenismo, aprovou-se que seria encaminhado ao Gabinete Geral, "para estudos finais e aprovação".[83]

Sob o título "A IMB em face do movimento ecuménico" foi publicado o documento determinado pelo Concílio. O que havia de novo referia-se às especificações para o relacionamento dos metodistas com a Igreja Romana.[84]

No Concílio, o delegado Celsino de Oliveira Paradela formulou, em plenário, uma consulta de lei. Citando o artigo 298 dos Cânones da IMB[85] indagou se "batizados na infância se referia aos batizados nas Igrejas Evangélicas ou também na Igreja Romana. Em segundo lugar, mencionando trecho do Credo Social[86], questionou se a palavra "crente" se referia aos protestantes (evangélicos) ou também aos ca-tólicos-romanos? Respondendo a essa consulta, o bispo presidente afirmou: em resposta à pergunta primeira: "refere-se aos batizados na Igreja Evangélica"; em resposta à segunda — "refere-se aos protestantes evangélicos".[87] Esse fato revela a imprecisão de vocabulário e o pouco cuidado quanto à terminologia na redação de importantes documentos. Indica, também, o perigo de afirmações demasiadamente breves, sem maiores explicações circunstanciadas. Nota-se, ainda, a recusa, entre os metodistas (e, talvez, se possa dizer que entre os pro-

82. **EC,** 1.° de dezembro de 1968, p. 4.
83. **Atas, Suplementos e Documentos do X Concílio Geral e Segundo Concílio Geral Extraordinário** (1968, 1970, 1971), p. 218.
84. **EC.** 1.° de dezembro de 1968, p. 8. Volta-se ao assunto no capítulo seis.
85. Art. 298 — A recepção de membros na Igreja se faz mediante confirmação do pacto batismal, de adultos crentes batizados na infância (.....) **Cânones,** 1965, p. 142.
86. O ecumenismo não somente manifesta a unidade da Igreja, mas é a prova da fraternidade dos crentes e seu testemunho de fé perante o mundo. **Cânones,** 1965, Credo Social, p. 205.
87. **Atas,** Concílio Geral 1970-71, p. 218. A Ata registra: "Cláudio Codorna de Moraes apela da decisão de lei do bispo presidente, com referência ao batismo. James William Goodwín apela da decisão do bispo presidente, com referência à interpretação da palavra crente". Não esteve ao alcance do autor deste trabalho a localização dos documentos que esclarecessem o resultado obtido com essas apelações.

testantes de modo geral), em atribuir a terminologia "evangélico", "crente" para o fiel da Igreja Romana.

Para finalizar este capítulo, cabe aqui apontar o que vem a seguir, pois são informes históricos que indicam uma sequência daquilo que vem sendo abordado.

Nos Cânones de 1971 (artigo 217, referente à recepção de membros da Igreja) lê-se: "A recepção de membros na Igreja Metodista se faz mediante (.....) confirmação pelo pacto batismal, para pessoas batizadas na infância". Eliminou-se o vocábulo "crente". Quanto ao Credo Social, inteiramente reformulado, deixou de existir o trecho objeto da consulta de lei ocorrida no Concílio.

O X Concílio Geral reuniu-se em dois períodos: 1970 e 1971. Nesse, a Mensagem Episcopal se circunscreveu ao tema teológico "Igreja".[88] Mas sem qualquer destaque para a unidade da mesma.

A mensagem afirmou: a Igreja é de Deus; Igreja é fé (promove o culto a Deus); Igreja é testemunho (prega a palavra e administra os sacramentos); Igreja é amor (mantém a fraternidade cristã e a disciplina e edifica o corpo de Cristo); Igreja é serviço (será conservada até a consumação do século... para conversão do mundo). A mensagem é um comentário ao artigo 3.° da Constituição, sob certa forma. Segundo os bispos, os desafios da época são os seguintes: a cidade, o campo, a juventude, a Pátria, as estruturas, o século. Os bispos pregam a responsabilidade da Igreja perante o mundo. "O mundo é o campo de ação da Igreja" (idem, p. 131). Eram bispos: João Augusto do Amaral, José Pedro Pinheiro, Almir dos Santos, Nathanael Inocêncio do Nascimento, Wil-bur K. Smith, Oswaldo Dias da Silva. Em seus relatórios encontram-se detalhes de Suas atuações ecuménicas. Nathanael I. Nascimento inclui o documento "ecumenismo" em seu relatório (p. 146); Almir dos Santos detalha as várias reuniões ecuménicas nas quais esteve (pp. 157 e 158); Wilbur K. Smith destaca sua participação em "festejos e relações públicas ecuménicas" (pp. 169 e 170).

III

A IMB E SEU RELACIONAMENTO COM OUTRAS IGREJAS METODISTAS

A IMB considera o metodismo um ramo histórico da Igreja Universal de Jesus Cristo. Que vínculos ela procurou manter, neste ramo, com suas irmãs?

A IMB e a IM nos Estados Unidos da América

As relações da IMB com a "Igreja-Mãe", mantidas sob forma estável entre 1930 e 1960, começaram a se modificar durante a década de sessenta. Surgiram debates sobre a esfera de competência, força de decisão e planificação de cada uma delas, bem como sobre o papel do missionário no meio da IMB. Superando as tensões, foram criados novos mecanismos de relacionamento. A "Igreja-Mãe" assimilou e compreendeu a chegada de uma época de maturidade na vida das Igrejas que ajudou a crescer. Sem traumas e nem abandono, as novas relações se construíram.

A Proclamação da Autonomia da IMB é documento que, além de conter uma retrospectiva histórica, trouxe a público a primeira Constituição da IMB. Nessa, em seu artigo VII, dividido em três se-ções, trata-se "Das relações entre a IMB e a Igreja Metodista Episcopal do Sul". Para isso, foi constituído um Conselho Central.[1]

Previsto com pormenores na própria Constituição, e com seus estatutos editados como parte dos cânones, o Conselho Central manteve-se praticamente com a mesma estrutura e finalidade desde sua criação até a da legislação da IMB de 1960.[2] Teve-se o cuidado

1. **Cânones,** 1934, p. 15 e 16. O Conselho Central foi exigido pela legislação da Igreja Metodista Episcopal do Sul (cf. a Disciplina de 1930, p. 50 e 51) como vínculo necessário para qualquer Igreja Autónoma Filiada, REILY, D.A. **Metodismo Brasileiro e Wesleyano,** nota 30, p. **46.**
2. **Cânones,** 1934, Constituição, Art. 1.° a 24; e na "parte adjetiva" **Art.** 4.° **a** 16. **Cânones,** 1960, Constituição, Art. 22 **e** na "parte adjetiva", Arts. 4.° a 16, pp. 15, 16, 25 e 28.

de compô-lo de forma paritária, com igualdade de número por parte de nacionais e missionários; formava-se de 30 membros, além dos *ex--officio*. Durante esse período sustentou-se o direito de ambas as Igrejas[3] poderem mutuamente enviar dois delegados ao Concílio (Conferência) Geral da outra, com os mesmos direitos e privilégios, exceto o de voto. Quanto à composição paritária, é bem verdade que, embora matematicamente igual, não levava em conta a maioria de obreiros nacionais na IMB como um todo, em comparação com os poucos *missionários; a* representação, portanto, não era proporcional. Ainda mais, na prática, nas reuniões do Conselho Central quase sempre havia mais missionários, pois suas passagens eram financiadas pela Junta de Missões.

A presença dos missionários na liderança da IMB foi marcante neste período. Note-se que ainda em 1960 o VIII Concílio Geral reelegeu como secretários gerais o missionário leigo Robert Stuart Davis, para Ação Social; o Rev. Charles Wesley Clay, para Educação Cristã, e o Rev. Duncan Alexander Reily, para Missões e Evangelização. Membros do Gabinete Geral, os secretários tinham fortíssima influência no planejamento para toda a IMB. Mas, nos próximos anos ocorreriam mudanças. Vejamos.

Entre os latino-americanos ampliava-se o questionamento quanto ao papel e envolvimento dos EUA em seus respectivos países. Observados os respectivos limites, mais amplos, oriundos da reflexão teológica e eclesiástica, a verdade é que esse questionamento também chegou para dentro das igrejas.

Como exemplo, consideremos a Primeira Consulta Latino-Ame-ricana sobre Vida e Missão da Igreja Metodista.[4] Nessa, uma das questões de reflexão foi: "Como pode a Junta de Missões ajudar a cumprir nossa missão nestas terras?" Afirmaram: "Com plena liberdade temos examinado as estruturas, as relações e os fatores da tensão que se tem estabelecido entre a Igreja Metodista da América Latina e a Junta de Missões nos Estados Unidos". As Igrejas estavam procurando "ver como a missão que Deus nos tem confiado possa ser apoiada inteligentemente pela Junta de Missões".[5] Declararam:

> Somos profundamente agradecidos por esta imensa contribuição que a igreja nos Estados Unidos da América tem feito até aqui e continua

3. Em 1939, unindo-se a IM Episcopal do Sul à Igreja Metodista Protestante e à Igreja • Metodista Episcopal, surgiu a IM (EUA). Em 1968, pela união dessa com a Igreja Evan gélica dos Irmãos Unidos, passa a existir a Igreja Metodista Unida. EC, 1.° de junho de 1968, p. 1.
4. Buenos Aires, 24 de fevereiro a 5 de março de 1962. Presentes setenta e quatro representantes e mais oito bispos dos dez países latino-americanos nos quais trabalha a Igreja Metodista; acompanhados de dez representantes da Junta de Missões, 23 representantes de outros campos de trabalho metodista, assessores e observadores (EC, 15 de abril de 1962, p. 1). Outros detalhes no EC, 15 de dezembro de 1961, pp. 1 e 3, que contém o esboço do programa.
5. EC, 15 de abril de 1962, p. 2.

realizando em benefício de nossa igreja latino-americana. Damos graças a Deus por tudo que isto significa e tem significado para o bem da América Latina. Todavia reconhecemos que as circunstâncias mudam muito e o que é recomendável numa certa época não o será noutra. ..... devemos encontrar uma relação criadora entre a igreja latino--americana e a Junta de Missões, na qual nenhuma estabelece normas para a outra, porém, ambas com toda a franqueza possam dizer *sim* ou *não* com a garantia de um respeito mútuo.[6]

Em continuidade, o documento propõe certos princípios que seriam essenciais: 1. é preciso uma honestidade de relação; que haja clareza, franqueza; 2. é necessário garantir a autonomia de decisão e de ação das conferências anuais na América Latina, como no caso da nomeação de obreiros; 3. flexibilidade e mobilidade devem caracterizar as relações, em forma crescente; 4. é importante a mutualidade na relação entre a Junta de Missões e a Igreja do campo latino-ameri-cano; 5. acredita-se no princípio da igualdade nas relações entre a Junta de Missões e a Igreja, ainda que a sua aplicação seja coisa difícil de ser realizada.[7]

A Consulta apontou como fundamentais as seguintes considerações:

1. A interpretação da vida latino-americana está nas mãos das Igrejas da América Latina e, em particular, de seus dirigentes. (.....)

2. A Igreja de Cristo não deve desejar dividir-se por acontecimentos de fora da Igreja. (.....) Divisões humanas não devem ser introduzidas no meio da Igreja. Deus é um e uma a sua igreja. (.. **.....**)

3. Existem situações na América Latina nas quais certos tipos de trabalho por parte dos missionários, ou a designação de missionários norte-americanos para certos trabalhos não é aconselhável, pelo fato de serem norte-americanos. ( )

4. A preparação para enfrentar situações explosivas tem como base uma compreensão profunda e ampla da missão da igreja. (.....)

5. A Junta de Missões tem uma responsabilidade de preparar a igreja nos Estados Unidos para comprender o que este processo revolucionário significa para a América Latina. ( )

6..... a igreja que cumpre sua missão íntegra e plenamente nos tem pos em que vivemos estará de fato preparando-se para os dias mais difíceis. [8]

A Consulta pôs em relevo os aspectos que, na época, estavam em debate. Como Igreja autónoma, a IMB não vivia exatamente os

6. EC, 1.° de maio de 1962, p. 8. Documento Final da Consulta.
7. EC, 1° de maio de 1962, pp. 6'e 8. No Brasil utiliza-se a denominação "Concílios" no lugar de "Conferências".
8. idem, p. 6.

mesmos problemas das demais da AL. No conjunto, porém, as questões, eram comuns.

Missionários, os norte-americanos e os da Igreja Unida do Canadá que atuavam na IMB, reuniram-se em retiro no Rio de Janeiro, de 5 a 8 de julho de 1963. Eles não emitiram documento ou posição oficial; conversaram entre si e ouviram palestras de brasileiros. Tiveram uma nova imagem de como o missionário estrangeiro era visto pelos brasileiros. Puderam compreender várias falhas, da parte dos obreiros estrangeiros, que traziam irritação ou desagrado aos nacionais. Reconheceram haver pontos de atrito, problemas verdadeiros e barreiras ainda não superadas; havia também um desejo de reduzir as áreas de fricção e uma disposição de enfrentar o futuro com nova disposição. Noticiando o encontro, Duncan Alexander Reily afirmava que os resultados do retiro espiritual dos missionários

> marcam o começo de uma nova era na história da cooperação missionária da Igreja Metodista do Brasil. Será uma era em que o missionário estará cada vez menos em evidência, em que a liderança nacional terá maior campo para se desenvolver e se expressar.[9]

Discorrendo sobre "As mudanças do papel do missionário estrangeiro na Igreja Metodista do Brasil", o missionário Brady Tyson declarava que "a presença dos missionários em campos do Brasil deixa de ser uma necessidade para ser uma oportunidade".[10] Postulava uma revisão dos papéis que lhes cabiam, à luz da nova situação, pois havia uma crítica ao papel que tradicionalmente os missionários desempenharam; os nacionais estariam afirmando que já se foi o tempo em que os missionários estrangeiros tinham de ocupar as posições de liderança na administração da igreja nacional; e entre os missionários "é quase geral o sentimento de que são 'benvindos' apenas por terem possibilidade de levantar dinheiro no exterior para a construção de templos, casas pastorais ou para a cobertura' de orçamentos".[11] Portanto, eram necessários estudos, discussões; o missionário deveria ser visto como técnico, assessor.

No artigo "O lugar dos missionários na Igreja Metodista do Brasil"[12] o Rev. José Gonçalves Salvador afirmou que, naqueles dias (1965), os missionários já se constituíam em voz quase apagada na administração da Igreja. Assim, de três bispos, nenhum americano; de quarenta e cinco superintendentes distritais, apenas três eram missionários; a reitoria da Faculdade de Teologia estava há doze anos com brasileiros. Quanto aos secretários das Juntas Gerais, tinham sido eleitos pelo Concílio Geral em 1960 porque dois nacionais se re-

9. EC, 1.o de outubro de 1963, p. 12.
10. EC, I.o de abril de 1965, p. 4.
11. idem, p. 4.
12. Idem, p. 12.

cusaram a aceitar a indicação de seus nomes. Mas tempos depois "sofreram ... tal pressão, que o de Ação Social e o de Missões viram-se constrangidos a se demitirem".[13] E o articulista conclui: quanto aos missionários, devemos "tratá-los sem preconceitos nem discriminações"; os delegados ao Concílio Geral "não podem conduzir-se por paixões humanas, nem por ojerizas peculiares a alguém".[14]

Além desses pontos de vista particulares, havia um outro sustentado por movimento político eclesiástico entre metodistas. Às vésperas do Concílio Geral de 1965 veio a público o pensamento do "esquema". Em entrevista, o Rev. Nathanael Inocêncio do Nascimento ponderou as razões do movimento e expôs as três ideias gerais norteadoras da ação do grupo. Dentre elas, a seguinte: "retirada dos missionários dos cargos e funções administrativas para situá-los no trabalho pastoral".[15] Os outros pontos tratavam da "simplificação da máquina eclesiástica" e "renovação dos quadros administrativos gerais da Igreja".

Publicadas essas ideias (que até então eram conhecidas só em contactos pessoais, segundo o modo de agir do "esquema") duas rea-ções se apresentaram: uma da presidência da Comissão de legislação do Concílio Geral; a outra por um Manifesto.

Em "O 'esquema' e a Comissão de Legislação"[16] Ottilia de O. Chaves conclui que as ideias apresentadas realmente se reduzem a uma só, isto é, a retirada dos missionários dos cargos e funções administrativas. Critica-a como sendo a mais vulnerável e a mais pobre pois

> atenta contra os Cânones e não representa, de modo algum, o espírito liberal e as práticas democráticas da Igreja Metodista do Brasil, e, sobretudo, atenta contra o espírito do Evangelho e os ensinos do Senhor da Igreja, que não faz acepção de pessoas.[17]

Segundo opinião da articulista, o objetivo do "esquema" estaria sendo a "discriminação entre obreiros nacionais e missionários"; portanto, uma "atividade francamente divisionista" embora isto estivesse sendo negado pelos mesmos.

Em Manifesto à IMB, doze signatários, abordando a proposta de retirada dos missionários, declararam:

> Não podemos admitir que se situe uma realidade tão sagrada em bases alheias e contrárias à Palavra de Deus e injustas à herança, à

13. EC, 1.° de abril de 1965, p. 12. "Em princípio de 1963, dado o crescente espírito nacionalista dentro e fora da Igraja, Roberto Davis achou por bem solicitar sua demissão do cargo de Secretário Geral" **(Atas,** IX Concílio Geral, p. 188); o Rev. Duncan Alexander Reily renunciou do cargo em fevereiro de 1964 (idem, p. 214).
14. EC, 1.o de abril de 1965, p. 12.
15. EC, 15 de março de 1965, p. 12.
16. EC, l.o de maio de 1965, p. 16.
17. idem, p. 12.

tradição e às relações da Igreja Metodista nos Estados Unidos da América do Norte com a Igreja Metodista do Brasil. O critério do "esquema" arrastaria a Igreja a manipular vidas e recursos que devem estar livres para que o Espírito Santo os utilize segundo Sua Soberana Vontade.[18]

Realizado o IX Concílio Geral (1965) as teses do "esquema" não prevaleceram. Foi superada aquela ênfase demasiadamente política que fora dada à discussão sobre o papel do missionário. Não obstante, como pode ser percebido, os problemas da época estavam realmente exigindo uma nova postura.

O Gabinete Geral da IMB e elementos representativos da Junta de Missões e Divisão Mundial da IM reuniram-se em 1966 para uma consulta sobre *partnership,*[19] da qual resultou o documento "Irmanados em Missão". Nesse, recomenda-se a substituição do Conselho Central por outro órgão, pois desejavam-se relações diretas da IMB com a IM (USA). O novo órgão deveria ser eleito pela IMB, compon-do-se como uma expressão da vida total da Igreja, inclusive participação do elemento feminino.

Referindo-se ao pessoal missionário, o documento postula a responsabilidade da IMB, em cooperação com a Junta de Missões na orientação deles para uma "efetiva adequação à Missão da Igreja no Brasil e sua maior compreensão da realidade brasileira".[20] Recomenda-se que a solicitação de obreiros seja acompanhada da especificação de suas qualificações em função das necessidades que venham atender na missão da Igreja no Brasil. Aprova-se a ideia de que o tesoureiro, que recebe e distribui os recursos oriundos da Junta de Missões, seja eleito pela IMB.

Líderes da IM (EUA) e de IM ao redor do mundo, estiveram de 28 de março a 5 de abril de 1968 em Galveston, Texas, para a consulta sobre Cooperação em Missão, da qual surgiu importante documento que abordou: "teologia e missão", "preocupações económicas e sociais", "pesquisa e planejamento" além das relações entre Junta de Missões, Igrejas, e pessoal missionário.[21] Ficou explícito que a tarefa primária consistia em "esclarecer nosso entendimento da missão cristã em nossos dias, agir em obediência a ela, e buscar as estruturas que realmente irão servir esta missão".[22] Foi reconhecido que "as relações entre as Igrejas e a Junta de Missões precisam de estudo adicional". E afirmou-se que "cada Igreja deve ser livre, sob a dire-

is. EC, 15 de maio de 1965, p. 2.

19. O conceito provém da Assembleia do Conselho Internacional de Missões, realizada em Gana, 1958, a mesma que decidiu em favor da integração desse Conselho com o CMI, o que efetivamente ocorreu na Assembleia de Nova Delhi, em 1961.
20. EC, 15 de março de 1968, p. 1.
21. EC, 15 de junho de 1968, pp. 1, 4 e 5. A delegação da IMB foi: Mariana Peterson, João Parahyba Daronch da Silva e mais cinco bispos (EC, 15 de novembro de 1968, p. 2).
22. idem, p. 1.

ção de Deus, a fazer suas próprias decisões sobre sua vida e missão".[23] E sobre os missionários foi dito

> Na idade tecnológica é reconhecida a necessidade para pessoal missionário a curto prazo com competência especial. Permanece também, a necessidade contínua de missionários de "carreira" competentes, em cada lugar.[24]

Em 1968, por ocasião da Conferência Geral da IM (EUA) em Dallas, a Mensagem da IMB à "Igreja-Mãe", entre outras considerações, explicitava o seguinte:

> Gostaríamos que nesta época de npssa história, ao celebrar-nos [sic!] o centenário da missão ininterrupta do metodismo no Brasil, pudéssemos dizer-lhes, "Muito obrigado, irmãos, por tudo que nos têm dado em tantos sentidos durante este tempo; agora não precisamos mais de sua ajuda". Assim seria o nosso prazer dizer nesta ocasião. Porém, devido a imensidade da tarefa inacabada e da nossa situação como País e Igreja subdesenvolvidos, temos que dizer-lhes, "Muito obrigado por todo o auxílio que nos têm dado. Contamos com a sua continuada generosidade cristã, agora num relacionamento diferente, não como de um "você" e "eu" mas como de um verdadeiro "nós". Gostaríamos de ser sócios numa missão mundial em que não se pensaria em termos de "nossa" e "vossa" tarefa, mas numa Igreja realmente mundial com uma missão que inclui a cada criatura no escopo de seu serviço sem consideração a quem ou o que ele é, ou onde e como vive.[25]

Com a nova legislação da 1MB (1971) foi extinto o Conselho Central. Teria sido a partir de então a efetiva autonomia da IMB.

Relacionamento em termos de Igreja Cooperante

A expressão "Igreja Cooperante" aparece nos Cânones de 1960 no artigo que trata da admissão de ministros de outras igrejas. Permitia-se "transferência" quando se tratasse de "ministro vindo de igrejas cooperantes".[26] O reconhecimento oficial de uma igreja como cooperante era da competência do Concílio Geral ou da Junta de Missões e Evangelização.

Na legislação de 1965 o conceito de Igreja Cooperante é explicitamente dado na Constituição: "Entende-se por Igrejas Cooperantes, Igrejas que, colaborando com a Igreja Metodista do Brasil, sob a di-reção desta, enviam pessoal e recursos financeiros para o trabalho no País".[27] A partir daí foi canonicamente admitido (na prática já o era)

23. idem, p. 4.
24. EC, 15 de junho de 1968, p. 5.
25. EC, 15 de novembro de 1968, p. 7.
26. **Cânones,** 1960, art. 127, § 2.°, inciso 3, p 95.
27. **Cânones,** 1965, Constituição, art. 22, parágrafo único, p. 17.

no Conselho Central (até então um órgão de relações bilaterais) a presença representativa de Igrejas Cooperantes, reconhecidas como tais pelo Gabinete Geral.[28] Mas os estatutos do Conselho Central ainda sustentavam um particular tratamento para a IM (EUA) na linha histórica do próprio Conselho. Há referências à "Igreja Metodista" e, concomitantemente, às "Igrejas Cooperantes"[29] concluindo-se que a segunda forma de expressão não se aplicava, genericamente, à primeira.

A ideia de Igreja Cooperante tornou-se única na legislação aprovada pelo X Concílio Geral (1970 e 1971). A nova Constituição brevemente declara: "A Igreja Metodista mantém relações de cooperação com outras Igrejas, na forma estabelecida nos Cânones".[30] Su-primiu-se o Conselho Central. Algumas de suas atribuições se transferiram para o recém-criado Conselho Geral da IM, órgão de administração superior da Igreja, composto de presbíteros, leigos e bispos das regiões eclesiásticas. Na esfera de sua competência estava a incumbência de: solicitar auxílio financeiro e envio de obreiros, bem como conceder informações às Igrejas Cooperantes; eleger representantes da IMB para as reuniões promovidas por essas.[31]

Embora seja inegável a preponderante ajuda e influência que a "Igreja-Mãe" continuou a exercer na vida da IMB, é certo que se configurou para essa a possibilidade de uma nova diplomacia eclesiástica, permitindo à IMB o relacionamento mais direto com o metodismo em outros países. Desejos, nesta direção, haviam sido expostos durante a década.[32]

1. Igreja Unida do Canadá

Da união entre presbiterianos, metodistas e congregacionais, surgiu, em 1925, a Igreja Unida do Canadá. Essas raízes conduziram--na a ser uma igreja que, ao iniciar trabalho em outros países, buscav

28. **Cânones,** 1965, Constituição, art. 22 caput, p. 17.
29. **Cânones,** 1965, arts. 221 a 232, pp. **118** a 121.
30. **Cânones,** 1971, Constituição, art. **16, p. 14.**
31. **Cânones,** 1971, art. 123, incisos 8, 17, 31, 32, 33, pp. 94 a 96.
32. Em seu relatório aos concílios regionais de 1962, o Secretário Geral de Missões e Evangelização comunicou que a Junta tinha planos de enviar obreiros para a Bolívia: "Temos de achar jovens preparados e dedicados que queiram dar alguns anos [ou a vida toda) para a obra educativa do país vizinho". **(Atas,** Concílio da 3.ª RE, 1962, p. 64). Quando foi para uma reunião do CMI, Almir dos Santos visitou a IM em Portugal, em 1965, e afirmou: "Senti que há interesse da parte dos metodistas portugueses por nossa colaboração em sua obra. Isto deveria vir na forma de obreiros **e** em fundos para a aquisição de propriedades e construção de templos" (EC, 1.° de fevereiro de 1966, p. 7). Segundo relatório do Secretário Geral de Missões e Evangelização, ao X Concílio Geral, sabe-se que urri emissário da IM de Moçambique solicitou à IMB um missionário com preparo teológico para servir como orientador e professor no Centro de Preparo de Pastores, Por outro lado, da parte da IM, Conferência do Caribe, viera o pedido de um agrónomo para trabalhar no Panamá. Tais empreendimentos contariam com **o** apoio financeiro externo, respectivamente EUA e Inglaterra. E mais ainda. Para sucessores do casal Hernan-dez (missionários da Junta Latino-Americana de Missões, no Equador) já se cogitava sobre o envio de um casal missionário da IMB. **(Atas,** X Concílio Geral, 1970-71, p. 97).

cooperar com denominação já existente. Nos anos sessenta, tinha mais de 600 missionários em diversas partes do mundo.

Com o intento de iniciar trabalho de cooperação missionária na América Latina, enviaram o secretário da Junta de Missões de Além--Mar, Rev. Floyd Honey, em viagem de pesquisa e estudos, a verificar o país que apresentasse melhores perspectivas e a Igreja estabelecida que estivesse pronta a receber o apoio. Ele ficou impressionado com as oportunidades que o Brasil apresentava para o Evangelho. Da parte do secretário da Junta Geral de Missões e Evangelização da IMB, Rev. Duncan A. Reily, recebeu convite para estabelecer conversações, tendo em vista uma possível cooperação.

Iniciava-se o ano de 1960. O Concílio Geral da IMB, reunido em julho do mesmo ano, decidiu que, se a cooperação se efetivasse, a IUC teria no Conselho Central até dois representantes, por ela escolhidos. O mesmo Conselho teria mais dois representantes da IMB. Todos participariam, incluso com o direito de voto, no Conselho.

Em maio de 1961 a IUC aceitou, oficialmente, o convite formulado. Em sua reunião de julho, o Conselho Central recebeu a notícia "com grande alegria e aplausos". O primeiro apoio foi expresso na quantia de oito mil dólares, para as construções em Brasília.[33] Já estavam em estudos a vinda dos primeiros missionários.[34]

O Rev. Nilo Belotto, metodista, realizou estudos pós-graduados no Canadá, em 1966/67. Em sua opinião, o "espírito ecuménico e unificador da IUC é um elemento positivo", que poderia oferecer grande ajuda nas futuras relações entre as diferentes denominações evangélicas no Brasil.

2. Igreja Metodista da Alemanha

No ano de 1962, visitando Berlim por ocasião do Natal, o Rev. Benedito de Paula Bittencourt teve a oportunidade de falar sobre a IMB, suas necessidades. O Pastor Erwin Brose foi um de seus ouvintes. Em carta a seu filho, Reinhard Brose, o pastor comentou o quanto seria interessante se alguém da Alemanha atendesse aos apelos. Curiosamente, foi o próprio Reinhard quem se decidiu.

Em 1963, o Dr. Paulo Hubber (Diretor de Missões da Igreja Metodista da Alemanha), em correspondência, "fazia indagações a

33. Dados extraídos do EC, de 15 de setembro de 1961, p. 9; EC, 1.° de março de 1967, p. 3; **Atas,** Concílio Geral, 1960, p. 54.
34. Em dezembro de 1962, chegou ao Brasil o missionário Donald Thomas Raffan. Durante 1963 ele estudou na Escola de Português e Orientação para Missionários, em Campinas. Casou-se, no mesmo ano, com a brasileira Iná, e foi trabalhar na Quarta Região (cf. **Atas,** CR 4." RE, 1964, p. 17). Vemon Hutson e sua esposa, missionários, no ano de 1965, principiaram seu trabalho" na Segunda Região (cf. **Atas,** CR 2.» RE, 1965, p. 29). E vieram outros.

respeito da possibilidade de iniciar a colaboração com a Igreja do Brasil", primeiramente com o envio de uma enfermeira e parteira.[35]

Isso, de fato, ocorreu. Veio de Ingeborg Fehrmann. Ela nasceu na Alemanha, mas estivera no Brasil até 1939, quando tinha 17 anos de idade. Em 1945, ingressou para a IM da Alemanha, e em 1954 foi consagrada como uma das muitas diaconisas da Igreja, que realizam relevantes serviços. De volta ao Brasil, em 1963, passou alguns meses em Campinas, na Escola de Línguas e seguiu para seu trabalho no Ambulatório Evangélico da IM Central em Salvador, BA.

Por sua vez, foi em junho de 1964 que Reinhard Brose se encaminhou para o Brasil, principiando sua atuação na Segunda Região, no ano seguinte.[37] Em 1969, indicado para professor na Faculdade de Teologia da IMB, foi eleito seu diretor, no ano após a crise.

3. Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos

Em razão do andamento do projeto de união de igrejas nos EUA (Metodistas e Irmãos Unidos), representantes da Igreja dos Irmãos Unidos buscaram contactos com os metodistas brasileiros.

Ao visitar o Brasil, em agosto de 1963, o Bispo J. Gordon Ho-ward e o Dr. John F. Schaefer (secretário executivo da Divisão de Missões Mundiais da Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos), mantiveram conversação informal com a Comissão de Atividades Ecuménicas da IMB.[38] Em fevereiro de 1964 ocorreu outro encontro para troca de ideias.[39]

No Concílio Geral da IM (EUA) em maio de 1964, renovam-se entendimentos; lá estavam presentes todos os Bispos da IMB. À pedido desses, surgiu um primeiro documento oficial. Com data de 6 de maio, John F. Schaefer, em correspondência ao Bispo Isaías Fernandes Sucasas, indaga acerca da "possibilidade de nos tornarmos cooperadores no trabalho de Cristo no Brasil, enviando missionários nossos para trabalharem sob a orientação da IMB".[40]

Finalmente, foi em 19 de setembro de 1964 que a Junta Geral de Missões e Evangelização, no uso de sua competência, aprovou o reconhecimento da Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos como Igreja Cooperante. Esse reconhecimento deixou de ter sentido a partir de

35. "Da Alemanha para o Brasil", **Voz Missionária,** abril, maio, junho de 1964, pp. 10 e 11.
36. **Atas,** CR 4.» RE, 1964, p. 15.
37. **Atas,** CR 2.» RE, 1965, p. 29.
38. EC, 15 de novembro de 1964, p. 8.
39. Reuniram-se quatro dos Irmãos Unidos com seis metodistas do Brasil: Bispo Isaías Fernandes Sucasas, Rev. Charles Wesley Clay e membros da Comissão Ecuménica. EC, 15 de maio de 1964, p. 9.
40. EC. 15 de novembro de 1964, p. 8. Nesta época eles já contavam com oito casais de missionários trabalhando em Goiás, em cooperação com a União das Igrejas Cristãs e Congregacionais do Brasil. Novo contacto realizou-se em 20 de agosto.

1968, com a final aprovação da união, nos EUA, das já referidas Igrejas. Doravante a IMB se relacionaria com a IM resultante dessa unificação.

A IMB e a Igreja Metodista Livre

Convidado a paraninfar a turma de formando de 1965 da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista Livre, o Rev. William Schisler Filho fez um apelo em busca da Unidade do Metodismo Brasileiro no seu primeiro centenário.[41]

Na ocasião, lembrou as razões da denominação "livre" e da histórica divisão.[42] Porém, disse ele, decorridos os anos, tanto a IM mudara, como a IM Livre. Pontos que foram de divergência, já não o eram mais. Assim, indagava: "Há sentido em continuarmos separados? De ficarmos com nossos olhos presos a um passado que já mudou de perspectiva?" Dentre os formandos, dois eram da IMB e a cerimónia se realizou no templo da IMB em Vila Mariana, SP.

No início da década, eram 1.400 os metodistas livres no Brasil. Do trabalho missionário dessa igreja, no Japão, é que veio a sementeira para cá, inicialmente formada de imigrantes, razão pela qual há muitos japoneses nesta igreja.

Notícia, de fevereiro de 1962 comunicava que "recentemente, dois elementos da Comissão de Relações Ecuménicas da IMB, Revs. Duncan A. Reily e William Schisler Filho, visitaram a IM Livre em Mirandópolis", pastoreada pelo Rev. António de Souza Lima "expressando o interesse do metodismo brasileiro pela Igreja irmã e lamentando não haver uma relação mais estreita de comunicação entre duas igrejas filhas do movimento de João Wesley".[43] Em nome da Comissão, eles também visitaram o Seminário e tiveram contactos diversos com o ministério.[44]

Embora manifestas as intenções de aproximação, nada de efe-tivo se concretizou, sob nenhum aspecto.

41. EC, 1.° de janeiro de 1966, p. 5. Além da IM Livre e IMB, o orador recordou existir, no Brasil, os "metodistas ortodoxos" — pequeno grupo que se separara da IMB, no Estado do Rio de Janeiro; os "nazarenos", denominação wesleyana que recentemente iniciara trabalho no país; os "Irmãos Unidos", que trabalham em Goiás, sendo que "todos vêm de um mesmo tronco". E perguntou: "Que bênção maior poderia Deus conceder ao metodismo brasileiro do que apresentar-se unido organizadamente no seu centenário?"
42. EC, idem, p. 5 A IM Livre resultou de um movimento de muitos leigos e alguns pastores, nos EUA, na década de 1850, devido a pontos de vista quanto ao que seria o padrão wesleyano de conduta cristã. Foi escolhido o termo "livre" para representar os quatro jugos dos quais estavam se libertando. Seriam livres da dominação das sociedades secretas, livres da escravatura, livres de ter que pagar pela ocupação de bancos, lugares de destaque na igreja; livres para permitir a ação do Espírito Santo nos seus cultos. Com respeito à questão dos bancos de igreja, o vocábulo "livre" (em inglês **free)** pode ser entendido também como "grátis". Cf. EC, 1° de janeiro de 1966, p. 5; e EC, 1.o de fevereiro de 1962, p. 8.
43. EC, 1.o de fevereiro de 1962,'p. 8.
44. **Atas,** Concílio Geral, 1965, p. 245.

Uma cisão na Primeira Região Eclesiástica

Embora este capítulo aborde "relacionamento", cabe considerar uma cisão ocorrida na IMB.[45]

Com data de 31 de agosto de 1966, os seis bispos da IMB encaminhavam à Igreja, imbuídos de sua responsabilidade docente, uma "carta pastoral tratando do Despertamento Religioso". Cuidavam, assim, preservar do erro, dos excessos, "da influência de falsas doutrinas e até de doutrinas aceitas por outros grupos cristãos, mas defesas à prática metodista".[46]

Havia motivos suficientes para que os bispos se preocupassem com o que vinha ocorrendo na vida da Igreja, em especial na Primeira Região Eclesiástica (cujos limites são os do Estado do Rio de Janeiro).

Em meados da década, duas tendências poderiam ser encontradas no interior da IMB. Enquanto, por um lado, os ideais do movimento ecuménico e da busca de maior presença da Igreja na problemática do mundo iam se constituindo nos nutrientes de uma ala renovadora do ponto de vista teológico, de outro lado, movidos pela presença de vários grupos missionários evangelizantes não-metodistas, que desde a década de cinquenta vinham se instalando no Brasil, leigos e pastores buscavam uma religiosidade mais pessoal, emotiva e avivada, e assimilavam com rapidez as ênfases doutrinárias de tais grupos, baseados em erróneas interpretações sobre a IM nascente, aos tempos de João Wesley.[47]

45. Além da cisão considerada neste item, cabe assinalar um caso particular. No dia 1.° de janeiro de 1961, o sr. Paulo Boaventura Santana e outros, fundaram em Volta Redonda, RJ, a Igreja Metodista Cristã Brasileira. O nome fora idealizado pelo sr. Paulo, que se considerava metodista, eclesiologicamente falando, embora houvesse se desligado — no dia anterior — da IMB no Bairro do Bom Retiro, utilizando-se dos caminhos canónicos. De ambas as partes não houve hostilidades. Segundo seu testemunho (EC, 1.° de janeiro de 1968, p. 6, 7. "Porque voltei à IMB") ele buscava um avivamento, com todo o poder com batismo no Espírito Santo, línguas estranhas, profecias". Mas, começou a perceber que aquilo que sinceramente acreditava ser de Deus não passava de uma influência psicológica e sugestiva do grupo dirigido por ele. "Aqueles que eu mais tinha como amigos e como crentes consagrados, revelaram-se cheios de ódio, traição e falsidade". Sua igreja foi, posteriormente, influenciada por fanáticos da "restauração", que idealizaram a introdução de mangas e cabelos compridos, beijo, uso de véu e outras inovações. Em assembleias, forçaram a igreja a se tornar eclesiasticamente pentecostal. A sede da igreja (Volta Redonda) chegara a ter 60 membros; outra, em São Paulo, 35 membros; uma terceira, em Coimbra, MG, 5 membros. Mas, _"sendo traído por aqueles que diziam ter o poder de Deus, fui forçado a dissolver o grupo", declarou o sr. Paulo. Aqueles que eram adeptos da linha pentecostal seguiram para igrejas do género. Outros transferiram-se para igrejas como a Presbiteriana, Congregacional e a própria IMB. Restou ainda um pequeno grupo da igreja inicialmente formada; decorridos mais três anos, todos haviam passado para igrejas evangélicas estabelecidas. E o sr. Paulo retornou à IMB, perante a qual narrou a síntese dos fatos (em 29 de outubro de 1967). Entre suas palavras: "... não me envolverei com a vida dos outros, pois por esse motivo fui forçado a deixar a Igreja sete anos atrás e não quero que isto se repita mais". Minha missão é evangelizar, ganhar almas para Cristo e viver a vida cristã. Com este propósito definido serei leal a Igreja. Ainda mais agora, porque fora dela eu o fui também Nunca fiz proselitismo contra a IMB, nem a hostilizei..."
46. EC, 1.° de novembro de 1966, pp. 1 a 6.
47. "... o movimento de renovação da Igreja se endereça em duas direções opostas: o elemento conservador das igrejas entende renovação em termos de uma volta ao passado e de uma vida espiritual intensa; o elemento progressista interpreta a renovação em termos-de abertura para o Mundo, de atualização da Igreja, de busca de novas formas de estru-

Outra carta pastoral, de caráter confidencial, foi endereçada exclusivamente a pastores da Igreja. Com data de 10 de novembro de 1966, Nathanael Inocêncio do Nascimento a assinava, em nome do Colégio dos Bispos. Porém, tal carta foi citada no documento em que ministros pediram sua retirada da IMB; interpretado como quebra de sigilo, isso motivou sua publicação, para evitar equívocos; a 6 de janeiro de 1967, foi distribuída no plenário do XI Concílio Regional da Primeira Região.

De acordo com essa carta, os bispos viam com preocupação que "várias práticas alheias ao metodismo umas, erróneas quanto à interpretação escriturística outras" estavam sendo admitidas. Os tópicos abordados foram: batismo por imersão; batismo infantil; dons do Espírito Santo; a oração para a cura de enfermidade do corpo; participação dos fiéis nos atos de culto; doutrina do Testemunho do Espírito. E, lembrando estar próximo o centenário da IMB, julgam ser ocasião oportuna para "como Igreja nos apresentarmos unidos e unânimes em toda a nossa maneira de ser, viver, de cultuar e de promover, pelo poder divino, a santificação das nossas vidas e a conversão dos pecadores".[48] E concluem:

> Enviamo-vos, em amor, nossa palavra pastoral. Retende-a, rogamo-vos, em Cristo. Se não o puderdes porque movidos de convicções inamovíveis, devolvei-nos os votos que assumistes com o povo chamado metodista e que o Senhor da Igreja vos conduza a caminho mais excelente.[49]

No dia 5 de janeiro de 1967, durante sessão conciliar, o Bispo Nathanael Inocêncio do Nascimento informou sobre os pedidos de retirada da IMB da parte de cinco presbíteros e um diácono. Na ocasião, o Rev. Waldemar Gomes de Figueiredo se despediu do Concílio, falando em nome de todos. De suas palavras, registrou-se: "Não poderemos jamais nos queixar da IMB que nos acolheu por longos anos".[50]

No relatório da Comissão Conciliar de Estado Geral da Igreja pode-se extrair o modo oficial como a IMB encarou a ocorrência.

tura eclesiástica, de testemunho e de serviço da Igreja **no Mundo.** O primeiro elemento é encontrado **especialmente** entre os crentes mais antigos; o segundo encontra seu apoio na mocidade e na juventude, particularmente universitária". De relatório do Bispo Almir dos Santos. **Atas,** Concílio Geral 70/71, p. 156.

48. **Atas,** CR 1.' RE, 1967, p. 40.
49. idem, p. 40.
50. **Atas,** CR **1."** RE, 1967, p. 30. Num mesmo documento, solicitaram retirar-se os ministros Waldemar Gomes de Figueiredo (único que assinou), Idelmício Cabral dos Santos, José Moreira da Silva, Francisco Teodoro Batista e o diácono João Coelho Duarte. Foi aguardado que o diácono ratificasse o pedido. O ministro Gesse Teixeira de Carvalho enviou pedido particular, ponderando razões e concluindo que resolvera "por coerência", desligar-se da IMB. Os outros, referiram-se à ."carta circular , chamada de confidencial", cujo término lhes apresentava duas alternativas: aceitar as imposições nela contidas ou devolver os votos assumidos com o povo chamado metodista.

> Não é estranho aos irmãos conciliares o fato de que uma crise provocada pela aceitação de doutrinas, princípios e costumes contrários à tradição histórica e fundamentos doutrinários e teológicos abraçados pela Igreja, por parte de um grupo de ministros, trouxe desassossego, inquietação e preocupação às autoridades e à Igreja em geral. As consequências que poderiam ser as mais funestas foram amenizadas graças às orações elevadas ao Trono de Deus e a firme orientação do Revmo. Bispo presidente.[51]

Da parte dos que se retiraram, ficou expresso: "Para não nos acharmos como estorvo entre vós irmãos, retiramo-nos da IMB com o propósito de organizarmos uma Igreja Metodista nos moldes do Metodismo Primitivo".[52]

De acordo com o bispo da região, o problema tinha origem há dezoito anos passados, quando o falecido pastor Amos Aníbal, descontente com a administração da IMB, idealizou a organização de uma nova Igreja.[53]

Os presbíteros retirantes, posteriormente acompanhados de mais dois e de oitocentos membros de igrejas da região, organizaram-se na Igreja Metodista Wesleyana.[54] Buscaram expandir-se para outras das regiões eclesiásticas da IMB, mas sem muito sucesso. Assim, na Quarta Região, tiveram pouca influência, não obstante essa perdesse membros e dois ministros que se transferiram.[55]

Como até 25 de janeiro de 1967 os ministros não haviam devolvido suas credenciais, o Bispo regional, através de comunicado pelo órgão oficial da Igreja, publicamente as declarou "irritas e nulas para todos os efeitos legais, eclesiásticos e civis".[56]

Quando o problema doutrinário se expandia na Primeira Região, antes do desfecho, o bispo havia determinado que nenhum pastor metodista cedesse o púlpito a pastor de outra denominação. Porém, a partir de janeiro de 68, ele deixou "a critério e ao bom senso dos pastores" o uso dos seus púlpitos e a cessão a ministros de outras denominações. Ocorrera que o Bispo recebera críticas pelo fato de que sacerdotes católicos romanos ocuparam os púlpitos, nos programas ecuménicos, enquanto estava em vigor a proibição aos ministros de denominações irmãs. Ressaltou o bispo que os sacerdotes católicos não atacavam a IMB, como habitualmente vinham fazendo certos pastores convidados.[57]

51. idem, p. 62.
52. Atas, CR 1 .• RE, 1967, p. 40.
53. Para maiores detalhes recomenda-se a leitura da entrevista que o Bispo concedeu ao EC, 15 de abril de 1967, sob o título "Problema na I Região tem Raiz".
54. **Atas,** Concílio Geral 70/71, p. 137.
55. idem, p. 156.
56. EC, 1.° de março de 1967, p. 1.
57. **Atas,** CR 1.» RE, 1968, p. 83.

Recorde-se que, em 1968, o Bispo publicara documento normativo a respeito do ecumenismo.[58]

A 1MB participa no surgimento do Conselho de Igrejas Evangélicas Metodistas da América Latina

A década de sessenta criou condições para o nascimento do Conselho de Igrejas Evangélicas Metodistas da América Latina — CIEMAL.

Em 1960, os delegados americanos presentes à Consulta Internacional Missionária (Ilha de São Simão, Geórgia, EUA, 10 de abril) desejaram iniciar e promover o desenvolvimento de obra missionária a partir da própria AL. Constituiu-se uma comissão; as Igrejas Metodistas da AL foram convocadas a enviar representantes para uma reunião em Lima, Peru (de 6 a 8 de agosto de 1960, por ocasião da Conferência Central); a IMB esteve representada pelo Rev. Duncan Alexander Reily, que foi eleito Secretário de Propaganda em Português.[59] Surgiu assim a lunta Latino-Americana de Missões Metodistas. Na ocasião, em Manifesto ao povo e às Igrejas Metodistas da AL, declarou-se:

> ... percebemos a premente necessidade espiritual de nossos povos, entendendo, claramente, que o Senhor nos chama para uma tarefa inadiável: a de nossa própria obra missionária neste continente.[60]

Na Consulta sobre a Vida e Missão da Igreja Metodista[61] em 1962, considerou-se a necessidade de maior conhecimento da realidade latino-americana e posterior presença missionária das Igrejas; destacaram-se as características comuns e os desafios postos; solici-tou-se um novo tipo de relação entre Junta de Missões (EUA) e Igrejas Metodistas. Mas não houve referência direta à criação de um organismo entre as IM na AL.

As aproximações de metodistas na AL continuaram. Uma Primeira Consulta Continental Metodista de Evangelização ocorreu em 1966, em Cochabamba, Bolívia.[62] O documento final, em seus considerandos afirma que há uma flagrante incomunicabilidade entre os diferentes ramos do metodismo latino-americano, trazendo como consequência um desconhecimento, que leva a um enclausuramento teológico, que dificulta um diálogo ecuménico mais efetivo. O documento lembra que já existe uma Federação Continental de Missões.[63] Soli-

58. Atas, CR 1.» RE, 1968, p. 45. Já houve referência a este documento na p. 39 deste estudo.
59. EC, 1.° de agosto de 1962, p. 8. Para maiores detalhes, consultar a própria notícia.
60. EC, 15 de outubro de 1960, p. 16.
61. Compareceram vinte delegados da IM do Brasil. EC, 1.° de abril de 1962, p. 8.
62. O Secretário Geral e mais os seis Secretários Regionais de Missões e Evangelização compunham a delegação metodista Brasileira. EC, 1 ° de setembro de 1966, p. 3.
63. Outra forma de nomear a Junta'Latino-Americana de Missões.
64. EC, 1.o de setembro de 1966, p. 3.

cita-se aos organismos competentes que considerem a "possibilidade de criação de um organismo continental, uma Federação Metodista de Igrejas ou algo semelhante, que as agremie e promova entre elas uma convivência mais constante".[64] Foi importante o fato de que este documento viria a ser aceito pelos participantes latino-americanos em reunião da COSMOS *(Comission on Structure of Methodism Over Seas* — da Conferência Geral da IM, EUA) no mesmo ano, em Green Lake.[65]

A própria COSMOS promove uma primeira reunião preparatória (Buenos Aires) "visando a integração do Metodismo" na AL. Na ocasião foi organizado o Conselho de Bispos Latino-Americanos. João Augusto do Amaral, bispo da IMB, foi seu primeiro presidente.[66] Numa segunda reunião (Buenos Aires, 16 a 18 de março de 1968) já estava em elaboração o projeto de Constituição do futuro órgão. O bispo brasileiro, José Pedro Pinheiro, participou dos estudos, "comunicando . . . muitas de nossas experiências como Igreja autónoma há já 38 anos", disse ele.[67]

Além da IMB, a IM do México havia conquistado sua autonomia em 1930. Somente em 1967 é que as demais IM da AL formulavam seus pedidos de autonomia, por isso que se aceleraria com a autonomia que já tinha sido concedida à IM em Cuba[68] no ano de 1968. Ao término da XII Conferência Central das Igrejas Metodistas da América Latina[69] as autonomias começaram a se efetivar, iniciando-se pela do Chile.[70]

Reunidas a seguir (Santiago do Chile, 29 de janeiro a 2 de fevereiro de 1969), as representações[71] das IM da AL (tanto as autónomas como as em processo de autonomia) aprovaram a organização do CIEMAL, a se concretizar após o *referendum* de todas as Igrejas — Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Costa Rica, Cuba, México, Panamá, Peru e Uruguai.

Estando organizado, o CIEMAL decidiu entregar a cada Igreja, de determinado país, a responsabilidade primária pelo desenvolvimento do programa de uma das áreas de atividade. À IMB, por exemplo, coube a responsabilidade na área de missões: a Junta Latino-Americana de Missões (integrada no CIEMAL) foi administrativamente substituída pela Junta Geral de Missões e Evangelização da IMB, *ad-referendum* de seu Concílio Geral, "como medida de simplificação

65. EC, 31 de agosto de 1970, p. 8.
66. EC, 1.» de maio de 1968, p. 5.
67. Idem, p. 5.
68. EC, 31 de agosto de 1970, p. 8.
69. Santiago do Chile, fevereiro de 1969; tal conferência congregava as IM de sete países latino-americanos. antigas missões da IM Episcopal, ou seja, a IM do norte dos EUA. O Brasil, evidentemente, não fazia parte.
70. EC, 15 de abril de 1969, p. 6.
71. A representação do Brasil compunha-se de três bispos, cinco ministros e quatro leigos. EC, 15 de abril de 1969, p. 12.

do trabalho" e também de economia, "aproveitando-se a existência de um órgão já constituído que facilmente pode reunir-se para decisões".[72] A Junta, brasileira, passaria a representar os interesses das Igrejas Metodistas integrantes do CIEMAL.

Prevendo a ocasião na qual a IMB daria seu aval final ao CIEMAL, o Bispo José Pedro Pinheiro dizia que ela deveria estar preparada para uma

> decisão lógica e condizente com nosso espírito metodista que se afina com o movimento ecuménico mundial e, consequentemente, muito mais logicamente, com este outro movimento de aproximação das Igrejas Metodistas das nações vizinhas.[73]

O X Concílio Geral **(1970** e **1971)** aprovou a constituição do CIEMAL e a participação da IMB no Conselho.[74]

Compunham a primeira diretoria do CIEMAL — Presidente: Eduardo Gattinoni, Argentina; Vice-Presidente: Célia Hernandes, México; Secretário: Gerson Rodrigues, Brasil.[75]

Na Constituição do CIEMAL, entre os fins apontados acha-se o de "incentivar e promover relações de colaboração com o Metodismo Mundial e com o Movimento Ecuménico em todos os níveis e expressões" (Art. 2.°, inciso 5). O CIEMAL constitui-se "sob a autoridade das Sagradas Escrituras e aceita os credos ecuménicos como símbolos históricos da confissão da fé cristã" (Art. 15.°). Reconhece os Artigos de Fé, os Sermões de João Wesley e as Regras Gerais como expressão significativa da interpretação da fé, da conduta cristã e de sua herança metodista, histórica e doutrinária, em cuja tradição se firma" (Art. 15.°).[76]

A assembleia constituinte enviou "Mensagens às Igrejas Metodistas da América Latina", onde afirmou que era urgente e vital a tarefa de proclamação da mensagem redentora, "chamando os homens para o discipulado cristão e enviando-os a trabalhar na criação de uma sociedade melhor".[77]

> Nossa Igreja sempre sentiu profundamente sua vocação ecuménica; o tema para a unidade da Igreja tem sido muito fundamental para a sua vida. Sem esquecer ou negar nossa herança evangélica, da qual sentimos orgulho, estamos ansiosos por todos os tipos de trabalho que reunam todos os cristãos no Continente sob a única direção de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador.[n]

72. EC, 31 de julho de 1969, p. 7.
73. EC, 1.o de maio de 1968, p. 5.
74. **Atas,** Concílio Geral 70-71, p. 31. (Para detalhes, ver Suplemento VII, p. 46 a 50) EC, 31 de agosto de 1970, p. 8.
75. EC, 31 de julho de 1969, p. 6.
76. EC, 31 de agosto de 1970, p. 8. ,
77. EC, 31 de julho de 1969, p. 6.
78. idem, p. 6.

Conclaves mundiais metodistas

Nacionalmente e internacionalmente, os metodistas buscam en-contrar-se e conjugar esforços, reunindo-se. O Conselho Mundial Metodista é uma dessas expressões.

Em outubro de 1969, uma equipe de líderes do CMM viajou pela América Latina. No Brasil, explicaram que o CMM, segundo sua Constituição, "não procura legislar para os grupos metodistas, nem invadir sua autonomia. Existe . . . para servi-los e dar unidade ao seu testemunho e ação". O CMM, explicavam, "tem estado ativamente envolvido em cada fase do movimento ecuménico", agindo em estreita consulta e cooperação com o CMI. Foi a agência responsável pelos observadores metodistas no Vaticano II, de 1962 a 1965.[79]

A cada cinco anos, o CMM organiza a Conferência Mundial do Metodismo.[80] A cidade de Oslo, Noruega, abrigou a Conferência de 1961 (17 a 25 de agosto), de tema "A Nova Vida do Espírito".[81] A Sra. Ottília de O. Chaves, um dos presidentes da Mesa Executiva do CMM, era a representante nata da IMB no conclave, que contou com cerca de 2.000 participantes. No mesmo local (de 11 a 16 de agosto, precedendo a Conferência), ela participou também da reunião da Federação Mundial de Senhoras Metodistas, com delegadas de 78 países, oito delas da América Latina.[82]

Relatando sobre suas experiências[83] a delegada brasileira afirmou que a influência do Conselho tinha aumentado em todo o mundo, provando "ser o elemento que há de criar a unidade de espírito necessária para que a expressão de J. Wesley — 'os metodistas são um só povo em todo o mundo', seja uma feliz realidade". E deu ciência de que o CMM estava interessado na preservação dos edifícios e propriedades históricas do metodismo.

Três grandes reuniões aconteceram imediatamente antes da Conferência Mundial Metodista de 1966 (em Londres, no Westminster Central Hall, uma espécie de Templo Metodista Central). *Primeiro,*

79. EC, 15 de dezembro de 1969, p. 3. Entre os propósitos do CMM, o de aprofundar a amizade dos povos metodistas acima das barreiras de raça, cor, nacionalidade e linguagem. Sugerir prioridades na atividade metodista. Encorajar o evangelismo em cada lugar. Promover a Educação Cristã e o cuidado da juventude no mundo. Conclamar a participação metodista no movimento ecuménico e promover a unidade do testemunho metodista e serviço naquele movimento". Além de Igrejas, órgãos como a Federação Mundial de Senhoras Metodistas e Sociedade Histórica do Metodismo filiam-se ao CMM.
80. As raízes do CMM estão em 1881. A partir desse ano os metodistas se reuniram regularmente a cada dez anos, até 1931. Depois, em razão da Guerra, houve uma reunião somente em 1947. A partir de 1951 com a organização aprimorada, resolve-se que as reuniões seriam quinquenais. EC, 1.° de fevereiro de 1961, p. 1.
81. Sub tópicos: a) O Senhor é doador da vida; b) A vida da família na Igreja; c) A Igreja na vida do mundo; d) O Metodismo na Igreja Universal. Havia 40 milhões de metodistas no mundo; 18.135.510 deles como membros comungantes. (EC, 15 de outubro/ 1.° de novembro de 1961, p. 4. EC, 1.° de fevereiro de 1961, p. 2.).
82. EC, 1.° de dezembro de 1961, p. 5. Ottília Chaves fora presidente desta Federação de 1952 a 1956.
83. EC, 15 de dezembro de 1961, p. 3. Outros relatos em EC, 1.° de agosto de 1961, p. 5. EC 15 de outubro/1." de novembro de 1961, pp. 7 e 16. EC, 1.° de janeiro de 1962, p. 12.

tendo por tema "A Igreja e o Mundo em Revolução", 300 jovens metodistas de 35 países, entre os quais seis latino-americanos, reuniram-se no Congresso Mundial da Mocidade Metodista (Kingswood Colle-ge, Ath, Inglaterra). Paulo Schutz, académico de teologia, foi o representante brasileiro.[84] *Segundo*, a Sra. Smirna Tacão representou as senhoras metodistas brasileiras na reunião da Federação Mundial de Mulheres Metodistas (Southlands College, Wimbledon, Inglaterra) cujo tema foi "Conhecer a Cristo e torná-lo conhecido". Representados, 71 países.[85] *Terceiro*, a Sra. Ada Sucasas participou da l.ª Conferência Mundial Metodista da Vida da Família (em Birmingham, com 200 delegados de 35 países).[86]

Depois, esses três delegados, juntamente com o Bispo Oswaido Dias da Silva e Rev. George Megill, participaram da Conferência propriamente. Vindos de 62 países, 1.800 delegados se reuniram para considerar o tema "Deus em nosso Mundo". Em uma das palestras, foram citadas palavras do Cardeal John C. Heenan:

> Um dos perigos do ecumenismo é que se gasta muito tempo em especulações, em detrimento da pregação da Palavra de Deus. O povo deve ser nossa suprema preocupação. Cristo deu aos mensageiros de João Batista a fórmula para reconhecerem sua igreja "aos pobres pre-ga-se o Evangelho" (Mt 11:5). Se nossa palavra passa por cima da cabeça do homem do povo então estamos falhando como pastores.[87]

84. Ele testemunha que aprendeu as seguintes lições: 1. "... o futuro da Igreja no Brasil está todinho nas mãos dos brasileiros". 2. Ao falar das dificuldades do Brasil, alguém contestou — "não são dificuldades, são oportunidades". Concluiu Paulo: "Quanto mais a Igreja falar e agir hoje, tanto mais ela poderá falar e agir amanhã". 3. "... o que eu vi lá, excluindo louváveis exceções, foi uma juventude fria, indiferente aos desafios das palestras realmente palpitantes pronunciadas na Conferência". E criticou o paternalismo da Igreja para com a mocidade. Paulo teve a oportunidade de falar no congresso. EC, 1 ° de dezembro de 1966, pp. 1 e 2.
85. A delegada informou que a Federação Mundial estava especialmente interessada em: 1. "Chamar mulheres de todas as raças a se dedicarem ao serviço do Mestre, aceitando suas responsabilidades no Lar, na Igreja e na Nação. 2. Desenvolver a compreensão e a fraternidade entre as organizações de Senhoras, de qualquer denominação. 3. Participar nos problemas da comunidade, influindo de forma positiva na formação de lares melhores para um mundo melhor". **Voz Missionária,** janeiro, fevereiro, março de 1967, p. 19.
86. A delegada brasileira, que era redatora da Voz **Missionária,** relatou suas experiências concluindo que, segundo a Conferência, "a única solução para a ansiedade e a angústia do nosso mundo é o estabelecimento da vida cristã no seio da família humana" (EC, 15 de outubro de 1966, pp. 4 e 8).
87. Palestra de Harold Roberts (que fbra presidente do CMM) citado no relatório de Oswaido Dias da Silva. EC, 15 de dezembro de 1966, pp. 10 e 12.

IV

A IMB E SUA CONVIVÊNCIA COM OS EVANGÉLICOS NACIONAIS

"Evangélico" é vocábulo que ficou designando os cristãos não--católicos. Unidos, sob formas de maior ou menor estabilidade, eles juntaram esforços para crescer ou sobreviver. Os metodistas sempre marcaram sua presença e incentivo a esses empreendimentos.

A IMB integra a Confederação Evangélica do Brasil

Da união orgânica entre o Conselho Evangélico de Educação Religiosa no Brasil, a Comissão Brasileira de Cooperação, e a Federação de Igrejas Evangélicas do Brasil, nasceu a Confederação Evangélica do Brasil, em 1934.[1]

A década de sessenta mostrava-se auspiciosa para a CEB.[2] Ad-mitia-se que o evangelismo nacional já começava a ter na CEB o "fórum de debates dos seus grandes temas e problemas, em decidida afirmação de sua unidade", e que a obra estava, sem dúvida, am-pliando-se.[3] No ano de 1961 houve uma assembleia de reorganização, a fim de que a CEB pudesse "atender melhor às necessidades. . . do evangelismo pátrio".[4] Tinha-se como certo que, "em face às presentes ameaças à nossa ordem sócio-político, é indispensável uma participação imediata e valiosa por parte das Igrejas Evangélicas em voz unís-

1. REILY. D.A. **História Documental do Protestantismo no Brasil,** p. 258. A data. 1934, está mencionada no EC, 15 de junho de 1961, p. 3.
2. Perante o VIII Concílio Geral da IMB, compareceu o Rev. Rodolfo Anders, secretário executivo da CEB, prestando informe sobre a mesma. Foi aprovado voto de apreciação ao trabalho da CEB "pela magnífica obra que vem realizando" **(Atas,** Concílio Geral, 1960, p. 83). Notícia de 1963 (EC, 1.° de novembro de 1963, p. 1) referindo-se à obra da CEB, em especial nos três últimos anos, considerava-a "apresentando desenvolvimento inesperado", podendo-se com isso afirmar que "a sua perspectiva é de se tornar cada vez mais expressiva **e** gloriosa, em favor da pátria e das próprias igrejas".
3. Em 1961, a União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristã do Brasil ingressava como membro efetivo; a Igreja Evangélica Suíça e Igreja Evangélica Arménia, como membros cooperadores. Os metodistas Rev. Messias Amaral dos Santos e Rev. Juvenal Ernesto da Silva (2.° vice-presidente e vogal) faziam, parte da díretoria. EC, 15 de junho de 1961, pp. 4 e 5,
4. idem, p. 5.

sona".[5] Entre as decisões, aprovou-se a comemoração anual de um Dia do Evangelismo Nacional, e acertou-se que a diretoria elaboraria um manifesto; de fato, com data de 29 de dezembro de 1961, saiu a "Proclamação da CEB" contendo avançadas colocações. Fala-se na "crise brasileira". Propugna-se por justiça social, reforma agrária, educação não privilegiada e justiça dentro da ordem. "Não precisamos copiar revoluções", afirmava a proclamação. "A nossa revolução é urgente, mas recusa as violências de qualquer espécie". Isaías Fernandes Sucasas, presidente do Colégio dos Bispos da IMB, era um dos signatários.[6]

Em 2 de dezembro de 1961 cria-se o Centro de Estudos Brasileiros, a ser administrado pelo Setor de Responsabilidade Social da Igreja, da CEB, presidido por Almir dos Santos.[7] Coube a esse Setor a realização da Conferência do Nordeste (Recife, 22 a 29 de julho, 1962) sob o tema "Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro", reunião que teve significativa repercussão nos meios evangélicos, em especial nas suas lideranças. Assim, enquanto um segmento se preocupava com os estudos relativos à Igreja e Sociedade, outro mantinha a tradicional posição de defesa dos interesses "evangélicos" no sentido de "pan-protestante". Exemplos: a comemoração do **Dia** do Evangelismo Nacional em 1963 (6 de outubro) fora precedida de uma semana de oração cuja temática evidencia essa preocupação intra-mu-ros;[8] e outro: "evangélicos evitaram o monopólio do ensino religioso", noticiava o *Expositor Cristão* referindo-se à modificação conseguida em legislação do ensino no Estado de São Paulo, por empenho da CEB.[9]

A palavra revolução estava na ordem do dia, com diferentes conotações. De fato, uma revolução — não aquela que muitos espe-

5. EC, 15 de novembro de 1961, p. 9. [sic]
6. Da "proclamação", ainda: "Não se trata de dar ou aceitar esmola, mesmo grande e sedutora, e, sim de fazer justiça e responder aos anseios naturais e legítimos das criaturas de Deus" (.....) "Dentro das exigências inadiáveis de justiça social que mude o status quo, destacamos primeiro a reforma agrária, talvez a mais urgente de todas. (.....) "É preciso que todas as classes e todos os grupos pensantes se unam em defesa de um sistema de educação que não seja mero privilégio de uns poucos". (.....) "Conclamamos o Governo à obediência a Deus, fonte de toda a autoridade e poder (Romanos 13.1). É seu dever primário estabelecer justiça, salvaguardar a ordem e assegurar ao povo os direitos fundamentais de liberdade, crença e opinião". (.....) "Conclamamos também todo o povo brasileiro a pugnar pela justiça, dentro da ordem. Não precisamos copiar revoluções". EC, 15 de fevereiro de 1962, p. 5.
7. EC, 1.» de abril de 1962, p. 5. Na notícia, detalhes sobre os objetivos e métodos de trabalho do Centro. Almir dos Santos, pastor metodista, interessava-se sobremodo pela temática Igreja e Sociedade.
8. Orações: a) em favor das igrejas evangélicas nacionais; b) pelos missionários brasileiros que trabalham fora de nossa terra; c) em benefício das escolas dominicais; d) em prol do trabalho dos capelões evangélicos; e) pelos colégios evangélicos; f) em favor dos hospitais evangélicos, orfanatos, asilos e demais instituições benemerentes; g) em benefício da CEB. EC, 1.° de novembro de 1963, p. 1.

9 A CEB, por meio de parlamentares evangélicos, exigiu do governo do Estado de São Paulo, modificações na legislação que o Padre Januário Baleeiro, Secretário de Educação do Estado, fizera, introduzindo "um programa de religião cuja maior parte era francamente contrária aos interesses e preceitos evangélicos, que se evidenciava como uma medida mono-polizadora do ensino religioso". EC, 1.° de dezembro de 1963, p. 12.

ravam — ocorreu no Brasil. Em 31 de março de 1964, forças militares assumiram o comando político do país sob a alegação de salvar a democracia nacional.[10] De início, não se sabia o que o país viveria em futuro próximo. Nasciam as opiniões pró ou contra a "revolução", inclusive dentro do meio evangélico. Aprofundou-se o divisor das águas. As convergências ou divergências ideológicas afloraram *nas* denominações e *entre* elas. A unidade espiritual e fraterna se dissolveria. Paralelo ao processo de cassações políticas no país, os expurgos se efetuariam nas igrejas.

A 6 de maio de 1964 se iniciaria a crise declarada na CEB, com a "demissão de vários secretários e suspensão de alguns departamentos", por decisão da Diretoria.[11] Sobre os demitidos pairava a acusação de que teria havido infringência dos Estatutos da CEB, indisciplina e desacato a explícitas determinações do Conselho Executivo. Mais ainda: falta de cumprimento de obrigações funcionais, publicação de conceitos comprometedores da obra da Confederação, e "orientação de Setores em discordância com o pensamento do povo evangélico e relações de solidariedade político-partidária, ou ideológica, que têm comprometido o bom nome da causa evangélica".[12]

Os implicados proclamavam que não puderam ter oportunidade real de defesa e explicação. Denunciaram que os julgamentos foram em reuniões secretas, e serem falsas as "acusações de ordem ideológica . . . tendo a Diretoria aproveitado o ambiente político da nação para comprometer os demissionados",[13]

Os metodistas, diante deste quadro, não se omitiram. O Gabinete Geral pediu à Diretoria da CEB a realização de uma assembleia com a máxima urgência, "compatível com o tempo necessário para assegurar a presença de todos, com o objetivo de resolver em defi-

10. A nosso ver, a mais significativa interpretação do que ocorreu, do ponto de vista sócio-político-econômico, sem haver preocupação com as movimentações táticas militares, acha-se em **"1964: A Conquista do Estado — Ação Política, poder e golpe de classe",** de René Armand Dreifuss, São Paulo, Vozes, 1981. É estudo minucioso, que detalha a influência do Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES), ligados à classe empresarial nacional e multinacional, que, finalmente, influenciando as forças militares, deflagraram a tomada do poder.
11. Para maior precisão: foram dispensados de seus cargos o Rev. Francisco de Paula Pereira de Souza (secretário-assistente do Setor da Mocidade); Rev. Domício Pereira de Mattos (secretário interino do Departamento de Educação Religiosa); Dr. Jether Pereira Ramalho (secretário executivo do Departamento de Ação Social); Sr. Waldo Aranha Lens César (secretário executivo do Setor de Responsabilidade Social da Igreja). Foram suspensas as atividades do Setor da Mocidade, de parte da obra do Departamento de Ação Social e do Setor de Responsabilidade Social da Igreja. **EC,** 1.° de setembro de 1964, p. 12. Cabe aqu. a menção ao livro de João Dias de Araújo, **Inquisição sem Fogueiras,** do qual transcrevemos: "A CEB foi seriamente comprometida pela crise da Igreja Presbiteriana do Brasil. Escreve Domício de Mattos: 'A crise que começara na IPB se alastrou pela CEB, onde o mesmo presidente da Igreja era também presidente. As mesmas acusações, as mesmas pressões e, finalmente, o 'expurgo', sem nenhuma consideração pelo problema humano dos demitidos que, colocados 'no olho da rua', ficariam, pelo menos durante alguns meses, sem recursos para sua manutenção e da família'. Após 1964 a IPB praticamente se isolou da CEB (...)", (p. 103).
12. **EC,** 1.° de setembro de 1964, p. 12.
13. **EC,** 1.0 de setembro de 1964, p. 12.

nitivo o assunto — assegurando-e a defesa dos demitidos".[14] Ao que parece, o pedido não encontrou eco.

A Assembleia Nacional da CEB (23 a 26 de março de 1965) resolveu limitar as atividades da entidade, que se encontrava em precária situação, à: "representação pública" e "relações inter-eclesiásti-cas". Fez cessar todas as outras áreas; adiou *sine die* a reestruturação definitiva, e determinou à diretoria que promovesse a hipoteca e venda de parte de seus móveis e imóveis a fim de pagar uma grande dívida, oriunda de desorientação administrativa.[15]

Em meados da década, a importância antes creditada à CEB já havia se diluído. E com razão. A Confederação, por exemplo, mos-trou-se incapaz e temerosa de levar adiante o seu apoio à realização da III CELA no Brasil (que acabou se realizando em Buenos Aires).

Enquanto isso, não tendo ido avante o projeto da CEIE, mesmo sem abandonar a CEB[16] os metodistas buscavam outros vínculos, na linha do CMI, "visando a organização de um Conselho Nacional de Igrejas".[17]

Desativados, os setores da CEB foram se extinguindo, e a CEB passou a esvaziar-se. O Setor de Educação Religiosa, editor do material curricular para as escolas dominicais (que a IMB deixou de usar a partir de 1967) continuou a existir como um empreendimento praticamente particular, encabeçado por Rodolfo Anders.

Uma palavra sobre o Hinário Evangélico. O Rev. António de Campos Gonçalves havia representado a IMB na Comissão do Hinário Evangélico, na década dos cinquenta. O VIII Concílio Geral aprovou a adoção do H.E. como hinário oficial da IMB.[18] Em meados de

14. **EC,** 1.° de agosto de 1964, p. 12. A seriedade do problema, ao que parece, não penetrava a totalidade da IMB. Em 1965, o Rev. Rodolfo Anders, Secretário Geral da CEB, prestou informações ao Concílio da 1." RE, e na ocasião foi saudado com uma salva de palmas". **(Atas,** CR **1."** RE, 1965, p. 44). Não há detalhes sobre as informações que prestou. E **as** palmas, mera cordialidade?
15. **EC,** 1.° de outubro de 1965, p. 7. Almir dos Santos, 2.° secretário e Rev. Waldemar Gomes de Figueiredo, 1.° tesoureiro, eram os metodistas na nova diretoria. Pode-se dizer que eles representavam, respectivamente, as alas progressista e conservadora da IMB.
16. Trecho do relatório do Gabinete Geral nos dá conta de que esse "solicitou... que fosse enviado... para ser apresentado ao X Concílio Geral, a fim de que o plenário pudesse pronunciar-se sobre o futuro do relacionamento da IMB com a ... Confederação, o seguinte: a) cópia do estatuto em vigor; b) relatório das atividades do último biénio; c) balancete do ano de 1969; d) relacionamento com o CMI; e) programa de ação para o biénio 1970-1971". Na pesquisa efetuada, não se achou registros de resposta ao pedido. **Atas,** X Concílio Geral, 1970-71, p. 79.
17. **ATAS,** CR *2** RE, 1967, p. 19. O Bispo José Pedro Pinheiro, autorizado pelo Gabinete Geral e representando o Colégio dos Bispos, se reuniu com o Bispo Primaz da Igreja Episcopal do Brasil e o Presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Tratavam-se de igrejas brasileiras filiadas ao CMI. No ano seguinte, o bispo metodista informava que o Gabinete Geral estava "ansioso para ver no Brasil a existência de um Conselho Ecuménico de Igrejas Cristãs". Porém, "a tarefa não tem sido fácil mas perseveramos no intento com cuidado, a tolerância, a compreensão e paciência que o assunto exige". (Cf. **ATAS,** CR *2."* RE, 1968, pp. 19 e 20). Seria no ano de 1982 o surgimento do CONIC.
18. **ATAS,** VIII Concílio Geral, 1960, pp. 55 e 56. A edição de 1961 foi o coroamento de um processo iniciado em 1935. Em 1945 sairá uma edição (230 hinos), outra em 1953 (456 hinos). A última (500 hinos) baseou-se no desejo de aperfeiçoamento: eliminação de cacó-fatons, inclusão de novos hinos da hinologia universal, ajustes de melodias etc. **Expositor Cristão,** 15 de agosto e 1 ° de setembro de 1961, p. 12.

1961 o hinário estava à venda. A edição de bolso, somente com letra, teve tiragem especial para a IMB, com leituras antifônicas e parte do ritual da Igreja. Finda a CEB, os direitos autorais sobre o H.E. ficaram com a IMB. Eis aí, sem dúvida, um trabalho inapagável da CEB dentro das comunidades evangélicas nacionais.

1. A Conferência do Nordeste

O Setor de Responsabilidade Social da Igreja realizou em Recife sua IV Reunião de Estudos (22 a 29 de julho de 1962) com o tema "Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro". Esse foi o ponto culminante de uma série de encontros nos quais os debates, girando em torno da Igreja e Sociedade, ganhavam relevância.[19] Provenientes de 16 Estados, 167 participantes de 14 denominações (além de observadores) ouviram palestras, testemunhos; viram teatro e exposição.

Entre os palestrantes, o sociólogo Gilberto Freire, os economistas Celso Furtado e Paul Singer. Também, membros da equipe universitária que trabalhavam com Paulo Freire participaram de debates. Isso mostra um pouco do espírito reinante no encontro, que não foi exclusivamente *de* e *para* evangélicos.

Na "fronteira económica" atuaram os grupos de trabalho urbano, industrial e rural. Na "fronteira cultural" os grupos educacional, estudantil e arte e comunicação. Todos eles produziram as suas "recomendações".[20]

Mudança, crise, problemas, revolução, eis as palavras-chave das palestras. Apesar da abertura dos debates, constatou-se o elitismo dos participantes. Jayme Ferreira indagou:

> Na próxima reunião devemos ter maior número de operários presentes, inclusive mulheres que trabalham nas fábricas; e também camponeses. Como podemos falar sobre assuntos que envolvem essas pessoas, sem a presença delas? Houve muita teologia... Eu me senti esmagado ao lado de tantos teólogos![21]

Infelizmente, tal reunião nunca se realizou, por razões já apontadas.

19. Existiu uma autónoma "Comissão de Igreja e Sociedade". Incorporada na CEB, tornou-se no respectivo Setor. A primeira reunião de estudos (1955) entitulou-se "Responsabilidade Social da Igreja"; a segunda (1957) "A Igreja e as Rápidas Transformações Sociais do Brasil"; a terceira (1960) "A Presença da Igreja na Evolução da Nacionalidade". A assembleia do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), em Evanston (1954) dera ênfase ao conceito de Sociedade Responsável.
20. CEB, Setor de Responsabilidade Social da Igreja. **Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro,** Rio de Janeiro, Editora Loqui, 1962. Volumes I e II. Nesses exemplares encontramos interpretação e notas diárias sobre a Conferência (Vol. I) e a íntegra das palestras e das "recomendações" (pp. 147 a 186 — Volume II). O **Expositor Cristão** nas edições de 1.° de março, e 1.° de abril de 1963 editou as "recomendações" dos grupos da "fronteira económica". Esse órgão publicou também uma das palestras, "Revolução do Reino de Deus", do Rev. João Dias de Araújo, em 1.° de outubro de 1962.
21. CEB. Cristo e o Processo... Vol. I, p. 104.

Ressalte-se que, já no processo de preparação da conferência, haviam sido estabelecidos os "fundamentos para interpretação dos acontecimentos":

a. Base teológica da responsabilidade social da Igreja^
b. Interpretação dos movimentos sociais e ideológicos;
c. Posição da Igreja, com relação a problemas específicos: reforma agrária desenvolvimento, etc.[22]

Na época, florescia uma nova mentalidade evangelizadora. O conceito de Reino de Deus ia impondo-se como importante. A hermenêutica bíblica abria-se para uma nova dimensão. O conhecimento da sociedade era vitalmente importante para quem desejasse elaborar teologia. Mas não era um despertamento assim generalizado, como muito bem assinalou Waldo César:

> As Igrejas não estão unânimes na sua forma de ação perante as situações de crise social. Têm sido relativamente simples e elementares suas respostas. Em algumas épocas e lugares foi-se ao exagero da união da Igreja com o Estado, ou à tentativa da formação de sindicatos ou partidos cristãos, ou ainda à criação de um *Corpus Christia-num;* em outras situações há recusa total em particular [sic — seria participar] de estudos sobre a questão social. Em relação a esta Conferencia, por exemplo, um grupo rejeitou o convite em vista de "resolução existente desde o início desta obra em nosso país, por meio de cuja resolução só podemos participar de empreendimentos, reuniões ou movimentos religiosos estritamente concernentes a nossa Fé".[23]

Sob o título "Igrejas Chamadas para ação mais dinâmica no processo revolucionário brasileiro", o *Expositor Cristão* publicou, após a Conferência, matéria da qual transcrevemos trecho relevante:

> ... a situação brasileira já ultrapassou a fase que se descrevia como de rápida transformação social. Vivemos agora um momento revolucionário caracterizado pela luta contra o subdesenvolvimento e afirmação plena da nacionalidade brasileira. As estruturas que sustentam a sociedade brasileira estão sendo abaladas profundamente e buscam outras formas. Há um despertamento geral das classes oprimidas; e por toda a parte grupos conscientes se organizam e se articulam na tentativa de oferecer bases para as urgentes mudanças e reforma que se reclama. Mas o que tem faltado no processo revolucionário brasileiro é a presença da Igreja — que pode oferecer novas possibilidades de vida e perspectiva de humanização que ainda não foram seriamente experimentadas. "Cristo e o processo revolucionário brasileiro" é uma forma de expressar com realismo e ousadia o encontro da mensagem cristã com a situação concreta do homem brasileiro.[24]

22. idem, p. 121.
23. idem. pp. 85, 86.
24. EC, 1.0 de novembro de 1962, p. 12. "Rápida transformação social" era uma circunlocução para evitar a palavra "revolução".

Os metodistas participantes, de uma ou de outra forma, na Conferência, foram: Rev. Almir dos Santos (presidente do Setor, orador na sessão inaugural); Rev. Dorival Rodrigues Beulke; Rev. Messias Amaral dos Santos; leigos: Warwick Kerr, Dina Rizzi, Claudius Cec-con, Derly Barroso (esse através de obra artística em exposição) e Alfonso Zimmermann.[25]

O Surgimento da Comissão Ecuménica Inter-Eclesiástica

O VIII Concílio Geral aprovou a existência da Comissão de Atividades Ecuménicas. Entre seus objetivos, o de "iniciar conversações com as denominações irmãs a partir daquelas mais chegadas ao Metodismo para examinar a possibilidade de união orgânica".[26]

Essa comissão cumpriu seu papel. Estando organizada, informou a diversas Igrejas[27] as decisões do último Concílio Geral da IMB e formulou convite no sentido de participarem em quaisquer *fases do* trabalho futuro. A resposta mais positiva veio da parte da Igreja Episcopal Brasileira, que, inclusive, nomeou comissão com poderes semelhantes aos da Metodista, e demonstrou maior interesse em conversações teológicas, visando união orgânica.

Iniciaram-se as conversações. As duas comissões examinaram[28] as semelhanças e diferenças entre as Igrejas, decidindo-se que viriam a se basear no denominado "Quadrilátero de Lambeth".[29] No uso do Credo Apostólico, notou-se como diferença entre as duas Igrejas a inclusão, ou não, de "desceu ao Hades" e "está sentado". Após estudos, entendia a comissão de Atividades Ecuménicas que havia possibilidade de se chegar a uma forma única quanto ao Credo.

25. **Cristo e o Processo...** Vol. I, pp. 13, 17, 57. Almir dos Santos, pastor, era muito conhecido na IMB, e profundamente envolvido com a temática igreja e Sociedade; Dorival Rodrigues Beulke, pastor, primeiro missionário metodista no Recife; em 1964, ele seria detido após a ocorrência da "revolução"; Messias Amaral dos Santos, pastor; Warwick Kerr, cientista, geneticista, professor universitário; Dina Rizzi, diretora do Instituto Metodista (na Chácara Flora, em São Paulo), que se destinava primordialmente ao ensino de moças, preparando-as para atuarem na Igreja; Claudius Ceccon, conhecido caricaturista político, comunicador visual; Derly Barroso, artista que trabalhava para os periódicos editados pela IMB; Alfonso Zimmermann fora sacerdote católico, tornou-se membro da IMB e professor na Faculdade de Teologia.

26. **Atas,** Concílio Geral, 1960, p. 110.

27. União das Igrejas Cristãs e Congregacionais do Brasil, Assembleia de Deus, Metodista Livre, Batista, Cristã de São Paulo, Presbiteriana Independente do Brasil, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Episcopal Brasileira, Presbiteriana do Brasil. **Atas,** Concílio Geral, 1965, p. 245.

28. Houve reuniões em 11 de setembro, 5 de outubro, 20 de outubro, 24 de novembro de 1961, na cidade de São Paulo; idem, p. 246.

29. São quatro artigos de fé, propostos como base para a reunião da cristandade, adotado pela Convenção Protestante Episcopal dos EUA (Chicago, 1886) e pela Conferência de Lambeth em 1888. Os artigos afirmam: 1) a suficiência das Escrituras como regra de fé; 2) a aceitação do Credo dos Apóstolos e Credo de Nicéia; 3) haver dois sacramentos: batismo e Ceia do Senhor; 4) o episcopado histórico, localmente adaptado quanto aos métodos de administração. Lambeth é o nome do palácio episcopal em Londres. Desde 1867, a cada década, ocorre a Conferência de Lambeth, que reúne os bispos anglicanos para discutir matérias de interesse da comunhão anglicana. (Mathew, Shailer. **A Dictionary of Religion and Ethics^** New York, The MacMillan Company, 1921, p. 251.)

Desejando ampliar conversações, formularam convites a três Igrejas: Presbiteriana Independente e Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, que aceitaram; e Presbiteriana do Brasil, que, pelo seu supremo Concílio, julgou "inoportuno qualquer movimento no que tange à união orgânica".[30]

Aos presidentes das quatro comissões ecuménicas ficou claro que haveria necessidade de uma estrutura para dar direção e sequência ao trabalho. Numa primeira etapa, consideraram-se Comissão Conjunta. Em nova reunião (27 de abril de 1963) contaram com a presença do Rev. Janos Apostol, da Igreja Cristã Reformada (à qual se formulou convite oficial, posteriormente).[31] Decide-se pela elaboração de estatutos.

Outra vez reunidos (1.° de novembro de 1963), cada comissão denominacional trouxe uma apreciação de sua preocupação ecuménica.[32] Na ocasião, aprovaram os estatutos da nascente Comissão Ecuménica Inter-Eclasiástica (CEIE), tendo por preocupação "evitar qualquer conflito com a CEB", não duplicando as suas atividades ou entrando em competição com ela. Ficou assegurado que a própria CEB teria representação na assembleia.[33]

Com o ingresso da Igreja Cristã Reformada do Brasil (8 de fevereiro de 1964) eram cinco as Igrejas Membro. Principiaram uma série de estudos, subordinados ao tema "Jesus Cristo e sua Igreja".

Optaram por reunir-se fora de São Paulo. Assim encontraram--se em Curitiba (1964) onde foi empossada uma comissão regional, e Porto Alegre (1965 — 26 a 28 de fevereiro).

Na intenção da CEIE estava o encorajamento de expressões ecuménicas locais, de diversas modalidades, para que não fosse um acontecimento a nível de cúpula, mas de raiz.[34]

Quando D. A. Reily relatou ao Concílio Geral da IMB, 1965, mencionou que havia uma "caminhada longa a ser trilhada"; pediu a aprovação dos estatutos da CEIE. Nas *Atas* não há registro que aponte, ou não, essa aprovação.

30. **Atas,** Concílio Geral, 1965, p. 246.
31. Presente também o Rev. José Borges dos Santos, da Igreja Presbiteriana, que frisou ali estar "por sua responsabilidade pessoal". EC, 1.° de agosto de 1963, p. 5.
32. Presente, ainda, os Revs. W. B. Forsyth e João Arantes Costa, da Igreja Congregacional e Aharon Sapsezian, da Igreja Evangélica Arménia.
33. Pelo Artigo 2.°, a CEIE tinha como principais objetivos: "§ 1.°) Buscar a unidade do povo de Deus já existente em Cristo, e procurar um caminho comum para a sua manifestação concreta dentro das Igrejas radicadas em nosso país. § 2.°) Intensificar o diálogo teológico inter-eclesiástico. § 3.°) Levar para dentro das nossas comunidades locais o testemunho do Evangelho de Jesus Cristo em relação à unidade ecuménica cristã. § 4.°) Promover reuniões para abordar e dialogar assuntos ecuménicos, com base em estudos bíblicos.
34. Modalidades possíveis, algumas das quais já em prática: "1. Comemoração conjunta de dias especiais, como Dia da Bíblia, Dia da Reforma, Sexta-feira Santa, Confraternização da Mocidade. 2. Formação ou ativação de Conselhos Interdenominacionais de Ministros. 3. Troca de púlpitos entre os pastores. 4. Santas Ceias em conjunto. 5. Reuniões para tratar da questão ecuménica. 6. Trabalhos interdenominacionais de evangelização, ação social. 7. Delegados fraternais das denominações irmãs nos Concílios Distritais e Regionais. EC, 1.° de agosto de 1963, p. 5.

Contactos e Cooperações Diversas

A existência de alguns órgãos interdenominacionais, além dos já mencionados em capítulos anteriores, bem como a programação de eventos que proporcionaram a aproximação dos "evangélicos", são situações importantes que contaram com a cooperação dos metodistas. A premência do espaço nos obriga a referências gerais e breves, sem muitos detalhes, ricos de inspiração para os que puderem conhecê-los através de outras fontes.

1. Foi no dia 20 de dezembro de 1961, em sessão solene celebrada na Faculdade de Teologia da IMB, que oficialmente surgiu a Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos — ASTE. Seu secretário executivo, Aharon Sapsezian, da Igreja Evangélica Arménia, cursara teologia nessa instituição metodista. Fazendo parte da primeira diretoria estava o metodista Rev. Nathanael Inocêncio do Nascimento (como tesoureiro e também presidente do Centro Evangélico de Estudos, um órgão da própria ASTE). Essa entidade se firmou e continua atuante até a presente data, sempre contando com a cooperação metodista.

2. Desde a década de cinquenta, os diretórios académicos das faculdades de teologia evangélicas realizavam, a cada ano, o Encontro de Seminaristas, contando com o comparecimento dos metodistas. Taís reuniões eram muito apreciadas pelos participantes. Constituiam-se não somente em oportunidade de encontro fraterno, mas também ocasião de estudos cuidadosamente elaborados pelos seminaristas. Chegaram os anos sessenta: em São Leopoldo, RS, o VII Encontro (1961); em Rudge Ramos, São Bernardo do *Campo, o VIII (1962); em Campinas,* o IX (1963). Não conseguimos precisar quando foi o último. Infelizmente, na segunda metade da década, plena de crises que abalaram as Igrejas e seus seminários, os encontros não mais ocorreram.

3. A divulgação da Bíblia tem sido importante fator de aproximação dos protestantes no Brasil. A Sociedade Bíblica do Brasil, sempre teve o apoio metodista (o mesmo ocorrendo no exterior), inclusive com pessoas eleitas para cargos de sua diretoria. Nas igrejas locais, agentes angariavam recursos para a obra, arrolando sócios. No segundo domingo do mês de dezembro, Dia da Bíblia, as comemorações ocorriam em todo o país. Era oportunidade para celebrações em comum, inclusive com os pentecostais. Porém, não havia estudos de maior profundidade nessas ocasiões. Constituiam-se mais em aproximações fraternais.

4. Em várias cidades, nas quais a diversidade de evangélicos era notória, foi comum organizarem-se Conselho de Pastores. Tinha--se em vista o sustento de obras sociais comuns, a programação de encontros, a proclamação de palavra oficial dos evangélicos em datas

e situações oportunas. Campanhas de evangelização em comum (algumas das quais incentivadas pelo Serviço de Evangelização para a América Latina — SEPAL) foram levadas a sério. Tentou-se a formação de cooperativas evangélicas. Os metodistas apoiavam tais conselhos.

5. O Centro Áudio Visual Evangélico — CAVE — contou com metodistas em sua administração superior. As origens da entidade estão na cidade de São Paulo. Mais tarde, com o apoio financeiro da RAVENCO (dos EUA, que conta com a participação de metodistas) e outros, o CAVE instalou-se em sede própria na região rural de Campinas, SP. A produção de filmes-fixos, gravações, programas de rádio, e até um projetor fixo criado por um de seus técnicos, foram alguns dos feitos importantes da obra. Segundo Celso Wolf (pastor presbiteriano, um dos iniciadores) estatutariamente o CAVE era autónomo, e ao mesmo tempo tinha vínculos com a CEB. Quando ocorreram substituições de pessoal na área de produção e criação, houve incompetência administrativa e o CAVE não conseguiu man-ter-se no mesmo nível. Os problemas se avolumaram, e os responsáveis optaram pela dissolução da entidade. Na partilha, coube ao Instituto Metodista de Ensino Superior (São Bernardo do Campo, SP) a posse de alguns bens móveis e os direitos autorais dos filmes-fixos até então elaborados. O nome CAVE sobrevive, produzindo, como um setor interno da referida escola metodista.

6. A celebração da Semana de Oração pela Unidade Cristã obteve pleno apoio da parte da liderança metodista. Ocorriam mais nos grandes centros, capitais. Em 1968, por exemplo, um dos dias de reunião foi na IM do bairro da Luz, São Paulo. Notícia sobre o fato lembra que

> A semana de oração pela Unidade Cristã é uma dessas manifestações dos cristãos que reconhecem que a unidade da Igreja necessita se expressar antes de tudo neste ato de estarem juntos, sentindo a necessidade de juntos penitenciarem erros cometidos, pelo fato de estarem dividindo o corpo de Cristo.[35]

7. Patrocinada pela União dos Obreiros Evangélicos de Porto Alegre e por *World Vision,* efetuou-se em Tramandaí, RS (14 a 18 de outubro de 1963) uma Conferência de Pastores. O Rev. Erasmo Vurlod Ungaretti foi um dos metodistas presentes (12 denominações, 330 pastores). Noticiando o evento, ele destacou a palavra do Bispo

35. EC, 15 de julho de 1968, p. 7. (as igrejas participantes estão mencionadas no ANEXO III). A semana de Oração pela Unidade Cristã começou a celebrar-se em 1908 por iniciativa de sacerdotes anglicanos (EC, 1.° de janeiro de 1964, p. 1). Em 1909, o Papa Pio_ X aprovou oficialmente a sua observância. Tratava-se, então, de orar pelo retorno dos não--católicos romanos a Roma. Logo, por iniciativa do Padre Paul Couturier (católico romano, francês) modificou-se a intenção da oração, que veio a ser pela "unidade tal como Cristo quer e pelos meios que Ele quer". Contemporaneamente, representantes do CM! e da ICR tomam parte na elaboração dos roteiros de celebração da semana.

Thomas Mar Atanásio, da Igreja Mar Toma, Sul da Índia (que, segundo a tradição, foi fundada por Tomé no ano 52 da era cristã).

8. Católicos, episcopais, luteranos, metodistas, presbiterianos, presbiterianos independentes, e ortodoxos criaram o Centro de Ecumenismo do Rio de Janeiro, com sede na Rua Cosmos Velho, 98. Nos dias da inauguração (28 a 31 de outubro de 1967) houve palestras como "João XXIII e o Ecumenismo" e "Lutero na Perspectiva Ecuménica de Hoje".

9. A obra de assistência social, benemerência, socorro à infância e velhice, encontrou em vários pontos do Brasil a conjugação de esforços dos protestantes. Merece destaque a Associação Evangélica Beneficente, que mantinha sanatório, lar de infância e abrigo de velhice, policlínica e o Hospital Evangélico de Sorocaba.[36]

10. Quando se extinguiram os cursos regulares do Instituto Metodista situado na Chácara Flora (Santo Amaro, São Paulo) criou-se ali um Centro de Estudos. Um de seus objetivos, e forma de sustento, era a utilização das instalações, muito agradáveis, para reuniões ecuménicas ou encontros particulares de denominações que assim o desejassem. Tornou-se, assim, uma espécie de território de encontro interdenominacional .[37]

As formas de atuação cooperativa aqui mencionadas indicam a existência de um ecumenismo prático, que tem sua importância na medida em que é encontro e não divisão, é aproximação e não afastamento. Porém, as questões teológicas (inevitáveis e profundamente necessárias no amadurecimento do diálogo ecuménico) não eram tratadas com a devida constância. Assim, as divisões, ou rachaduras, ficavam escamoteadas. Essa observação, entretanto, não é válida para o caso da Sociedade Bíblica do Brasil e da ASTE que, por sua natureza e propósito, têm sido local de debate. No caso da ASTE, inclusive através de sua revista *Simpósio.*

Os limites do ecumenismo, ou a exclusão da ecclesia

Imaginemos a seguinte situação prática: ao final do ano escolar, certa turma de alunos de escola pública deseja realizar um ato "ecuménico" de ação de graças. Convidam o padre católico romano, o reverendo metodista, o pastor pentecostal, o líder de um centro espírita, o rabino, o élder dos mórmons, o deão dos testemunhas de Jeová. Seria cabível? Quais os limites do ecumenismo? Qual o ponto de vista do metodista para uma situação como esta? Afinal, argumentariam os formandos, todos não adoram o mesmo e único Deus?

36. EC, 15 de maio de 1966, p. 6. •
37. Verificar, para encontrar detalhes, em ATAS, Concílio Geral, 70/71, pp. 188 a 192.

Uma comissão, nomeada pelo CR da 2.ª RE, em 1970 divulgou um relatório sobre Cerimónias Ecuménicas. Inicialmente, estipulam "O que convém". Destacamos três itens desta parte:

> — Com os israelitas que são o tronco no qual fomos enxertados (Romanos 11) nós admitimos a sua colaboração conosco no culto e pregação, mas não podemos esperar nem exigir reciprocidade.
>
> — Com os espíritas pode-se aceitar a colaboração ecuménica em cerimónias sociais e cívicas mas não em cerimónias religiosas — culto, casamento etc. — devido à sua orientação panteísta.
>
> — Com outras orientações religiosas como Mormons, Testemunhas de Jeová, Umbandistas etc, só se admite a colaboração no setor assistencial (menor abandonado, alfabetização, desemprego, prostituição, alcoolismo, habitação etc.).[38]

Foi também em 1970 que as lições da Escola Dominical para jovens e adultos, consideraram o "Ecumenismo e suas Fronteiras".[39] Tinha-se como objetivo "ajudar os alunos a compreenderem os fundamentos e sentido do Ecumenismo, a delimitação de suas fronteiras, de maneira a prepará-los para contactos ecuménicos com outros grupos religiosos". A série de lições principia pelas bases bíblicas e narra a história do movimento ecuménico. A seguir, apresenta traços das igrejas Episcopal, Presbiteriana, Batista, Católica Romana "de nossos dias", Luterana, pentecostais. Com essas lições, objetivava-se levar o aluno a conhecer melhor a igreja "tal", a fim de que (grifos nossos) se "disponha a *cooperar* com ela onde e quando as ocasiões se apresentem" (no caso dos católicos, "a fim de prepará-los para uma possível *cooperação*. . ., tendo como critério os ditames do Evangelho"). A ênfase, portanto, estava em torno da possibilidade de cooperar.

Para as lições seguintes, que abordaram o movimento espírita, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (mórmons), os Testemunhas de Jeová, os adventistas, o objetivo ficou em termos de ajudar o aluno a preparar-se para que, em contactos com "tais", "saiba *jirmar-se em sua posição evangélica"* (grifo nosso). As lições não abordaram, a problemática do relacionamento entre cristãos e judeus, e nem com o tipo de espiritismo que se desenvolve no umbandismo e correlatos.

38. **EC,** 15 e 31 de julho de 1970, p. 14. Na 2." RE, foi proposto que o relatório seria encaminhado ao Concílio Geral; e sua publicação no **EC** ocorreu para que a Igreja toda tomasse conhecimento, debatesse, apresentasse sugestões. Na análise das **ATAS** do CG 1970/71, porém, nao localizamos qualquer pista sobre encaminhamento, aprovação ou rejeição do relatório, ou outro semelhante.
39. **Cruz de Malta,** Julho/Agosto/Setembro de 1970, pp. 6 a 44. **Em Marcha,** Julho/Agosto/Setembro de 1970, pp. 4 a 50. Para os juvenis, na **Flâmula Juvenil,** Julho/Agasto/Setembro de 1970, pp. 8 a 48, estudos sobre "Sentimentos que nos unem, ideias que nos separam". Os objetivos estão em **Ensino Eficiente 2,** Julho/Agosto/Setembro de 1970, no início de cada lição.

O enfoque dessas lições é bem revelador dos limites que o metodismo nacional via (e possivelmente ainda veja) para o campo do ecumenismo. Façamos uma análise pormenorizada, mas breve.

1. Metodistas e pentecostais. Embora refutando a interpretação pentecostal da atuação do Espírito Santo, do falar em línguas estranhas, e também não aceitando seus usos e costumes quanto às vestimentas necessárias para homem e mulher, os metodistas não se recusaram a conviver com os pentecostais em celebrações comuns (como o Dia da Bíblia) e prestação de serviços comunitários. Do ponto de vista metodista, eles estão seguindo ao Senhor Jesus Cristo, como mediador, Salvador, e têm possibilidade de se constituir como Igreja. Não obstante, por serem diversos os ramos pentecostais, e acreditarem eles que suas doutrinas são "mais corretas", não tiveram escrúpulos em ingressar na grei metodista, confundindo doutrinariamente os menos avisados, em igrejas locais, espalhando cisania. Linhas de defesa, contra tais ataques, tiveram de ser criadas pelos metodistas, evitando divisões (que ocorreram) em suas comunidades. Messias Freire, por exemplo, já no início da década, criticava aos que saiam de suas igrejas para as então denominadas Tendas,[40] mas criticava também as Igrejas Evangélicas, "por estarem muito pobres e necessitando do Espírito Santo". Em Lorena, SP, outro exemplo, a IM sofreu divisão pela atuação de simpatizantes da "Renovação Espiritual", oriunda de Belo Horizonte.[41] O nível da problemática na ocasião motivou os bispos metodistas a editarem sua pastoral "O Despertamento Religioso". Trataram sobre: "O Testemunho do Espírito", "O Ministério da Oração", "A Ordem no Culto", "A Vida Cristã". Tinham em vista preservar os metodistas 'do erro, dos excessos, da influência de falsas doutrinas e até de doutrinas aceitas por outros grupos cristãos, mas defesas à prática metodista".[42] Não há menção direta a nomes de grupos, mas é notório tratar-se de grupos de avivamentos de linha pentecostal.

Um dos importantes líderes pentecostais, o Missionário Manoel de Melo, causou espanto quando declarou a intenção, levada a efeito, de filiar sua denominação, "O Brasil para Cristo", ao CMI. "Não entraremos para receber orientação religiosa, mas orientação social", declarou ele em entrevista a metodistas. E disse mais:

40. Tendas: movimento de cura divina, na linha pentecostal, que circulou pelo Brasil utilizan-do-se de grandes tendas, como circos, para as campanhas de evangelização e realização de curas; solicitavam o apoio dos evangélicos, afirmando a transitoriedade de sua passagem pelas cidades. O nome oficial era "Cruzada Nacional de Evangelização", criado em 1953 por Harold Williams, e que resultou na Igreja do Evangelho Quadrangular, que não teve cerimónia em arrebanhar membros das igrejas evangélicas já instaladas. EC, 14 de julho de 1960, p. 7. EC, 11 de agosto de 1960, p. 10.
41. EC, 1.° de novembro de 1966, pp. 11 e 12.
42. idem, p. 1 a 6.

> A Igreja chegou a um ponto que, dentro da situação presente, não tem mais nada para dar. Reúne o povo, canta um hino, faz orações, entrega um sermão e manda o povo "plantar batatas". Isto é, o povo não é dirigido para uma tarefa séria dentro das estruturas da sociedade. «

Aproximação e afastamento, aceitação e rejeição, cooperação e divergência, marcaram o relacionamento dos metodistas com igrejas ou grupos da linha pentecostal. Diálogo ecuménico, propriamente falando, muito difícil de se realizar.

2. Em tom de pilhéria, os metodistas dizem que os batistas não são irmãos, mas "primos". Verdade é que há maior aceitação dos batistas pelos metodistas do que o inverso. O EC, vez ou outra, trazia notícias sobre a Aliança Batista Mundial.[44] Divulgou-se sobre o Congresso Mundial Batista, no Rio de Janeiro (1960), que contou com Billy Graham,[45] e cuja campanha evangelística em São Paulo teve forte apoio de metodistas.[46] Porém, à semelhança do que ocorre com os pentecostais, não há, no Brasil, diálogo ecuménico entre metodistas e batistas. Quando muito, aproximações e, diríamos, uma convivência pacífica.[47]

3. Quanto aos Testemunhas de Jeová, apelidados de Russeli-tas, pode-se dizer que, para os metodistas, estão eles fora da *ecclesia.* Críticas violentas não têm sido poupadas. Sob o título "Testemunhas de quem", o *EC,* por duas vezes, transcreveu matéria que, em uma das vezes, tinha o seguinte trecho inicial:

> Dos muitos falsos cultos que abundam no mundo e que nos seduzem com as suas doutrinas anti-cristãs, parece-nos não haver outro tão perigoso e corrupto como o que é ensinado pelas chamadas "Testemunhas de Jeová".[48]

Numa nota, que acompanhava o artigo, fez-se referência a uma pastoral, elaborada por ministros suíços, que afirmava ser necessário

> . . . combater o ensino deste movimento porque, embora alguns pontos fiéis às Escrituras, choca-se com o Evangelho de Jesus Cristo, usa erradamente a Bíblia, diminue o significado de Cristo e, através da limitação da graça de Deus tão somente a seus membros, é uma religião que desconhece o verdadeiro amor, tornando-se em fonte de orgulho egocêntrico. A atitude do cristão evangélico para com o movimento deve ser de apontar os seus erros em amor.

43. EC, 1.° de outubro de 1968, pp. 1 e 11.
44. EC, 25 de fevereiro de 1960, p. 12. EC, 5 de maio de 1960, pp. 1 e 6.
45. Cujo sermão foi transcrito no EC de 11 de agosto de 1960, pp. 1 e 10.
46. ATAS, CR 3.» RE, 1963, p. 47.
47. A Igreja Batista, no Brasil, organizada em convenção, é oriunda da Convenção Batista do Sul, nos EUA, grupo tradicionalmente antiecumênico. Mundialmente, há Igrejas Batistas filiadas ao CMI, por meio de suas convenções (dos EUA, por exemplo, são quatro as filiadas).
48. EC, 3 de março de 1960, pp. 4 e 6. (Reedição: EC, em 15 de novembro de 1965, p. 5, mas a partir de uma outra fonte, sem o trecho inicial.)
49. EC, 15 de novembro de 1965, p. 5.

4. Transcrito do jornal *Última Hora, o EC* publicou matéria dando conta de que "Jornais Espíritas repudiam projeto de diretrizes e bases".[50] Estaria implícito, nesta ocasião, o reconhecimento de que o espiritismo poderia ser um aliado, político, na luta de interesse pela preservação da liberdade religiosa. Nestes momentos, admite-se a aproximação tática, para resultados a curto prazo, sem entrar em questões doutrinárias religiosas. É sabido que, doutrinariamente, os espíritas não estão incluídos, por protestantes e católicos, como membros da *ecclesia. O Evangelho Segundo o Espiritismo,* de Allan Kar-dec, é uma distorção do evangelho, na interpretação histórica que aproxima os cristãos; é uma heresia. Não obstante, outra vez deixando de lado a doutrina, encontraremos situações nas quais, por razões humanitárias, os metodistas apoiaram, com visitas e recursos, obras assistenciais orientadas por espíritas. No pensamento dos metodistas, que assim atuaram, estaria o seguinte: no momento de colaborarmos com o atendimento aos necessitados, não se pergunta sobre artigos de fé daquele que, ao nosso lado, também socorre.

5. Sem sombra de dúvida, os metodistas consideram totalmente fora da *ecclesia* os comumente chamados umbandistas, macumbeiros e congéneres. É paganismo, politeísmo, fetichismo, idolatria, panteísmo. Os participantes desse culto, em grande maioria, chegam a de-clarar-se, simultaneamente, seguidores do catolicismo romano. Protestantes e católicos sabem que isso é sincretismo inaceitável. A conversão de alguém que haja pertencido a esses grupos é vista como autêntica conversão, e tanto maior o júbilo por essa vitória quanto o grau de posição que o converso anteriormente ocupava na hierarquia religiosa que abandonou.[51]

6. Não se tem, da parte dos metodistas na década de sessenta, um pronunciamento claro, quanto ao seu modo de relacionar-se com os judeus. Porém, há três matérias, no *EC,* que fornecem pontos de vista. O Rev. Epaminondas Moura trazia a público o fato de que

> As Igrejas Evangélicas, em um movimento de simpatia e de gratidão, oferecem de presente a todo e qualquer descendente de israelita um exemplar do Novo Testamento, completamente de graça, em português e em Iídiche. O livro contém o Novo Testamento completo, os Salmos de David e um belo folheto de profecias messiânicas.[52]

50. EC, 23 de junho de 1960, p. 15.
51. E o caso, por exemplo, do que ocorreu com D. Otília Pontes, que por 23 anos esteve na macumba. Foi longo o seu preparo para chegar a "mãe de santo"; chegou a fazer bruxarias. Converteu-se no sul, Alegrete. O Rev. Otto Gustavo Otto orara pela saúde de sua filha, que se restabeleceu. E ela foi às conferências do Rev. Almir Bahia. Converteu-se (1957). Anos mais tarde, era membro da IMB Central em Niterói, Rio. (Voz Missionária, Abr./Maio/Junho de 1967, p. 9 a 13). Maurino Nascimento foi pai de santo. Converteu-se com a leitura do Novo Testamento, em 1960 fez sua profissão de fé na IMB, Catete, Rio **(Homens em Marcha,** Jul./Ago./Set. de 1961, pp. 38 e 39). Sebastião Lopes Neto, em Cataguazes, MG, havia conseguido que duas macumbeiras deixassem de comparecer ao "centro" e viessem com os metodistas para reunião de oração (EC, 1.° **e** 15 de janeiro de 1968, p. 17).
52. EC, 15 de maio de 1961, p. 13.

Está bem claro que a intenção era a de levar os leitores à conversão para Cristo. Este desejo também manifesta o Rev. José Sucasas Jr., porém de forma mais agressiva em seu pronunciamento:

> Voltem os judeus para Cristo e se apaixonem por Ele. Deixem de pensar no deus Mamon e se humilhem diante do Autor da Vida. Ajuntem eles tesouros no céu. Caiam na realidade. Deixem o caminho de um messianismo utópico porque o Rei não é deste mundo e a Jerusalém bíblica não é deste mundo também.[53]

Nesses modos de ver, está visível a postura teológica limitada.

Um ano depois, ainda no *EC,* saiu a matéria "Os Judeus e o Ecumenismo". Lembrando que os círculos ecuménicos tinham envolvido, até então, os protestantes, ortodoxos e católicos, o autor diz que "está faltando assentar-se à essa mesa o nosso querido irmão primogénito".[54] Mencionando o teólogo judeu (Jacob Gartenhaus) que se convertera ao cristianismo, o autor declarava a nossa "profunda ignorância do judaísmo", e que "não nos acostumamos, durante toda a nossa história de pensamento cristão, a pensar nas ligações teológicas que nos prendem aos judeus". E termina, anotando esforços de diálogos entre cristãos e judeus (esses também se mostrando interessados). Em nota, à parte, a informação sobre a existência, no Brasil, do Conselho da Fraternidade Cristão-Judaico, que reúne judeus, católicos[55] e evangélicos. Não obtivemos dados sobre participação ou não de metodistas neste conselho.

53. EC, 15 de maio de 1966, p. 4.
54. EC, 15 de dezembro de 1967, p. 11. O autor, António de Godoy Sobrinho, pastor presbiteriano independente; o artigo foi transcrito de **O Estandarte.**
55. Já no Vaticano II os católicos evidenciaram renovação no que concerne aos judeus, como se pode ver por exemplo na Declaração **Nostra Aetate** sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs, entre as quais se referem diretamente à Religião Judaica (Kloppen-burg. **Compêndio do Vaticano II, p. 622).**

V

A IMB E SUA PARTICIPAÇÃO EM ÓRGÃOS E CONCLAVES ECUMÉNICOS A NÍVEL INTERNACIONAL

O desenvolvimento do pensar e agir ecuménico da IMB, expresso em documentos e pronunciamentos oficiais, na década de sessenta teve por influência os vários encontros internacionais e inter-eclesiásticos nos quais a Igreja se fez representar. As ideias chaves desses conclaves circularam entre certos metodistas, imprimindo-lhes forte orientação.

A IMB no Conselho Mundial de Igrejas

A IMB consta como uma das Igrejas do rol de fundadoras do CMI. Quando esse órgão se achava em processo de formação, houve um convite oficial nesse sentido; a resposta foi favorável.[1]

Em 1960, o órgão oficial da Igreja reproduziu um folheto promocional do CMI com importantes informações sobre a organização, tais como

> É ... extremamente enganoso descrever o movimento ecuménico ou o Conselho como a "Igreja Mundial", pois esta palavra sugere um tipo de integração e unidade que não existe. O Conselho é simplesmente um servo das Igrejas, que as ajuda a entrar em contacto real uma com as outras e a realizar aquilo que desejam fazer em conjunto.*

O texto esclarece ainda que o CMI "não se outorga autoridade nem competência para discutir a posição doutrinária das igrejas". Em nenhum sentido o CMI é um "organismo administrativo que exerça autoridade sobre as Igrejas". Segundo a Constituição vigente, "não legislará para as Igrejas. Pode apenas agir em favor das igrejas par-

1. Reily, D. A. **História Documental do Protestantismo no Brasil,** p. 265.
2. **EC,** 19 de maio de 1960, p. 2.

ticipantes em assuntos que uma ou mais lhes submetam". O Conselho não tenta "levar a efeito a união das igrejas em questões de fé e ordem". Não obstante, ao proporcionar às igrejas oportunidades de contacto real através de cursos, conferências, estava buscando "incrementar o sentido de solidariedade ecuménica e de confraternização, que é o fundamento indispensável para qualquer progresso em dire-ção à unidade cristã".[3]

Dez anos depois, o mesmo órgão oficial editou a Constituição do CMI.[4] No transcorrer da década, duas assembleias mundiais, e outras reuniões de suma importância, se realizaram. Os metodistas do Brasil participaram.

Robert Davis, Secretário-Geral de Ação Social, esteve em Ley-sim, Suíça (11 a 16 de junho de 1961) para a Conferência sobre Migração, patrocinada pelo CMI, como representante da IMB.[5] Sobre essa reunião não divulgou detalhes.

Em 1961, o livreto de estudos preparatórios da III Assembleia Mundial do CMI, "Jesus Cristo a Luz do Mundo", foi o mais vendido após a Bíblia (meio milhão, em 33 línguas, até a data da notícia). No Brasil, a JUGAS o distribuiu aos pastores "na esperança de que em todo o metodismo nacional se formem grupos de estudos nos cultos de meio de semana, nas sociedades, ou mesmo em determinadas classes de escola dominical".[6] Eram oito estudos bíblicos.

O bispo João Augusto do Amaral, representando a IMB, e o Rev. Sérgio Marcus Pinto Lopes,[7] delegado eleito pelo Departamento da Mocidade da CEB, foram os metodistas que, ao lado de outros brasileiros, estiveram na III Assembleia, em Nova Delhi, índia (18 de novembro a 6 de dezembro de 1961). Na ocasião, o Conselho Missionário Internacional integrou-se ao CMI. A Igreja Ortodoxa Russa (70 milhões de fiéis) ingressou para o Conselho, juntamente com mais 23 igrejas, da África e Ásia na maioria, e mais duas do Chile (pente-costais, de raízes metodistas). Os estudos giraram em torno de Tes-

3. EC. 19 de maio de 1960, pp. 5, 6, 10.
4. EC, 31 de outubro de 1970, pp. 8 e 9.
5. EC, 1.° de julho de 1961, p. 7.
6. EC, 15 de outubro e 1,° de novembro de 1961, p. 12.
7. Antes da Assembleia, Sérgio M. P. Lopes esteve na Alemanha, em Radevormwald, em reunião de Consulta que se realizava todos os anos entre os secretários de trabalho com a mocidade evangélica dos diversos países da Europa; visitou os escritórios do CMI em Genebra; participou de um acampamento Internacional de trabalho, dentro do Ano Mundial do Refugiado, para construção de um Centro Social e uma pequena clínica de Tuberculose em Bhuchoki, Paquistão. Sobre isso testemunhou: "Aprendi por experiência um novo conceito de serviço o de servir meramente por servir
..... Neste acampamento experimental servir para ser útil, desinteressadamente, até mesmo de querer ensinar a outros aquilo que eu creio, aquilo que eu penso". E mais, "o fato de que o acampamento era composto de cristãos de pensamento diferente do meu com respeito a certos costumes, rituais, algumas doutrinas, formas de interpretação e de culto, fez com que eu descobrisse quão mesquinha era minha posição às vezes tão dogmática com respeito aos meus próprios pontos de vista". "No nosso esforço de ajudar aos outros estávamos a redescobrir a comunhão do Espírito Santo na comunidade da Igreja". (EC, 15 de abril de 1962, pp. 1 e 4).

temunho, Unidade, Serviço. Na mensagem aos governos e povos, a assembleia conclamou a "paz com justiça".[8]

Montreal, Canadá, abrigou em 1963 (12 a 26 de julho) a IV Conferência de Fé e Ordem do CMI. Entre cerca de 450 pessoas, representando mais de 200 denominações, vindas de uns 50 países, esteve presente o Rev. Gerson Soares Veiga (que estava em estudos nos EUA) representando a IMB.[9] Segundo ele, a Conferência testemunhou a abertura de novos canais para o diálogo vital entre os ramos da Igreja de Cristo; a participação da Igreja Ortodoxa "elevou substancialmente o teor ecuménico do movimento Fé e Ordem"; houve significante contacto com a Igreja Católica Romana, representada por não menos de 20 teólogos de destaque, entre os quais delegados ou conselheiros do Concílio Vaticano II. Ainda segundo o metodista

> Montreal significa não apenas um ajuntamento de 600 representantes de igrejas, mas a própria Igreja, a "Una Sancta", recusando-se a sucumbir às dores do divisionismo e bravamente envolvida na procura, não de um "analgésico", mas de um tratamento básico que abra o caminho para uma genuína unidade da Igreja de Cristo.[10]

O Rev. Almir dos Santos, no ano de 1965, compareceu a duas reuniões preparatórias do congresso que o Departamento de Igreja e Sociedade do CMI realizaria no ano seguinte. Em Genebra, estudaram as formas de diaconia no mundo. Em Oxford, trabalharam o ternário. Segundo o ministro metodista, nos dois encontros "a preocupação que esteve presente ... foi como a nossa fé cristã vai enfrentar a nova filosofia de vida de uma era tecnológica".[11]

Genebra abrigou a Conferência Mundial sobre Igreja e Sociedade: mais de 400 delegados, cerca de 80 países representados. Cristãos do mundo desenvolvido ouviram, com pormenores, a palavra de cristãos dos países subdesenvolvidos. Houve críticas à guerra (Vietnã estava em luta), às experiências atómicas. Propôs-se pontos fundamentais para o desenvolvimento dos países da África, Ásia e América Latina. O alvo principal girava em torno de "Como pode a Igreja contribuir para a transformação da Sociedade?"[12]

Sob o título "O Espírito Ecuménico não é mera poesia", Ernesto Oppliger, após uma introdução, transcrevera na revista *Homens*

8. EC, 1° de julho de 1962, p. 2.
9. EC, 1.° de novembro de 1963, p. 2.
10. EC, 1.° de janeiro de 1964, p. 2.
11. EC, 1.° de fevereiro de 1966, p. 7.
12. O Dr. Eugene Carson Blake (secretário do CMI) deu suas respostas: 1. Através de seu serviço regular de culto público a Deus. 2. Pela formulação de alvos concretos para a Sociedade e meios concretos de alcançá-los à luz do Evangelho. 3. Pela assistência pastoral aos seus membros colocados em posição de influência e liderança nos governos, instituições particulares e organizações de serviço voluntário. 4. Identificando-se claramente com a causa dos pobres, dos alienados da sociedade, dos prisioneiros, dos rejeitados e marginalizados. Tudo isto custa muito: dinheiro, sacrifício de tempo, pensamento, esforço e até a própria vida. ("Cristãos querem paz social e não "equilíbrio de terror". EC, 15 de agosto de 1966, pp\ 1 e 2).

em Marcha as notícias do *Boletim Mensal de Informação do CMI* (edição em espanhol) recomendando que o mesmo "não deveria faltar na mesa de nenhum pastor e de nenhuma Sociedade de Homens".[13] Como se percebe, haviam esforços no sentido de trazer a realidade do CMI para as igrejas locais.

Em 1968, a JUGAS e Comissão Geral de Ecumenismo enviaram aos pastores da IMB o livreto *Faço novas todas as coisas,* preparatório da IV Assembleia Mundial do CMI (Upsala, Suécia, julho de 1968) tendo em vista a "reflexão e estudo das igrejas locais". Além disso, no mesmo ano, o *EC* publicou esse texto, afirmando que "deve ser matéria prioritária para as nossas discussões e estudos".[14]

O Bispo João Augusto do Amaral, e o Rev. Pythagoras Da-ronch da Silva foram os representantes da IMB para a Assembleia.[15] Valendo-se de material preparado pelo CEI, o EC noticiou sobre a magna reunião do CMI. O movimento ecuménico achava-se intimamente envolvido com a problemática igreja e sociedade, e na busca das pistas de missão dentro das novas dimensões do mundo contemporâneo.[16]

Como se observa, a IMB, oficialmente e a nível de cúpula, en-volvia-se com o CMI. Quanto à igreja local, embora houvesse tentativas de fazê-la sentir-se parte integrante do movimento (ao fazê-la conhecer documentos oficiais ou alertando-a para a existência de di-visionistas[17]), parece que isso não ocorreu.

13. **Homens em Marcha,** Jan/fev./março de 1964, **pp.** 30 **a** 32
14. **EC,** 1.° de junho de 1968, p. 4.
15. **Em Marcha,** jul./agos./set. de 1968, p. 9.
16. O documento final da Assembleia abordou os tópicos: 1. O Espírito Santo e a Catolici-dade da Igreja. 2. Renovação e Missão. 3. Desenvolvimento social e económico Mundial (seção que teve influência da Conferência Mundial de Igreja e Sociedade). 4. Da justiça e da paz nos assuntos internacionais. 5. Adoração a Deus na era do secularismo. 6. Um novo estilo de vida. (Cf. **EC,** 1.° de outubro de 1968, pp. 1, 2, 4. **EC,** 15 de outubro de 1968, pp. 2 e 7).
17. Na década, em pelo menos três ocasiões, o **EC** alertou a comunidade metodista sobre a natureza e intenções do movimento fundamentalista liderado por Cari McIntire. Edição de 15 de maio de 1964 (p. 4) em "Cuidado: ecumenismo 'anti-ecumênico' ", comunica-se que o referido movimento está promovendo em cidades do Brasil as chamadas "noites ecuménicas", que nada mais são do que uma propaganda anti-ecumênica, "com o fito de criar antagonismo ao CMI e sua obra". Na intenção dos realizadores, há "um espírito destrutivo, maldoso, que se contrasta com o auto-elogio que fazem ao seu próprio movimento que denominam pomposamente de 'reforma do Século XX' ". Edição de 15 de julho de 1965 (p. 2) transcrevendo editorial do **Estandarte Cristão,** (órgão oficial da Igreja Episcopal Brasileira) "Os fundamentalistas e seu divisionismo prejudicial", que cita a existência de publicações, **O fundamentalista e O presbiteriano bíblico,** porta vozes do tal movimento. "São publicações de natureza destrutiva e divisionista. Seus alvos são: 1) Combater ao CMI e o movimento ecuménico em geral. 2) Combater a CEB, exortando as Igrejas a se retirarem da mesma. 3) Combater o chamado "evangelho social", afirmando que as igrejas só devem falar e pregar sobre assuntos exclusivamente espiri-tuais... e nada mais". Edição de 1.° e 15 de janeiro de 1968 (p. 14): menciona o envio gracioso e insistente, dos tais jornais, aos metodistas além de **O Faro Cristiano** ou **The Christian Beacon,** do mesmo género). Cari McIntire é descrito como ex-ministro presbiteriano, que fez uma "simbiose do Evangelho e capitalismo, Bíblia e literalismo, para obter sua auto-promoção" e também a do movimento que iniciou — Conselho Internacional de Igrejas Cristãs. Segue **a** nota: "Num mundo que procura formas comunitárias (não comunistas) de vida em sociedade, a sua mensagem interessa muito aos capitalistas (americanos) da velha guarda que gostariam de manter seus privilégios individuais. Por isso, McIntire é muito bem subvencionado para que mantenha sua propaganda, que sai aos borbotões, em geral de melhor qualidade e vai de graça a todo mundo — até para quem meramente empurra para a cesta do lixo. Não faltando ainda dinheiro para fazer seus congressos por toda a parte, com viagens financiadas **a** rodo".

As Conferências Evangélicas Latino-Americanas

As denominadas Conferências Evangélicas, no continentes latino-americano, têm como referencial histórico, em primeiro lugar, o Congresso Evangélico Panamericano (1916, Panamá) marcado por uma preocupação estratégica missionária (promovido pelo Comité de Cooperação Latino-Americano — CCLA). Na sequência histórica, além de outros encontros regionais que ocorreram, há dois que merecem destaque: O Congresso da Obra Cristã (1925, Montevideu, Uruguai) abrangendo a América do Sul; e o Congresso Hispano Americano (1929, Havana, Cuba) para a região da América Central e Caribe.[18]

Somente em 1949 (Buenos Aires, Argentina) é que foi realizada a Primeira Conferência Evangélica Latino-Americana (I CELA) de iniciativa e organização a cargo de igrejas evangélicas dessa área. Tema: "O Cristianismo Evangélico na América Latina". Presidente: San te U. Barbieri.

Além de ser, em si mesmas, eventos de aproximação de Igrejas, o que tais Conferências proclamaram no sentido de incrementar o ecumenismo?

A I CELA aprovou um "Plano Fundamental de Ação Evangélica", que em uma de suas seções tratou de "Projeções e Alcances da obra da Igreja". A Conferência lançou um apelo aos Concílios e Confederações nacionais de Igrejas para que buscassem fazer-se o mais representativos, conseguindo participação de maior número possível de grupos evangélicos nos respectivos países.[19] Os alvos desejados eram: unidade espiritual, espírito de fraternidade, união de forças perante os poderes públicos, aproximação de igrejas, cooperação. Em sua "Carta ao povo evangélico", a I CELA comunica que

> não temos buscado, nem consideramos imprescindível, a unidade orgânica eclesiástica ou administrativa. O corpo de Cristo, que é sua Igreja, não é uma estrutura mecânica mas um organismo vivo.[20]

No que concerne à atitude perante a Igreja Católica Apostólica Romana, o tom geral da I CELA é apologético, na opinião de losé Miguez Bonino.[21] A avaliação crítica do catolicismo latino-americano seguiu as clássicas linhas do anticlericalismo liberal, quase sem distinções nem matizes.

18. UNELAM, Deudores **ai Mundo,** III CELA, pp. 5 e 6. Tais congressos foram promoção da CCLA, com sede em Nova York.
19 SOSA, A. F. e outros (organizadores). **El Cristianismo Evangélico en la America Latina.** Buenos Aires, La Aurora, 1949, p. 61. Os delegados brasileiros foram Wesley Carr (professor na Faculdade de Teologia), James Ellís (Secretário Geral da Educação Cristã) e o pastor Isaías Fernandes Sucasas, p. 93.
20. idem, p. 7.
21. **CLAI, Oaxtepec,** 1978. San José, Costa Rica, 1980, p. 77.

A II CELA[22] teve como tema "Cristo, a esperança para a América Latina" (1961). Seus documentos, a exemplo da Conferência anterior, ainda proclamam que a "unidade estrutural não deve ser considerada . . . como uma meta absoluta", mas acrescentam: "devemos buscá-la quando, onde e na medida em que nos seja ordenada no cumprimento da nossa tarefa".[23] Quanto à Igreja Católica, a II CELA já consegue afirmar que se "percebem certos sinais da ação divina em movimentos que hoje têm lugar no seio da catolicismo".[24] Segundo José Miguez Bonino, "em lugar de comparar méritos e deméritos de catolicismo e protestantismos, buscou-se uma perspectiva teológica: todos estamos igualmente sob o juízo do Senhor".[25] O II CELA teve, também, participação pentecostal.

Uma "comissão de continuidade" foi criada pela II CELA. Era notório que faltava algum organismo que coordenasse os esforços manifestos pelas Igrejas no sentido de expressar sua unidade. Iniciativas relevantes muitas vezes ficaram no papel das declarações.

Em setembro de 1963, no Rio de Janeiro, ocorreu uma consulta sobre "Serviço e Ação Social na América Latina", na qual se reuniram os presidentes de seis conselhos nacionais de igrejas (Argentina, Brasil, Chile, Peru, México e Uruguai) e contou-se com o apoio de duas organizações similares (Cuba e Porto Rico). Surgiu a denominada "Declaração de Corcovado" na qual se afirmava que havia chegado o momento para avançar um passo a mais no caminho em direção à unidade evangélica latino-americana. Solicitou-se aos Conselhos e Federações de igrejas do continente que aderissem à ideia de se criar um organismo latino-americano de cooperação evangélica. Em 1964, reunidos em Montevideu, os delegados oficiais dos Conselhos que ratificaram tal propósito, decidem sobre o surgimento da UNELAM (Comissão Provisória Pró Unidade Evangélica Latino-Ame-ricana). E essa, finalmente, se constituiu por ocasião da Assembleia em Campinas, Brasil, em 1965.[26] A IMB integrou essa comissão desde a sua fundação, com representação indicada pelo Colégio dos Bispos.[27]

Por ocasião da II CELA, a delegação brasileira oferecera seu país como sede para a próxima Conferência. Em 1965, existindo UNELAM, essa recebeu a incumbência de ajudar a promover a Conferência, juntamente com a CEB. Mas ela não se realizou no Brasil[28]

22. Em Lima, Peru, de 28 de julho a 6 de agosto de 1961. Representou o metodismo brasileiro o Bispo José Pedro Pinheiro. EC, 1.° de outubro de 1961, p. 1.
23. CLAI, **Oaxtepec,** 1978. San José, Costa Rica, 1980, p. 76,
24. idem, p. 77.
25. Idem, p. 77.
26. RIVAS, Marcelo Pérez. El Ecumenismo en America Latina. In Goodall, Norman. **El Movi-miento Ecuménico.** Buenos Aires, La Aurora, 1970, pp. 227 e 228.
27. EC, 15 de setembro de 1970, pp. 32 e 9.
28. Em março de 1967 a CEB organizara a comissão de planejamento. Previu-se a conferência para dezembro de 1967, janeiro de 1968. fevereiro de 1969. A convocação foi editada (EC, l.o de julho de 1968, p. 11) e a delegação da IMB eleita (EC, 1.° de dezembro de 1968, p. 2). Mesmo assim, em dezembro de 1968, foi cancelada. *O* que teria acontecido? Segundo Orlando Costas, as razões são de ordem ideológica **(Oaxtepec,** p. 93). Ele cita

e sim em Buenos Aires (13 a 19 de julho de 1969) com o tema "Devedores ao Mundo".

A III CELA revelou um protestantismo com nova visão da realidade social, de si mesmo e da Igreja Católica. A hierarquia católica havia convidado os protestantes para que assistissem como observadores à II CELAM (Assembleia Geral da Conferência Episcopal Latino-americana; 1968, Medellín, Colômbia). Foi um reconhecimento oficial da existência do protestantismo latino-americano. Por sua vez, o movimento protestante latino-americano convidou a dois representantes católicos para participarem da III CELA, também como observadores.[29] Caracterizava-se o reconhecimento da Igreja Católica como igreja cristã. E havia a significativa presença de pentecostais.

Nos debates da III Conferência, a "Comissão 6" tratou da "Nossa dívida evangélica para com a comunidade Católica Romana", e seu relatório declara: "É nossa fidelidade a Ele [lesus Cristo] a que nos impele a recomendar a todos nossos irmãos evangélicos do continente a expressar em ação positiva o amor com que 'Deus nos amou', mostrando um espírito de compreensão e fraternidade cristã com a comunidade Católico Romana".[30] Tal afirmativa foi antecedida de um reconhecimento quanto a mudanças trazidas pelo Vaticano II, ao mesmo tempo que setores do catolicismo permaneciam sendo motivadores de preocupação pois "refletem ausência quase total da influência dos novos tempos".[31]

Quanto à comunidade protestante, dentre outros aspectos, lamentou-se na III CELA o estado de incomunicação que havia caracterizado as relações das igrejas entre si, impedindo que adequadamente expressassem sua unidade em Cristo.[32]

A "Comissão 1" tratou da "Nossa dívida e responsabilidade específica como Igreja Evangélica na América Latina". Conclamou-se a todas as igrejas evangélicas do continente para concretizarem a realidade da unidade em Cristo em novas formas, quer a nível local, nacional ou continental.[33] Mas teriam sido esquecidos aspectos relevantes. Na opinião de Orlando E. Costas, é possível considerar alguns argumentos que indicam ter havido na III CELA um "tratamento

Emílio de Castro (então coordenador da UNELAM) que afirmara que a CEB simplesmente tinha medo das possíveis consequências políticas, pois não estava "segura de **que** a III CELA não seria uma ocasião para infiltrações subversivas" **(idem,** p. 93). Nesta ocasião, "várias denominações, notavelmente os presbiterianos e os metodistas, haviam sido afetados por conflitos ideológicos internos" (idem, p. 93). A própria CEB acabava de passar por um conflito ideológico similar em seu Departamento de Igreja e Sociedade. Em consequência, a CEB parece que "havia quedado com un bajisimo nivel de tolerância (para decir lo mínimo) en quanto a aquellos que criticaban el **status quo** brasileno" (idem, p. 93).

29. **Oaxtepec,** 1978, p. 84.
30. **Deudores ai mundo, p. 47.**
31. idem, **p. 46.**
32. Oaxtepec, 1978, pp. 82 e 83.
33. **Deudores ai mundo, p. 20.**

superficial do problema das divisões protestantes".[34] Ao se descrever o pluralismo eclesiástico latino-americano como "produto das discrepâncias e vivências de países com outras inquietudes e culturas",[35] não teria sido levado em conta que o pluralismo na ocasião era, sob várias formas, uma expressão autêntica da realidade latino-americana. Em 1970 (8 a 12 de julho, em San Juan de Porto Rico) reali-zou-se uma assembléia-geral da UNELAM, com o propósito de realizar uma avaliação dos seus cinco anos de atuação e planejar os passos do futuro. Elaborou-se um documento orientador da UNELAM e seu projeto de Constituição. O Rev. João Parahyba Daronch da Silva foi o delegado da IMB.[36] Eleera Secretário-Geral de Ação Social, e grande incentivador do envolvimento da Igreja nas questões sócio-políticas.

Igreja e Sociedade na América Latina

Sob o tema "Com Cristo um Novo Mundo", realizou-se o 1.° Congresso Latino-Americano da Juventude Evangélica (Lima, Peru, 1941). Surgiu ULAJE. Em movimentos como esse encontra-se a raiz histórica da Primeira Consulta Evangélica Latino-Americana sobre Igreja e Sociedade (Huampaní, Peru, 23 a 27 de julho de 1961). A existência do boletim *Iglesia y Sociedad en America Latina,* que começara a circular em Montevideu (1959) foi um dos centros geradores dessa primeira consulta; tema geral "A Responsabilidade social da Igreja Evangélica frente às rápidas mudanças sociais". *Encuentro Y Desafio* é a publicação,[37] com documentos, conclusões e resoluções dessa Consulta. Nela foram tratados assuntos tais como: a responsabilidade cristã frente às rápidas mudanças sócio-culturais; a atuação profética do cristão na vida política latino-americana; a preocupação cristã pelo desenvolvimento e progresso económico. E, fato muito significativo, constituiu-se a Junta Latino-Americana de Igreja e Sociedade na América Latina — ISAL, formada por dois representantes de cada comissão que inicialmente aderira a esse projeto.[38] Foi em São Paulo (1962) que se realizou a reunião plenária que organizou formalmente a ISAL, sendo eleito seu presidente o metodista Rev. Almir dos Santos.[39]

34. **Oaxtepec,** 1978, p. **103.**
35. **Deudores ai Mundo,** p. 18.
36. **EC,** 15 de setembro de 1970, p. 9 e 32. Na mensagem inaugural proferida em Oaxtepec, Benjamin Santana referiu-se a uma consulta continental na qual se concordara que UNELAM "havia cumprido já sua missão de promover a unidade cristã em toda a América Latina". "A existência de UNELAM como Comissão Provisória que era, havia chegado a seu fim". Foi nessa ocasião que, em formação, surgiu o CLAI **(Oaxtepec, 1978,** p. 133). Seria em novembro de 1982 o surgimento definitivo do CLAI.
37. ISAL. **Encuentro Y Desafio.** La Aurora, Buenos Aires, 1961, p. 70.
38. O Setor de Responsabilidade Social da Igreja, da CEB, foi uma dessas comissões. Idem, pp. 59, 60.
39. "ISAL: Un Intento de Encarnacion", in **Cristianismo Y Sociedad,** n.° 14, 1967, p. 115.

Robert Davis, observador da IMB presente à Primeira Consulta, afirma ter sido aceito na ocasião, como fato consumado, que a Igreja deveria se interessar por problemas sociais. A pergunta era: "Como a Igreja pode participar de maneira relevante dentro da estrutura social em mudança?"[40]

A Consulta considerou muito necessário e oportuno que se procurasse realizar, o quanto antes, um encontro entre dirigentes evangélicos de todos os países do continente americano, "A fim de buscar juntos, baseados em uma conversação franca e profunda, uma maior compreensão mútua e uma interpretação cristã da situação de crise imperante".[41] Recomendou-se a continuação da publicação do Boletim *Iglesia Y Sociedad en America Latina.*

No primeiro quadrimestre de 1963 surgiu a revista *Cristianismo Y Sociedad* (84 páginas). Na apresentação da linha editorial, decla-rou-se que ela não representava nenhuma política determinada. Tra-tava-se do "órgão de um movimento evangélico latino-americano e essa é sua única definição". A junta editorial resolveu conservar o termo "cristianismo" no nome da revista, porque sentia que dessa maneira expressava seu único compromisso possível. Ficou esclarecido que a política editorial daria preferência a contribuições originais, em espanhol e português, sobre aspectos dos seguintes temas: problemas da missão cristã frente à estrutura social da AL; sociologia religiosa latino-americana; teologia dos problemas que concernem à Igreja e Sociedade. Buscar-se-ia, também, realizar uma divulgação dos estudos sociológicos, económicos e políticos da realidade latino-americana e mundial. Como complementação, a possibilidade de artigos traduzidos.[42] No Brasil, a Imprensa Metodista era uma das distribuidoras. A revista teve grande aceitação e influência nos meios teológicos latino--americanos. Mas, no Brasil, não teve como seus leitores as bases das igrejas locais.

A tomada de consciência, por parte de diversos grupos dentro do protestantismo latino-americano, quanto à nova realidade em que vivia o continente, é uma das forças que fizeram nascer e sustentaram o ISAL. As massas, sem posses, analfabetas, famintas, começavam a compreender as causas estruturais de sua miséria e sofrimentos constantes. Com esse quadro, muitos líderes compreendiam que a Igreja teria que adequar sua missão ao ritmo das transformações que experimentava a sociedade na qual estava chamada a servir. Não obstante, ISAL esteve consciente das dificuldades de comunicar-se com as bases, a Igreja local.[43]

40. **EC,** 15 de novembro de 1961, p. 4.
41. ISAL. **Encuentro Y Desafio, p. 61.**
42. Cristianismo Y Sociedad, n.° 1,,1.° quadrimestre de 1963, pp. 4, 5.
43. "ISAL: Un Intento de Encarnacion", pp. 116 e 118.

A Segunda Consulta Latino-Americana de Igreja e Sociedade transcorreu em El Tabo, Chile (12 a 21 de janeiro de 1966) presidida por Almir dos Santos, sob o tema "América Hoje — Ação de Deus e Responsabilidade do Homem". Católicos Romanos estiveram presentes, como observadores. Para José Miguez Bonino, enquanto a I Consulta demonstrou hesitar "entre revolução e desenvolvimento", a II Consulta "pronuncia-se por uma mudança revolucionária. Em termos teológicos, apoia-se numa 'teologia da história', que procura interpretar ... 'os sinais dos tempos' ".[44]

O objetivo do ISAL continuava sendo o de

> sensibilizar a consciência evangélica latino-americana para a sua responsabilidade social, despertando nos líderes das Igrejas uma sadia inquietude com respeito à presença da Igreja no mundo contemporâneo e sobretudo tornar vivo e eficaz o testemunho cristão na hora que vivemos.[45]

Em sua mensagem às Igrejas Evangélicas na América Latina, a II Consulta proclama

> Cremos que nos momentos em que a controvérsia ideológica introduz profundas diferenças entre os homens, mesmo entre aqueles que formam parte da comunidade cristã, a Igreja é chamada a redescobrir não só os fundamentos de sua própria unidade em Jesus Cristo senão as bases últimas da fraternidade e solidariedade humanas na revelação bíblica de um só Deus, pai e criador de todos os homens. ^

E prossegue:

> . .. sentimentos nosso dever dirigir-nos à comunidade de crentes evangélicos dispersos na América Latina, para convidá-los em nome de Jesus Cristo a empreender conosco o impostergável esforço de renovação de nossa própria Igreja e com ela a sociedade em meio a qual Ele nos colocou. E seja Dele o mérito e resultado de nossa obra.[47]

Em 1966 constituiu-se a Comissão Nacional de Igreja e Sociedade no Brasil, sendo presidente o Rev. João P. Daronch da Silva, da IMB. Estreita relação com as atividades de ISAL foi a aparição da revista *Paz e Terra* (editora "Civilização Brasileira"). O Díretor, Waldo César, era secretário regional adjunto de ISAL para o Brasil.[48]

44. BONINO, José Miguez. "Visão da Mudança Social e de suas tarefas por parte das Igrejas Cristãs Não Católicas", in **Encontro "El Escoriai"** 1972. Petrópolis, Vozes, 1977, p. 177.
45. **EC,** 15 de abril de 1966, p. 5.
46. **EC,** 1.° de junho de 1966, p. 8.
47. **Cristianismo Y Sociedad,** n.° 9 e 10 — duplo, 1966, p. 102.
48. ISAL, **Cristianismo Y Sociedad,** n.° 12, 1966, p. 98. A III Consulta de ISAL aconteceu em Montevideu (1967). As publicações da IMB nada informaram sobre participação de metodistas. A IV Consulta ocorreu em Nina (1971), tendo como tema "Mobilização popular e fé cristã" (cf. BONINO, José Miguez. "Visão da Mudança Social..." in **Encontro "El Escoriai",** 1972, pp. 177 **e** 178.

Com o passar dos anos, IS AL alcançou grande expansão. Como movimento que desejava ser, abarcou significativo número de pessoas. Ajudou a deixar claro certas opções que o cristão deve enfrentar em meio às realidades políticas, sociais, culturais e económicas, testemunhar e viver dentro de uma situação em mudança no continente. Em países, atuou com tal força que chegou a fazer-se notar além do campo das Igrejas Evangélicas, na esfera secular, "na busca de formas sociais mais justas, em acordo com o compromisso evangélico com os necessitados, pobres e marginalizados".[49]

Não faltaram ataques a ISAL, quer no terreno das ideias como no dos feitos. Componentes seus foram exilados, perseguidos, alguns presos e torturados, e até mortos, especialmente a partir da queda de Allende no Chile e a diversificada instalação de regimes militares em países do continente. Esta perseguição viria a causar uma crise em ISAL, levando-o à dissolução na forma estrutural, mas permanecendo as inquietudes geradas em seu interior.

Pelas características com que foi construído, ISAL sempre esteve animado de uma profunda e sincera vocação ecuménica. Em toda ocasião buscou estabelecer estreitas relações com órgãos irmãos, tanto no continente como no exterior.

Participação em eventos interdenominacionais

Na condição de convidados, delegados fraternais, visitantes ou observadores, os metodistas brasileiros tiveram a oportunidade de participar em diversos eventos de caráter interdenominacional e, concomitantemente, internacional. Foram situações esporádicas, de maior ou menor relevância. Sobre algumas tem-se detalhadas informações da experiência vivida pelos participantes. Sobre outras, somente breves notas sobre locais e datas.

A fim de não se alongar o corpo desse estudo, vai como ANEXO II o detalhamento de informações recolhidas na pesquisa.

49. CLAI. Oaxtepec, 1978. p. 125.

VI

A IMB E SEUS CONTACTOS COM CATÓLICOS ROMANOS

Esse capítulo dedica-se, preponderantemente, a apontar tipos de contactos pessoais que metodistas brasileiros efetuaram com católicos romanos, embora também haja alguma referência a relacionamento em nível oficial. Após a apresentação desta parte histórica, recente, intencionalmente deixamos para o final a menção ao importante documento wesleyano "Carta a um Católico Romano", que remonta aos primórdios do metodismo, mas continua sendo atual.

Do ponto de vista metodológico, para o presente capítulo, tendo em vista melhor sistematização, o rumo tomado foi o seguinte: elaboração de uma cronologia e construção de uma classificação. Primeiramente, foi organizada uma relação de eventos, modos de pensar e declarações relevantes que ficaram conhecidos no âmbito metodista em razão de sua edição nas publicações da própria Igreja. Essa relação obedeceu à cronologia das datas de publicação, que não é exatamente a data das ocorrências históricas (pois há uma certa distância temporal entre o dia do fato e a época de sua divulgação através dos periódicos metodistas, uma vez que esses não têm a dinâmica dos jornais diários). A partir do rol de eventos analisados, foi elaborada a classificação abaixo apresentada. Em razão da extensão da referida cronologia, ela se insere neste trabalho como ANEXO III. Sua finalidade básica é servir de referencial comprobatório para o que se afirmará a seguir. Evidenciou-se uma diversidade de situações.

Os tipos de contactos entre metodistas e católicos

A análise da cronologia nos permite a elaboração da seguinte classificação para os contactos entre metodistas e católicos romanos, no período ora em estudo: 1. Aproximação Fraterna; 2. Celebrações em Conjunto; 3. Encontros "para estudos histórico-teológicos; 4. Ela-

boração de documentos normativos de relacionamento, incluso o aspecto sacramental; 5. Unidade em órgãos prestadores de serviço à sociedade.

Considerando que a cronologia, no seu conjunto, ilustra e documenta essa classificação proposta, apenas se fará uma breve explicitação de cada um dos tipos. Posteriormente, seremos mais detalhados somente no que diz respeito aos "documentos normativos".

1. Entende-se por "aproximação fraterna" a existência de uma variedade de encontros, de diversas naturezas, desejosos de evidenciar amizade cristã, revelando compreensão entre irmãos da mesma multiforme família crista. Assim, padres católicos foram chamados a ocupar púlpitos metodistas, ou pastores puderam pregar nos templos católicos. Oportunidade semelhante foi concedida a conjuntos corais. Religiosos católicos perderam o temor de ingressar em território metodista, fossem escolas ou templos. Eventos, organizados por um ou outro dos "lados eclesiais", contaram com a presença, mesmo que ao nível de visitantes, do "irmão separado". Colocando Cristo como pessoa central da fé, descobriu-se a possibilidade do abraço e do aperto de mão fraterno.

2. Nas "celebrações em conjunto" programaram-se situações que contaram com católicos e protestantes, entre os quais os metodistas, que elaboraram e realizaram o evento conjuntamente. Tratam-se das Semanas de Oração pela Unidade Cristã, Semanas de Oração pela Pátria, celebração de ação de graças em datas nacionais, solenidades religiosas em formaturas escolares. Católicos e Metodistas (geralmente acompanhados de outros evangélicos) uniram suas vozes nas orações litúrgicas comunitárias. Representantes de uma e outra das correntes eclesiais históricas utilizaram-se da palavra. A tónica, nestas ocasiões, era evitar que um grupo se evidenciasse mais do que o outro; busca-va-se um local neutro para a celebração; ou, como no caso das semanas comemorativas, adotava-se o sistema de rodízio, percorrendo variados templos cristãos.

3. Nos "encontros para estudos histórico-teológicos" os representantes eclesiais propunham-se a falar de sua tradição e a atentamente ouvir o outro discorrendo sobre a dele. Buscava-se demolir velhos conceitos pré-concebidos, de uns sobre os outros, no desejo autêntico de melhor conhecimento, para maior entendimento, para efetiva aproximação e convivência. Havia diálogo. Em sua palestra "Prática Ecuménica no Mundo de Hoje", no Centro Ecuménico de Curitiba, em 1966, o Bispo Almir dos Santos (metodista) declarava:

> Graças a Deus que a sua Igreja já superou a fase da polémica, e vive agora a fase do diálogo. A polémica é a defesa de uma posição, um esforço para vencer; o diálogo é a preocupação da verdade e do

auxílio mútuo. Polémica supõe adversários; diálogo é próprio de irmãos e de amigos. No diálogo, um aceita o outro desde o começo; na polémica, os dois se encontram para um combate mútuo. O diálogo é democrático, é reflexo de mentalidade amadurecida; a polémica uma posição de agressividade e ditatorial.[1]

4. Com a "elaboração de documentos normativos de relacionamento" buscou-se o disciplinamento e ordenação que canalizassem a emergência de uma multiforme variedade de contactos e aproximações que estavam ocorrendo. Sem sombra de dúvida, as autoridades eclesiásticas perceberam que, se deixadas ao acaso, ficando a cada um a escolha de soluções sobre o *modus vivendi* dos contactos, o futuro indicaria uma variedade de soluções encontradas, em diferentes lugares, que, ao longo do tempo, se cristalizariam multiformemente. Surgiram normas explícitas ou, no mínimo, a indicação das pistas para procedimentos. Detalhes sobre normas que os metodistas elaboraram veremos mais adiante.

5. Com a "unidade em órgãos prestadores de serviço à sociedade" tem-se, segundo nos parece, um ponto de chegada muito importante. Se as tradições eclesiais descobriam, pouco a pouco, divergências de doutrina, enquanto percebiam, também, uma unidade espiritual em torno de Cristo, concluíram que, na demonstração de amor ao próximo, podiam e deveriam unir-se. A criação do Serviço Interconfessional de Aconselhamento (SICA) em Porto Alegre, reunindo católicos, luteranos, episcopais e metodistas, é um bom exemplo deste tipo de ecumenicidade.

Polémica, Diálogo, Distanciamento

A leitura histórica da cronologia (ANEXO III) nos indica períodos preponderantes nos contactos de metodistas com católicos romanos. Esses períodos não existem em estado de pureza, e com limites temporais definidos. Se no início da década havia ainda a polémica, a realização do Vaticano II deflagrou a aproximação. No final da década, porém, os contactos haviam declinado em intensidade.

Seguindo uma tónica de anos anteriores, no início dos sessenta ainda havia metodistas se situando como competidores em relação aos católicos romanos. Mantinham-se, ainda, os debates polémicos. Existia a apologia dos méritos próprios e o ataque às posições de pensamento, vida e ação do outro. Não se pode esquecer que entre as razões das missões protestantes no Brasil estava a de converter aos católicos romanos, pois não eram tidos como cristãos de fato.

1. EC, 1° de julho de 1966, p. 11.'

Porém, a figura do Papa João XXIII, suas atitudes, suas palavras, seus documentos, e o Concílio que convocou dão início a um novo momento histórico. Lembremos que, do ponto de vista dos católicos, a posição oficial sobre o ecumenismo, até então, estava na Encíclica *Mortalium Ânimos?* As ações do pontífice, lançaram, simultaneamente, dúvida e esperança no ambiente protestante, para os quais a nova mentalidade teológica se constituía em situação de difícil assimilação. Como aceitar o novo tratamento aos outrora denominad . hereges? Os pronunciamentos romanos foram ouvidos, lidos, analisados, interpretados, comparados, grifados. Havia insegurança. Roma estaria mudando? Não! "Roma é sempre a mesma. . ." diziam tantos. Enquanto isso, as aproximações foram ocorrendo. Os que se envolveram no processo experimentaram a possibilidade de não serem mais antagonistas religiosos, mas irmãos em Cristo.

Entre os metodistas houve aqueles que, pacientemente, cotejaram documentos oficiais de Roma com os pronunciamentos da IMB. Paralelismos e divergências foram apontados. Não se tratava de defender opiniões, mas de conhecer posições. Os testemunhos de observadores protestantes (entre os quais alguns metodistas, embora não do Brasil) presentes ao Concílio Vaticano II foram veiculados para conhecimento da Igreja.

Mesmo assim, não faltaram críticas contundentes a documentos papais, ou a atitudes romanistas. Os metodistas, na qualidade de protestantes, não deixaram de lado seu particular modo de ver, .pensar, e não concordar com usos e doutrinas romanas.

Sem que se possa perceber uma linha editorial muito definida, o fato é que as publicações metodistas divulgaram opiniões, oriundas de elementos tanto do Brasil como de conhecidas pessoas a nível internacional. Produzindo o efeito de munição intelectual, essas opiniões foram aceitas ou rejeitadas por segmentos de leitores. Em cartas, e novos artigos, pode-se notar as palavras de concordância e de recusa, tanto de clérigos como de leigos.

Movidos pelo ideal de testemunhar e servir a Cristo, o segmento jovem da IM lançou um voto de confiança e esperança no processo aproximador de cristãos, que se mostrava relevante e benéfico diante de um país carente de soluções para tantos problemas.

2. OUTLER, Albert C **Para que o Mundo Creia.** São Paulo, Imprensa Metodista, 1973. Nas páginas 113 e 124 encontra-se a Encíclica **Mortalium Ânimos,** do Papa Pio XI, de 6 de janeiro de 1928. Dela extraímos: "Há apenas um modo pelo qual a unidade dos cristãos pode ser promovida: trabalhar pelo retorno à única igreja verdadeira de Cristo daqueles que dela se separaram, pois foi desta única igreja verdadeira que eles se separaram no passado". Mais adiante: "Que nossos irmãos separados se aproximem, então da Sé Apostólica, estabelecida na Cidade que Pedro e Paulo, Príncipe dos Apóstolos, consagraram por seu sangue..." (pp. 121, 122 e 123).

Pronunciamentos da liderança jovem mostram, com clareza, que eles estavam empenhados na continuidade do ecumenismo.[3]

A consonância de entendimento quanto aos projetos utópicos (no sentido de "futuros difíceis", mas "viáveis", para a sociedade global) aproximaram cristãos que, por um outro lado, divergiam nas concepções teológicas sobre Maria, os Santos, os sacramentos e outros pontos. O ápice deste processo foi o convite a D. Hélder Câmara, da parte dos académicos, para que paraninfasse a turma de 1967 da Faculdade de Teologia da IM.

A instituição eclesiástica metodista, no Brasil, estava perturbada com acontecimentos desse tipo. Enquanto isso, na esfera secular, as autoridades governamentais não estavam dispostas, por sua vez, a suportar as crescentes contestações. A nível nacional, armaram-se os esquemas da repressão. Textos de lei, que nasciam por artifícios contornadores das regras fundamentais do Direito, surgiam da noite para o dia. Atos Institucionais, retalhadores da Constituição nacional, sucederam-se.

A dificuldade de articulação política dos cristãos em favor de efetivo serviço a ser prestado para o povo de modo geral, bem como os limites das normas, ainda imprecisas e claudicantes, puseram em desaceleração o processo aproximador. Sem que alguém proposital-mente o desejasse, ocorreu o afastamento e esfriamento das relações ecuménicas. A semente, porém, estava lançada. Latente. Não morta!

As normativas produzidas pela Igreja Metodista

No capítulo sobre "ensino e normativas para a vivência ecuménica dos "metodistas", já se fez referência (p. 37) às "palavras do episcopado", bem como às decisões do "II Concílio Geral Extraordinário". Indicamos que haveria um retorno a esses tópicos. É o que vem a seguir.

3. Relatório da Comissão Geral de Estado Geral da Igreja **(ATAS,** CR 4." RE, p. 43) **nos** dá testemunho sobre o seguinte: "Sentimos o problema de uma mocidade às vezes religiosamente confusa, outras vezes rebelada contra uma Igreja ainda um tanto introvertida, frequentemente apegada a uma tradição que para eles nãò tem sentido. Notamos que a mocidade aspira a uma Igreja arejada, mais ecuménica, mais sintonizada com o clima espiritual de nossa época…" No "Pronunciamento da Liderança jovem à IM Centenária" (EC, 1." de abril de 1967, p. 2 e 3), no tópico "A Igreja e as realidades", lemos: "Em primeiro lugar temos de observar que ainda persistem no mundo de hoje as tristes divisões da Igreja, o corpo de Cristo, para escândalo do mundo e prejuízo do testemunho. **Por** outro lado, a bem da verdade, verificamos que setores mais avançados do catolicismo, do ortodoxismo e do protestantismo convergem para um mesmo alvo: a renovação na teologia e na liturgia, uma melhor compreensão da responsabilidade social da Igreja e uma cobertura [sic] para o ecumenismo". E mais: "A Igreja Católica deu largo passo neste sentido no Vaticano íleo protestantismo o tem dado através do CMI". "No meio protestante e dentro do continente sul-americano é alentador verificar a existência de movimentos interdenominacionais como o ISAI " Na "Análise do II Concílio Geral Extraordinário pela Mocidade da IMB" (EC, 15 de outubro de 1968, p. 4 e 5), os signatários, após mostrarem seu desapontamento pela forma como se conduziu o Concílio, não obstante, declararam: "... a juventude está convicta de que deve estar na Igreja. Sim, não a abandonará, pois a ama. E por amar, quer fazer, quer lutar com todo o povo de Deus, ecumenicamente, visando *fl* encontro de novos caminhos, para uma atuação mais verdadeira" [sic], (p. 5).

I

1. No ano de 1966, os bispos metodistas do Brasil editaram uma pastoral, que incluiu tópico sobre a IMB e o movimento ecuménico. Além dos aspectos já anteriormente tratados, importa destacar-se, agora, um aspecto de caráter bem prático, incluído na pastoral, que assumiu o teor de normativa.

> Quanto ao diálogo que em alguns lugares se inicia entre evangélicos e católicos recomendamos, especialmente aos nossos irmãos leigos, cujo preparo teológico nem sempre é o desejável, prudência e que busquem a assistência dos ministros sempre que convidados a participarem de reuniões e encontros dessa natureza.[4]

Além disso, contendo ao que parece resquícios de polémica e de proselitismo, o último parágrafo da pastoral afirma:

> Relembramos ... que o nosso espírito ecuménico não deve ser motivo de abrandamento de nosso ardor evangelizante nem muito menos de nossa firmeza doutrinária. Ecumenismo não significa compromisso com o erro, nem deve ser válvula de escape para comodismo na obra de salvação de pecadores, mormente em um país como o nosso, onde a quase totalidade do povo, embora confessando-se cristão, não alcançou ainda uma experiência pessoal da graça redentora de Deus em Cristo. 5

Pela pastoral admitiu-se, oficialmente (e teria sido pela primeira vez), a existência das relações ecuménicas entre metodistas e católicos romanos; e a posição desses já estava pronunciada, de modo amplo, no decreto *Unitatis Redintegratio.* A época, entretanto, como já foi dito, era de insegurança, razão pela qual se buscou limitar a participação de leigos. Com juízo de valor preconceituoso, admitiu-se a ideia de que entre os leigos o preparo teológico não era o desejável, mas o seria entre os clérigos. Pesquisa histórica e experiências pessoais nos demonstrariam que o argumento carece de base.

2. Em 1968 realizou-se o II Concílio Geral Extraordinário. Uma de suas preocupações foi o tema ecumenismo. O breve período de tempo dedicado ao concílio não permitiu que, antes de seu término, estivesse concluído um documento sobre o assunto. Isso, conformepermissão conciliar, ocorreu posteriormente, em forma de relatório que tratou das relações da IMB com a ICR.

Ficou reconhecido que "a atual aceitação de sermos irmãos separados e a abertura para o diálogo sobre nossas diferenças não deverão ser ignoradas nem perdidas". Porém, isso "não significa o reconhecimento de doutrinas que julgamos inaceitáveis, nem a omissão de nossa posição evangélica e bíblica". A importância histórica do documento determina que parte dele seja aqui transcrita. Foram apresentadas *normas gerais:*

4. EC, 15 de novembro de 1965, p. 4.
5. EC, 15 de novembro de 1965, p. 4.

1 — Que seja dada prioridade a encontros para estudos e diálogos por pessoas ou comissões devidamente credenciadas, em cada região eclesiástica, designada pelos respectivos bispos, e, no âmbito geral, pela Comissão Geral de Ecumenismo.

2 — Os atos públicos só deverão processar-se quando houver possibilidade de se chegar a uma liturgia comum, que não aparente adesão a doutrinas que não aceitamos, por falta de fundamentação bíblica.

3 — Os atos públicos de adoração em comum sejam realizados com moderação, com programação adequada e com a permissão da autoridade competente.

4 — Reconhecendo a importância da realização da semana de oração pela unidade cristã, recomendamos a sua prática anual onde for oportuno.

5 — Na eventualidade da celebração de um casamento misto, sejam observadas as seguintes normas:

a) Só se realizam em casos especiais em que ambos os nubentes sejam fiéis praticantes de sua fé;

b) Que haja entrevistas prévias dos nubentes com seus mentores espirituais para explicação do significado do ato;

c) **Que** a cerimónia seja realizada somente com ritual especial ecuménico;

d) Que haja a eliminação dos votos ou compromissos quanto a educação religiosa sectária dos filhos e quanto a confissão auricular;

e) Que sejam realizados somente após ter-se cumprido a exigência da lei civil;

f) Que o ato seja registrado nas igrejas de ambos os nubentes.

6 — Sempre que possível, haja ação conjunta na comunidade através de atividades que visem ao bem comum, quer em projetos definitivos quer em casos de emergência, sem prejuízo dos postulados e práticas da fé evangélica.[6]

É de se compreender que a pressão do tempo, aliada à inexperiência dos metodistas no tratamento de matéria desta natureza, conduzissem a uma normativa incompleta,' mas que teve o seu valor. Outros tantos problemas ecuménicos permaneceram em aberto. Prova disso é o que vem a seguir.

3. Cerimónias Ecuménicas. Esse foi o título de um documento--relatório, resultado do trabalho de uma Comissão Especial nomeada pelo Concílio da 2.ª RE (ao qual já nos referimos no cap. IV deste trabalho). Importa-nos levar em consideração esse relatório em razão das ideias apresentadas, que se constituíram, sem dúvida, numa síntese daquilo que alguns pensavam na ocasião, pelo menos entre liderança da 2.ª RE.

O documento-relatório busca definir a posição da Igreja Metodista face a "outras Igrejas", no que diz respeito aos atos litúrgicos e sociais que são lícitos e que possam ser praticados em nome da IM.

6. EC, 1.° de dezembro de 1968, p. 8.

Em seus itens, abordou: "o que convém" (sobre o qual já discorremos — p. 74) e outros abaixo considerados.

Discorrendo sobre o "culto divino", o relatório, por exemplo, considera que

> Os evangélicos podem abrir seus cultos a uma participação de todos pelo fato de não conterem eles nada que possa chocar a consciência de um católico. Ao reverso, a assistência a um culto divino católico (missa) traz problemas de consciência para os evangélicos devido ao seu caráter especificamente romano — a adoração da hóstia, o culto dos santos.[7]

Referindo-se aos "casamentos". Se são mistos, "representam uma ameaça à fé". Cada cônjuge não deve ferir a consciência do outro. E, "o atual ritmo da Igreja Católica coaduna-se muito bem com o ritual metodista". Sugere-se uma cerimónia contendo elementos dos rituais das duas Igrejas, no qual o pastor e padre ministrariam juntos, dividiriam entre si a homilia, e conjuntamente fariam a imposição das mãos.

Quanto aos "funerais", propõe-se que as missas de sétimo ou trigésimo dias, bem como a de ano de falecimento, possam ter, como gesto de caridade cristã, a presença de íntimos da família, que sejam metodistas, mas não da Igreja como tal.

Tratando-se da "Missa-Ceia", a opinião é no sentido de que entre os metodistas não se negará ceia a um católico que se aproxime espontaneamente. Mas, "não se compreende o recebimento da hóstia da parte de um metodista, a não ser em casos muito especiais particulares, ditados pela consciência cristã".

No que diz respeito ao "batismo", o relatório propõe que:

> Batísmo cm nome do "Pai, do Filho e do Espírito Santo" feito com água é válido para sempre, como sinal da inserção em Cristo. O "reba-tismo" é aceitável quando o candidato, a pedido, deseja com este ato penetrar no sentido daquilo que já lhe foi feito e testemunhar a nova dimensão de sua fé.[8]

Ao considerar "cerimónias sociais", preceitua-se empenho no sentido de "conseguir um culto ecuménico de preferência em local

7. EC, 15 e 31 de julho de 1970, p. 14.
8. EC, 15 e 31 de julho de 1970, p. 14. Essa questão, relativa ao batismo ou não de pessoa procedente da ICR, já preocupava o pensamento de metodistas no ano de 1889. Na Conferência Anual, reunida de 15 a 19 de julho, após debates, foi aprovada a seguinte proposta: "Que os pastores desta Conferência exerçam grande cuidado na instrução catequista sobre o assunto de batismo no caso de todos os candidatos à comunhão da Igreja Metodista que vêm da Igreja Romana, e em todos os **casos em que os candidatos não tiverem** uma concepção do batismo cristão [grifo nosso], que sejam mais plenamente instruídos e batizados na ocasião de sua recepção na Igreja". (Conforme SALVADOR, José Gonçalves. **História do Metodismo no Brasil,** Vol. I, São Bernardo do Campo, Imprensa Metodista, 1982, p. 266).

neutro e com a maior participação possível dos presentes". Os interessados devem envolver-se no planejamento do ato.

E, finalmente, destacando "música", postula-se que deve ser usada para aumentar os laços entre os cristãos. Para o cântico da "Ave Maria" (usual em casamentos católicos), recomenda-se a primeira parte, "por ser de origem bíblica", sendo que a segunda, uma oração à Virgem, é "ofensiva à consciência evangélica".

O relatório, publicado, aguardava aperfeiçoamento crítico, e seria encaminhado ao próximo Concílio Geral. Segundo os registros, isso não ocorreu.

Carta a um Católico Romano

Afastando-nos da recente história dos anos sessenta, reporte-mo-nos às origens do metodismo, para mencionar um dos importantes legados ecuménicos de João Wesley. Nas páginas iniciais deste estudo foi lembrado o sermão "O Espírito Católico". Nele, Wesley não falava sobre o católico romano, em especial, mas abordava a catolicidade no sentido da universalidade, o espírito aberto que deve ter o cristão. Porém, com data de 18 de julho de 1749, Wesley escreveu a "Carta a um Católico Romano". Teria sido endereçada a um desconhecido católico, ou tratava-se de algo como uma circular. A carta[9] possui um tipo de credo, após o qual Wesley indaga a seu leitor: "Há objeções a qualquer item . . . exposto? Há aqui qualquer ponto que não credes também?" E mais adiante: "Meus caros amigos, considerai, não vos estou persuadindo a deixar ou mudar a vossa religião, mas seguir aquele temor e amor de Deus sem o qual toda a religião é vã". (Na mesmo carta, Wesley não hesitou em denominar como pagãos aos protestantes que "vivem em pecado aberto". Esses tais "são a maldição da nação, a perdição da sociedade, a vergonha da raça humana, a escória da terra".) Mais para o final, Wesley solicita que "em o nome ... e na força de Deus resolvamos ( ) a não nos ferir mutuamente"; ( ) "a nada falar áspera ou inamistosamente um do outro". ( ) "não nutrir nenhum pensamento menos caridoso e nenhum espírito inamistoso um para com o outro". Pede, por último, um esforço "para mutuamente nos ajudarmos sempre", e afirma [grifo nosso] "regozijemo-nos em *fortalecer nossas mãos em Deus".*

A leitura de toda a carta, recomendável em qualquer ocasião, evidencia sua atualidade.

9. REILY, Duncan Alexander. **Metodismo Brasileiro e Wesleyano,** pp. 123 a 132, de onde são extraídas todas as citações a seguir.

VII

CONCLUSÃO

Até aqui foram expostos, de forma ordenada os eventos e as ideias básicas que mostram uma efetiva vivência inter-eclesiástica dos metodistas do Brasil no período de 1960 a 1971. Do conjunto das ações, e omissões, já se pode apresentar um rol de conclusões.

1. A análise dos documentos oficiais e estudos que a Igreja editou evidencia a sua posição histórica e atual, favorável ao ecumenismo, com o desejo de nele permanecer e avançar. Porém, não há consenso sobre alguns aspectos teóricos — teológicos — da temática em questão, e certos conceitos permaneceram vagos. A própria Igreja observou que conhecia pouco de si mesma a fim de poder dialogar com as outras.

2. Ecumenismo, nos primórdios da década de sessenta no Brasil, consistiria, principalmente, em um "interdenominacionalismo" no âmbito dos "evangélicos" ou protestantes. Era um "pan-protestantis-mo".[1] Esse campo, não obstante, tinha limites. Ecumenismo não é ecletismo religioso. O CMI declara-se como uma comunidade de igrejas que confessam o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, de acordo com as Escrituras, e buscam cumprir juntas o seu chamado comum, para a glória do único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo.[2] O desabrochar do Concílio Vaticano II, com sua nova mentalidade, fez com que os metodistas (bem como outras denominações) passassem a incluir os católicos romanos em seu campo ecuménico, que ficou, assim, ampliado.

3. Os metodistas estabeleceram normas iniciais para sua vivência ecuménica. Mas foram poucas. A inclusão dos católicos no âmbito de seu ecumenismo trouxe novas preocupações à liderança da Igreja. Elaboraram-se outras breves normas regulamentando as ações ecuménicas. A IM esteve com receio de desorientar-se em meio ao processo.

1. REILY, D. A. **História Documental do Protestantismo no Brasil.** Na nota 89, da p. 311.
2. CMI. **What in the World is the World Council of Churches?** Genebra, CMI, 1978, p. 86.

4. Acreditando que nos anos sessenta o ecumenismo ganharia corpo, a IMB criou órgãos de atuação a nível geral, sem correspondência direta a nível regional ou local. Tais órgãos não sobreviveram, tendo se diluído em meio à problemática surgida. O fato de existirem só a nível geral teria facilitado a sua desestruturação.

5. Todos os bispos da Igreja envolveram-se na questão ecuménica, uns mais outros menos, conforme suas tendências pessoais. Isso pode ser constatado em relatórios conciliares.

6. Entre os clérigos e leigos, as posições pró e contra o ecumenismo, sobretudo depois dos contatos com os católicos romanos, dividiam as opiniões. Entre a liderança jovem da Igreja, sobretudo na segunda metade da década, nota-se nítida inclinação por um ecumenismo levado a sério. Mas a IM esteve claudicante e temerosa nesta época, a ponto de necessitar de um Concílio Geral Extraordinário para acertar sua marcha, que foi desacelerada. Em jogo, sem dúvida, razões de ordem político-ideológica.

7. Os vínculos da IMB com a Igreja-Mãe permaneceram, mas o *modus-vivendi* foi, aos poucos, se alterando. As condições sócio-po--lítico-econômicas da América Latina contribuíram para tanto.

8. Surgiram oportunidades, aproveitadas, para que a IMB estabelecesse vínculos de cooperação oferecidas por outras IM do exterior-. Ampliou-se o "leque diplomático" dos metodistas brasileiros. Mais obreiros e mais recursos, também, seriam bem recebidos.

9. Internamente, havia os que se interessavam pela unidade dos ramos metodistas existentes no Brasil, sem conseguir resultados. De outro lado, a IM se viu diante da primeira significativa divisão interna, pela cisão ocorrida na Primeira Região Eclesiástica.

10. Embora sem abandonar a CEB, a IMB buscou outro tipo de ecumenismo com as igrejas mais afins ao seu modo de pensar e agir; como resultado surgiu a CEIE. Finda a década, tanto a Confederação como a Comissão já haviam perdido as possibilidades que potencialmente tinham apresentado. O processo ecuménico havia entrado em crise, juntamente com a liberdade na sociedade brasileir .

11. Por razões históricas, os metodistas do Brasil (autónomos desde 1930, quando eram vinculados à Igreja Metodista Episcopal do Sul) não mantiveram relacionamento com os demais metodistas da América Latina (igrejas cuja autonomia foi posterior, mais recente, e que originariamente estavam vinculadas à Igreja Metodista Episcopal da parte norte dos EUA). Mesmo após a união dos metodistas do sul e norte nos EUA (1939) não ocorreram imediatamente maiores aproximações dos metodistas latino-amenicanos. Foi com o movimento, que levou ao surgimento do CIEM AL, que se proporcionou .aos metodistas brasileiros maior conhecimento sobre os irmãos latino-ame-ricanos. Mas isso foi muito ao nível de cúpula e de lideranças eclesiásticas.

12. Os vínculos da IMB com o CMM foram apenas formais. Não se nota projeção desse organismo na dinâmica da IM nacional. Muito pouco se fala sobre esse Conselho. A grande maioria dos metodistas, seguramente, o desconhece.

13. A IMB participava ativamente da CEB, tendo obreiros de destaque em setores específicos dessa entidade. Foi nos anos sessenta — quando se acentuaram as discussões em torno de Igreja e Sociedade, e de ecumenismo, tendo como cenário um Brasil que vivia modificações político-econômicas — que a CEB sofreu crise insuperável. As rachaduras entre o "povo evangélico" no Brasil mostraram--se mais profundas. Houve divisão teológica, ideológica e esfriamento nas cooperações práticas. Os metodistas não foram os coveiros, mas também não conseguiram ser médicos ou enfermeiros do organismo em agonia.

14. As temáticas "Igreja-Igreja" (ecumenismo) e "Igreja-So-ciedade" (missão, evangelização, participação, serviço, presença) mos-traram-se inseparáveis. Os que se interessavam pelo ecumenismo, via de regra, eram os mesmos que se empenhavam por uma renovação teológica que conduziria a Igreja a enfocar, sob ótica mais contemporânea, qual a sua missão. Escapando à tradicional ênfase que propunha a conversão de indivíduos (cuja somatória levaria à transformação social) os ecuménicos batalhavam também pelas mudanças estruturais da sociedade ("conversão" das estruturas) por julgá-las modeladoras do comportamento dos indivíduos e empecilhos à VIDA segundo a proposta de Cristo. Dentro do projeto ecuménico está, portanto, um projeto soteriológico, histórico. Mais do que aproximação eclesiástica, a questão ecuménica conduz à aproximação dos modos de pensar e agir no que diz respeito ao papel histórico (missão) da Igreja. Nesse ponto, entra também a visão política, ou a filosofia da história (para não se falar em ideologia), e a consequente doutrina social. Foi assim que, entre as lideranças das igrejas, afinaram-se mais, nos diálogos, aqueles que provinham de uma *ecclesia* cuja doutrina social fosse de linhas convergentes. Os encontros para se discutir a "ação da Igreja no mundo" captavam mais o interesse do que as reuniões somente para conhecimento do "posicionamento doutrinário" relativo a formas de culto ou sacramentos, por exemplo. A concepção teológica sobre Reino de Deus conduzia a dois tipos de ação cristã no mundo. Para uns, evangelizar era capturar o indivíduo para o Reino; para outros, evangelizar consistia basicamente em contribuir para que os sinais estruturais do Reino fossem cada vez mais ingressando na sociedade, inclusive na vida das pessoas. Os ecuménicos eram dessa visão mais global, e defendiam que o agir ecuménico era indispensável "para que o mundo creia", segundo palavras de Jesus Cristo (cf. João 17.21).

15. Os documentos básicos das assembleias do CMI circularam com relativa amplitude entre os metodistas, por livretos distribuídos ou via *Expositor Cristão. A* repercussão maior sempre foi entre a cúpula e a liderança. A impressão que se tem é que o CMI permaneceu algo distante para o membro da Igreja local.

16. A participação dos metodistas na CELA e ISAL colaborou para que uma nova visão sobre missão da Igreja, numa América Latina socialmente em convulsão, fosse sedimentada ao menos entre parte da liderança eclesial. Alguns metodistas entenderam que deveriam participar de entidades tais como sindicatos, partidos políticos. Essa seria uma forma de evangelizar, sendo sal e luz nas estruturas do mundo. Essa visão empolgava a juventude. Mas, esse foi um pensar e agir que não se espraiou pela Igreja como um todo. Permanecia ainda a visão evangelizadora mais tradicional.

17. Movidos pelo seu interesse ecuménico, vários metodistas compareceram a dispersos eventos, sem uma demarcada linha de continuidade. Visto de hoje, evidencia-se que houve participação em encontros internacionais promovidos por grupos de tendências teológicas tanto renovadoras como conservadoras. Alguns dos participantes metodistas talvez não se tenham dado conta disso com a devida profundidade. Havia festividade e euforia em tais encontros, sem uma posterior praxis.

18. É na década de sessenta que os metodistas no Brasil principiam a encarar aos católicos romanos sob um novo ângulo de visão. A mudança ocorrida neles, pelo Concílio Ecuménico Vaticano II, aliada ao clima ecuménico geral, contribuíram muito para isso. Os avanços iam sendo tão rápidos nesta nova fase ecuménica, que os dirigentes da IMB viram-se na necessidade de providenciar balisas norteadoras. O ecumenismo foi um dos motivos que motivou a Convocação do Concílio Geral Extraordinário.

19. Diante da crítica de modernismo, de adesão ao roma-nismo, e até mesmo de apostasia, oriunda dos mais críticos ao ecumenismo, aqueles que eram adeptos do movimento buscaram fundamentar suas ações em princípios bíblicos e wesleyanos, buscando as raízes históricas e teológicas de seu procedimento ecuménico.

20. A existência de textos, artigos, lições para estudo, normas para vivência etc, mostram que houve uma ênfase na *pedagogia da palavra.* Mas, querendo evitar conflitos, e buscando contornar as crises por meio de mecanismos de controle, não se levou em conta a importância da *pedagogia da praxis* e dos desafios. Isto é, nos documentos e nos estudos a IM se apresentava como ecuménica. Havia um bom "discurso" mas não uma "performance". Assim, quando a prática — que é dinâmica, que requer soluções no dia-a-dia — parecia ganhar vulto e gerar desequilíbrios intranqúilizadores (como

quando, por exemplo, os académicos de teologia convidaram o Bispo Hélder Câmara para paraninfo) a IM, institucionalmente falando, teve receio. A partir daí, criou formas de maior controle, temendo desgovernar-se.

21. Dado o caráter proselitista e certas ênfases doutrinárias próprias dos pentecostais, a IMB teve dificuldades em conviver com eles, inclusive com a Igreja Pentecostal "O Brasil para Cristo", que em 1968 filiou-se ao CMI. Divididos entre si, elementos adeptos do pentecostalismo tiveram a oportunidade de ingressar em templos metodistas, pregar, confundir, dividir e aliciar membros. O equilíbrio teológico metodista não desejava confrontos, mas também não poderia permitir a atuação solapadora. Medidas foram tomadas, discipli-nando-sc de modo a evitar o ingresso fácil de tais grupos nos templos. Tais normas, porém, não foram devidamente assimiladas.

22. Os metodistas foram se conscientizando da necessidade de conhecer mais profundamente sua própria Igreja, suas raízes, sua identidade, sem o que não teriam como prosseguir maduramente no diálogo ecuménico.

23. O vocábulo ecuménico (e ecumenismo), de sentido plurí-voco, foi interpretado de várias formas. Para uns, a unidade espiritual já existente entre os evangélicos era o único, verdadeiro e tolerável ecumenismo. Para outros, ecumenismo incluiria também os católicos romanos, pois seria uma questão de coerência perante o mundo, ao testemunhar Cristo. Para terceiros, ecumenismo era somente o rótulo que se dava à aproximação entre protestantes e católicos; uns aceitavam, outros rejeitavam. Não havia consenso.

24. Na primeira metade da década de sessenta, a temática ecuménica não era assunto em concílios regionais metodistas, como se pode constatar em relatórios nos quais muito se fala em vida espiritual da Igreja, evangelização, projetos locais, propriedades, ação social. É na segunda metade do período que a temática ecuménica já começa a ser mencionada; e, no final, parece já estar esquecida.

25. *Renovação* seria uma das palavras chaves no período. A Igreja desejava renovação. Eram duas as direções propostas.

> O elemento *conservador* das igrejas entende renovação em termos de uma volta ao passado e de uma vida espiritual intensa; o elemento *progressista* interpreta a renovação em termos de abertura para o Mundo, de atualização da Igreja, de busca de novas formas de estrutura eclesiástica, de testemunho e de serviço da Igreja *no Mundo.* O primeiro elemento é encontrado *especialmente* entre os crentes mais antigos; o segundo, encontra seu apoio na mocidade e na juventude, particularmente universitária.[3]

3. ATAS, Concílio Geral, 1970/71, p.'l56.

O trecho citado, de relatório do Bispo Almir dos Santos, da Quarta Região Eclesiástica, poderia, com ressalvas se aplicar a toda a IMB.

26. Via de regra, foram as concepções sociológicas, políticas, históricas e teológicas, de um segmento da liderança do metodismo brasileiro, que nortearam as "propostas ecuménicas". Em outras palavras: a preocupação ecuménica não esteve instalada nas bases metodistas. Entre aceitação e rejeição, o ecumenismo não fora encarado pela grande maioria dos metodistas no Brasil como algo vital e essencial à sua missão. Pelo contrário, alguns chegaram mesmo a afirmar que ele era o maior causador da fraqueza da evangelização e o motivo do pouco crescimento que se foi evidenciando na denominação a partir da segunda metade dos anos sessenta.

27. Apesar do exposto no item precedente, arriscamo-nos à afirmativa seguinte. Para aquele metodista que efetivamente haja percebido a natureza, ao mesmo tempo dinâmica e provisória, do movimento cristão ao qual pertence, existe a sensação de que ele é membro pertencente a uma certa *ordem* eclesial mais do que a uma *igreja* denominacional propriamente falando. Isto é, ele sabe que a verdadeira *ecclesia* é supra nacional e está além do denominacional. O uso do vocábulo *ordem,* aqui, é usado no sentido das ordens existentes no interior da Igreja Católica Romana. Dominicanos, franciscanos, jesuítas, comungam no mesmo altar, embora na teologia e na *praxis* não sejam idênticos. Assim, o metodista pesquisa a identidade e singularidade de sua *ordem* — "criada" a partir de um contexto histórico peculiar e geradora de práticas dinâmicas que germinam e produzem em vários contextos atuais — e vai localizando os dons e vocação peculiares que ela possuí como uma das componentes da única e verdadeira *ecclesia* que é o corpo de Cristo. Proselitismo, portanto, não tem sentido. Unidade é um desejo constante. Diálogo com os outros irmãos, uma necessidade. Questionamento seguido, uma das formas de crescer. Tornam-se importantes o discipulado, o serviço e o testemunho perante o mundo. Como *ordem,* que não admite orfandade para si, é importante o conhecimento de seus vínculos históricos com a *ecclesia,* numa retrospectiva que chega ao sopro do Divino Espírito emanado de Cristo. Na auto-- análise de sua *ordem,* e no companheirismo com as demais *ordens,* esse tipo de metodista encontra seu espaço na missão que lhe cabe como um dos integrantes dá grande família universal — ecuménica — cristã.

Realidade? Utopia!

Fé. . . esperança. . . amor. ..

Dá-me a tua mão. Estamos no mesmo barco.

ANEXO I QUE É SER ECUMÉNICO?

Escreve: IRINEU CUNHA Redator "Portugal Evangélico"[1]

ECUMÉNICO — é um termo de origem grega usado na Escritura, e que designa "toda a terra habitada".

Aparece quase diariamente na grande imprensa e é frequentemente ouvido através das emissoras. Há muito que grandes pensadores se vêm referindo à nossa era como "era ecuménica" em todos os domínios da vida, pois todos os problemas humanos se põem à escala universal, como o problema da fome; o problema da superpopulação; o intercâmbio cultural acelerado; a rapidez dos transportes; o fenómeno turístico; as consequências mundiais das guerras, mesmo as locais; o encontro frequente de personalidades representativas das ideologias mais dispersas etc; e desnecessário será multiplicar os exemplos da escala mundial (ecuménica) em que se processam atualmente as relações humanas. Há portanto propriedade em aplicarmos este termo a qualquer fato de amplitude mundial, como por exemplo quando nos referimos ao homem português como ecuménico, pois sabemos como se tem adaptado e espalhado pelo mundo.

Não esqueçamos contudo que o uso mais frequente do termo ecuménico é em conotação religiosa. Há um movimento ecuménico, ouvimos de concílios ecuménicos. Qual é o seu significado exato, ou o seu/conteúdo cristão neste sentido?

Sentimos impor-se uma explanação, antes que uma definição para esclarecimento daqueles que porventura desconfiem deste termo, o conheçam ou empreguem impropriamente. O conhecimento do seu real valor espiritual e cristão ajudará muitos, afastando falsos temores

1. EC, 15 de dezembro de 1966, p. 5.

e possibilitando uma melhor compreensão dos acontecimentos de caráter ecuménico que têm vindo a acontecer e que ainda certamente se multiplicarão num futuro próximo.

QUE É SER ECUMÉNICO?

SER ECUMÉNICO é ser cristão: Cristo disse: "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura". A fé de Cristo é para todos, em escala mundial. A Igreja de Cristo está destinada a ser como "árvore gigantesca que abrigue todas as aves dos céus!" E, meu Deus, quantas aves tu criaste! Não imaginemos que só as águias são aves; há aves que quase nem chegam a voar!

SER ECUMÉNICO é dar mais importância ao que nos une do que ao que nos separa. Importar-me mais com o fato de um irmão crer em Cristo do que com o de divergir de mim sobre o batismo, por exemplo. É crer que a graça de Deus é soberanamente livre e "sopra onde quer", superior a ritos, fórmulas e mesmo a credos.

SER ECUMÉNICO é cumprir o mandamento supremo de Cristo — o Amor. É amar todos os que revelam qualquer grau de fé em Cristo, ainda que sejam grandes as diferenças que nos distingam. Se os amar sincera e realmente, não posso desvirtuar a sua maneira de crer, interpretando superficialmente e à minha feição as suas crenças, para vitória fácil em monólogos polémicos. Se os amo não tenho o direito de realçar apenas os seus defeitos e erros; tenho o dever de procurar compreendê-los, e para tal sou levado a dialogar, pois só eles próprios me poderão expor com exatidão a sua fé, como só eu mesmo poderei expor integralmente a minha. Se os amo não tenho o direito de duvidar de sua sinceridade.

SER ECUMÉNICO é crer muito do fundo do coração que a Verdade — que para todos os cristãos está em Cristo, é Cristo — nos transcende a todos, porque Cristo na Sua plenitude nos transcende. Portanto, embora ame carinhosamente a minha particular tradição, e tendo o dever de a expor e aprofundar — seja ela luterana, ortodoxa, metodista, romana ou batísta, — porque todos têm já a sua particular tradição, eu abro-me compreensivamente aos valores reais existentes noutras tradições eclesiásticas, sabendo com certeza que o Espírito Santo de Deus não fez de mim o único depositário de toda a Verdade, mas que tem compartilhado as suas riquezas espirituais com todo o Povo de Deus. Assim realizaremos melhor a plenitude dos "tesouros de sabedoria e de ciência que há em Cristo".

SER ECUMÉNICO é empenharmo-nos de coração em promover este espírito, visando uma maior e mais perfeita manifestação da unidade que temos dada em Cristo. É orar para que os cristãos se

unam na verdade e na caridade. É trabalhar humildemente na esperança de que um dia teremos mais luz, mais amor, mais clara visão da vontade de Deus, e também maior unidade visível.

SER ECUMÉNICO é não me satisfazer com abstrações e frases feitas de caráter piedoso, que dizem termos e sermos e que ainda na realidade não temos nem somos, como se verifica, infeliz e dolorosamente, todos os dias nos campos missionários, na competição evangelística, na impossibilidade de comunhão, nas deficientes relações pessoais e em mil negociações deste caráter.

SER ECUMÉNICO é crer que a unidade tem de manifestar-se mais clara e sinceramente, mais visivelmente; tem de se encarnar com o Cristo pré-existente que, "na plenitude dos tempos", se encarnou. É crer que numa plenitude que Deus dará, a Igreja de Cristo também manifestará um rosto "sem ruga, nem imperfeição alguma" perante o mundo. O fato doloroso é que as rugas e imperfeições são demasiadas atualmente, e que muitos não crêem por tal motivo. Atualmente ainda não podemos dizer como Simeão, quando tomou o Messias-Menino nos braços: "...Já os meus olhos viram...", mas é bom e doce esperar em Cristo, e crer que Ele pode fazer o que os homens não podem!

SER ECUMÉNICO é ser cristão! Ser cristão é ser ecuménico!

O resto — os "papões" que alguns agitam freneticamente: apostasias, sincretismo super-igrejas, modernismo etc, são bandeiras humanas erguidas por alguns a quem aconselharíamos um pouco mais de serenidade, uma despreconcebida revisão dos valores fundamentais da fé e um maior respeito pelos seus irmãos, de cuja idoneidade espiritual e honestidade intelectual não têm o direito de duvidar!

ANEXO II

Na condição de convidados, delegados fraternais, visitantes ou observadores, os metodistas brasileiros participaram em diversos eventos interdenominacionais, como por exemplo:

1. A convite de *World Vision,* entidade colaboradora, o Rev. Benedito de Paula Bittencourt participou de um Instituto Ministerial em Medellin, Colômbia (10 a 13 de maio de 1960) promovido pela Confederação Evangélica da Colômbia. Reuniram-se 350 pastores de 16 denominações colombianas, Venezuela, Equador e poucos de países vizinhos. A reunião serviu para a renovação intelectual do ministério desses países, como avivadora de energias espirituais com "frutos preciosos em termos de ecumenismo prático".[1] Em reunião mais íntima, o pastor metodista ficou sabendo detalhes da perseguição que os evangélicos sofriam na Colômbia. De 1948, até a data: 160 mortos, 66 templos destruídos, 200 escolas primárias evangélicas fechadas.[2]

2. Ano de 1961. O Rev. Sérgio Marcus Pinto Lopes esteve na Alemanha e Paquistão (ver a nota de rodapé n.° 7, do capítulo 5).

3. A fim de participar de reunião promovida pelo *World Council of Christian Education and Sunday School Association,* o Rev. João Nelson Betts (pastor em Curitiba, PR) seguiu para Belfast, Irlanda do Norte (junho de 1962).[3] Não há mais detalhes.

4. Junho de 1964. Realiza-se em Praga, Tchecoslováquia uma das reuniões da "Conferência Cristã de Paz". Por volta de 1000 participantes, de 54 nações, 100 denominações. Entre eles, o Rev.

1. EC, 23 de junho de 1960, p. 4.
2. A perseguição, promovida por católicos, baseava-se em razões tais como: "A concordata entre Colômbia e Vaticano, datada de 1886, a única da América do Sul, diz que a religião católico-romana é a religião oficial, do Estado e que outras não têm o direito de coexistência". Na ocasião do instituto, a situação estava melhor, pois o presidente não prestava muita atenção aos tratados. Idem, pp. 2, 4, 10.
3. EC, 1° de agosto de 1962, p. 2.

Benedito de Paula Bittencourt, convidado particular, sem qualquer representação da Igreja. (Em intervalo de reuniões, metodistas de 19 nações tiveram oportunidade de se reunir para troca de experiências.) O movimento tem por objetivo "levar a Igreja a uma interpretação do mundo contemporâneo que possa levar as nações a viver em paz e ter comunhão umas com as outras".[4] Na temática da reunião assuntos sobre: juventude, necessidade dos países subdesenvolvidos, guerra, ecumenismo, problema da unidade e liberdade, problemática da era técnica.[5]

5. Sendo Secretário Geral de Missões e Evangelização, o Rev. Omar Daibert foi convidado a participar do Congresso Mundial de Evangelização em Berlim (25 de outubro a 5 de novembro de 1966). Refutando críticas, que acusara o conclave como de orientação fundamentalista, ele apontou o fato de que Cari Mclntire, tendo lá aparecido no terceiro dia, não conseguiu inscrever-se como observador, e fez reuniões simultâneas, em hotel da cidade. Na declaração final, há trechos tais como: "Repudiamos toda a teologia e crítica que recusa submeter-se à autoridade divina das Sagradas Escrituras, e todo tradicionalismo que debilita essa autoridade efetuando adições à Palavra de Deus".[6]

6. Wilson Rangel Guerrieiro estava em estudos na Faculdade de Teologia da Universidade de Neuchatel, Suíça (Igreja Reformada). Juntamente com colegas, teve a oportunidade de visitar a Igreja na Rumênia, na semana santa de 1966, convidados que foram pelo Patriarca da Igreja Ortodoxa de Bucareste. "O jovem pastor . . . encontrou uma Igreja viva e atuante apesar de certas restrições por parte do Estado".[7]

7. Em Bogotá, Colômbia, realiza-se o CLADE — Congresso Latino-Americano de Evangelização (21 de novembro de 1969). Três delegados metodistas: Rev. Omar Daibert, Bispo Nathanael Inocêncio do Nascimento e "outra senhora metodista" [sic] entre os 82 brasileiros (eram 1600 pessoas, das quais 850 como delegadas, vindas de 25 países). Lema: "Ação em Cristo para um Continente em Crise".[8] O Congresso teve "características semelhantes ao de Berlim onde se estudou tanto a estratégia a seguir para a evangeliza-

4. EC, 15 de março de 1966, p. 9. Mais detalhes (inclusive sobre sua viagem à Hungria) em EC, 1.o de maio de 1966, p. 10; EC, 15 de julho de 1966, p. 6.
5. EC, 1.° de abril de 1966, p. 5.
6. EC, 15 de março de 1967, p. 12. Ainda na declaração: "Evangelismo é a proclamação do Evangelho de Cristo crucificado e ressuscitado, o único Redentor do homem, de acordo com as Escrituras, com o propósito de persuadir aos pecadores condenados e perdidos a colocarem sua confiança em Deus, recebendo e aceitando a Cristo como Senhor em todo aspecto da vida e na comunhão de sua Igreja, na espera do dia de sua vinda em glória" (p. 12). "Instamos à Igreja do mundo inteiro a que obedeça ao mandamento de penetrar no mundo, desafiando-o a que se defronte com os ensinos de Jesus Cristo" (p. 8).
7. EC, 15 de outubro de 1966, p. 5.
8. EC, 15 de dezembro de 1969, p. 1

ção do mundo como a reafirmação da doutrina da Bíblia à qual a pregação evangélica se refere".[9]

Resultado do Congresso, divulgou-se a "Declaração de Bogotá". Ela se avalia como "a expressão de um consenso no qual há um acordo naquilo que é fundamental". Porém, "há também lugar para a diversidade que provém da multiforme graça de Deus ao dar Seus dons a Seu povo, isto é, diversidade dentro da unidade".[10] Para Orlando Costas, o CLADE foi revelador da crise em que se encontrava o protestantismo latino-americano.[11]

9. idem, p. 2.
10. EC, 28 de fevereiro de 1970, p. 7. Da Declaração: "6 — O processo de evangelização deve visar situações humanas concretas. As estruturas sociais influem sobre a igreja e sobre os receptores do Evangelho. Se fazemos caso omisso desta realidade desfiguramos o Evangelho e empobrecemos a vida cristã. Chegou a hora em que os evangélicos devemos [sic] ter consciência de nossas responsabilidades sociais. Para cumpri-las, o fundamento bíblico é a doutrina evangélica e o exemplo de Jesus Cristo levado até suas últimas consequências. Esse exemplo deve encarnar-se na crítica realidade latino-americana de subdesenvolvimento, injustiça, fome, violência e desesperação. Os homens não poderão construir o reino de Deus sobre a terra, porém a ação social evangélica contribuirá para criar um mundo melhor como antecipação a aquele por cuja vinda oramos diariamente". "9 — Em um continente de maioria nominalmente católica, não podemos fechar os olhos às inquietudes de renovação que se observam na Igreja de Roma. O 'aggiomamento' nos apresenta ao mesmo tempo, perigo e oportunidade: as mudanças em matéria de liturgia, eclesiologia, política e estratégia, deixam no entanto incólumes os dogmas que separam os evangélicos de Roma. Porém nossa confiança na Palavra de Deus, cuja difusão e leitura vai se elevando dentro do catolicismo, nos faz esperar frutos de renovação e nos proporciona oportunidade para o diálogo em nível pessoal. Esse diálogo deve ser inteligente e requer de nossas igrejas um ensino mais profundo e consistente da herança evangélica, a fim de evitar os perigos de um ecumenismo ingénuo e mal-entendido".
11. COSTAS, Orlando. **El Protestantismo en America Latina Hoy,** pp. **41** a **76.**

ANEXO III

METODISTAS DO BRASIL E CATÓLICOS ROMANOS

Cronologia Editorial: eventos, modos de pensar, declarações relevantes, notícias, transcrições, artigos, estudos, que foram publicados na literatura periódica oficial da IMB nos anos sessenta.

EC, 14 de janeiro de 1960, pp. 3 e 10. Carta de Sabatini Lali (presbiteriano, dos quadros da CEB), endereçada a D. Estevão Bittencourt, a propósito de sua conferência "A Bíblia e a Livre Interpretação". A carta é polémica.

EC, 11 de fevereiro de 1960, pp. 1 e 12. Gerson Soares Veiga (pastor metodista em estudos nos EUA) escreve sobre "O Progresso do Catolicismo Romano nos Estados Unidos". Afirma: os EUA "não são um país protestante, no sentido em que comumente se costuma dizer".

EC, 18 de fevereiro de 1960, p. 15. No artigo "A divulgação da Bíblia entre os Católicos Romanos", Abdiel Monteiro declara que a Igreja Romana "não está sendo fiel na apresentação que vem fazendo ao público brasileiro, dos textos sagrados". Apresenta exemplos que, a seu ver, se constituem em provas.

EC, 24 e 31 de março de 1960, p. 16. Noticia-se que o arcebispo Bernard Jan Alfrinck (dirigente católico Romano dos Países Baixos) "tem dado sua aprovação à tendência 'ricamente abençoada' que está aproximando Roma e a Reforma'". Segundo ele, "a vida ecuménica não quer dizer que todas as pessoas tenham crenças idênticas. O ecumenismo é uma busca da verdade"; e, "a busca comum da verdade e o comum reconhecimento desta produzem a unidade".

EC, 26 de maio de 1960, pp. 14 e 16. Em ofício a Iuscelino Kubitscheck de Oliveira (13 de abril de 1960) o presidente da CEB (Euclydes Deslandes) protesta contra a ausência de representantes do Evangelismo Brasileiro e de outras confissões religiosas no programa oficial da inauguração de Brasília. Mais ainda, protesta contra a inclu-

são, no referido programa oficial, da Instalação da Arquidiocese de Brasília, "ato que fere frontalmente a nossa Constituição (.....) que estatui separação entre Igreja e Estado".

EC, 30 de junho de 1960, p. 2. Em "Igreja Anti-Cristã", Anibal Nora declara que é preciso continuar a expor as "falsidades e mentiras doutrinárias e históricas que os defensores da falsa Igreja Católica Romana não se cansam de publicar". "Precisamos mostrar ao nosso público ledor [sic] as grandes heresias dessa Igreja que perdeu o direito de chamar-se CRISTÃ. Nós, os legítimos CRISTÃOS EVANGÉLICOS, não somos irmãos separados, como atualmente nos chamam hipocritamente, alguns distintos escritores romanistas".

EC, 7 de julho de 1960, pp. 3 e 6. Felipe A. Mesquita (pastor metodista) escrevendo "O Próximo Concílio. . . No Vaticano", menciona a convocação, pelo Papa, do Concílio Ecuménico, para "UNIDADE DE TODOS OS CRISTÃOS" (grifo no original). Transcreve trecho da encíclica de João XXIII: "Deixai-nos que num afetuoso desejo, vos chame de irmãos e FILHOS. Deixai-nos ter a esperança de um REGRESSO bem caro ao nosso coração de pai" (grifos no original). E critica, com veemência, este convite ao "regresso".

EC, 8 de setembro de 1960, pp. 3 e 13. Carta polémica de Sabatini Lali ao Dr. Otto Prazeres (4 de novembro de 1960) a propósito de seu artigo "O reconhecimento da religião católica" *{Jornal do Brasil,* 30 de julho de 1960).

ÉC, 8 de setembro de 1960, pp. 6 e 16. Em "Protestantismo e Romanismo nos Estados Unidos", o autor P. Dornellas (pastor metodista) lembra que nos EUA "o romanismo é a maior denominação, com cerca de 23 milhões de adeptos, enquanto a Metodista, que vem em primeiro lugar entre as evangélicas, não chega a 10 milhões" — dados de 1945. Para os que poderiam invocar que a soma dos evangélicos colocaria os romanos em minoria, o autor diz que "Tal argumento falha se levar em conta a desunião protestante e a unidade romanista em relação à protestante. Como aqui, lá o problema deve ser o mesmo: certas denominações são "irmãs" apenas pela frente, fazendo tudo para 'converter' outros para a sua denominação".

EC, 20 de outubro de 1960, p. 9. P. Dornellas comenta o livro *Protentantismo e Bíblia,* do Padre F. Carballo. "É um livro felino e verdadeira arma do Diabo contra o protestantismo e as suas bases". Não obstante, contém, para os católicos, a recomendação de possuir uma Bíblia "para recorrer a ela em todos os momentos de sua vida". Porém, é pecado mortal, para a Igreja Romana, a leitura ou a posse de Bíblias ou mesmo qualquer literatura protestante.

EC, 1." de fevereiro de 1961, p. 6. Duas transcrições noticiosas, justapostas. Em uma, "o Papa João XXIII pediu... aos sacerdotes que dediquem mais tempo em estudar as práticas religiosas 'talvez

excessivas', em honra da Virgem Maria e de outros santos". Na outra, noticia-se sobre "El Saltério de Maria", publicado em Bruxelas, com selo oficial da Igreja Romana; considerado, na notícia comentada, como sendo uma profanação contra a Palavra de Deus.

ATAS, l.ª RE, 1961, p. 105. Concílio Regional de 24 a 29 de janeiro. Consulta de Lei ao Bispo João Augusto do Amaral, formulada pelo Rev. Adherico Ribeiro Chaves. Uma de suas perguntas: "Pode um ministro da IMB receber à comunhão da Igreja uma pessoa que foi batizada na ICR, tão somente por profissão de fé, isto é, ratificando o pacto batismal?" Decisão do Bispo. "Não pode". Argui que a ratificação (Art. 171 dos Cânones) não é outra senão "a do batismo evangélico".

EC, 15 de fevereiro de 1961, pp. 1 e 2. Segundo matéria transcrita *(Folha de São Paulo),* padres da Juventude Operária Católica fazem autocrítica e buscam saber por quais razões o operário brasileiro está cada vez mais afastado da ICR.

EC, 1." de abril de 1961, p. 16. O Coral Evangélico de São Paulo (metodistas, presbiterianos, independentes, batistas), dirigido por Umberto Cantoni, cantou (31 de janeiro) na Igreja do Calvário, sede da Ordem dos Passionistas, a convite do Frei Inocêncio Passio-nista.

EC, 1." de abril de 1961, p. 2. Em Congresso distrital de SMH (local não explícito) houve culto ao ar livre, perto da Igreja Católica. O padre, sentindo-se ofendido, organizou uma procissão e desfilou defronte a IM, com banda de música; uma bomba quebrou telha do templo. O ocorrido foi interpretado, pelos congressistas, como uma bênção: muita gente ficou sabendo onde se localizava a IM.

EC, 15 de maio de 1961, pp. 1 e 2. I. Rosier, professor na Universidade Católica de Santiago do Chile, sacerdote, se refere de modo positivo sobre o protestantismo (fala sobre o Chile em especial). "O protestantismo abriu o caminho direto a Cristo, enquanto que o catolicismo é como se o rosto autêntico de Cristo estivesse velado pela civilização e pela complicação de tantos séculos".

EC, 15 de dezembro de 1961, p. 1. Os capelães católicos romanos nas Forças Armadas Brasileiras realizam anualmente um retiro espiritual. São setenta. O único protestante, o pastor metodista Rev. Juvenal Ernesto da Silva, foi convidado para o IV Encontro. No V e no VI, ele foi um dos palestrantes.

EC, 15 de março de 1962, p. 4. Matéria transcrita (Folha de São Paulo) informa que estava sendo discutida em Roma a questão de os padres adotarem calças normais em lugar das costumeiras batinas.

EC, 15 de junho de 1962, p. 5. O Dr. Visser 't Hooft, secretário geral do CMI, afirma ter esperança de que o Concílio Vaticano II "assinalaria o caminho a uma melhor compreensão" "Há urgência

em estender e examinar o diálogo com nossos irmãos católicos". "Mas diálogo significa que o interlocutor tome o outro a sério e que ambas as partes estão [sic] dispostas a escutarem-se". (o certo seria estejam)).

EC, 15 de julho de 1962, p. 1. P. Dornellas, pastor, após visitas sucessivas a Aparecida do Norte (SP), em dias diferentes, escreve sobre a cidade. Sua análise é minuciosa; fala do comércio, hospedarias, condução, romeiros, religião ("Há de tudo sobre religião. Bíblia, porém, não é encontrada em qualquer das livrarias ou em qualquer das lojas"), doações, e da Nova Basílica em construção. Descreve, não polemiza.

EC, 15 de julho de 1962, p. 12. Segundo o semanário *Seítimana dei Clero,* de Pádua, Itália, na América Latina "cada dia mil católicos são convertidos ao protestantismo". "... é urgente fazer frente e esse desafio com uma resposta concreta".

Homens em Marcha, jul/ago/set. de 1962, pp. 26 e 27. António Gonçalves Pires, que fora católico romano, escreve o artigo denominado "Os Evangélicos são os Autênticos Marianos". Há argumentos.

EC, 1." de agosto de 1962, p. 2. Lenildo de Freitas Magdalena (pastor metodista e vereador em São Bernardo do Campo, SP) congratula-se com o Cardeal D. Carlos Carmello de Vasconcelos Mota pela promoção da "Noite Social Cristã" em São Paulo. "Muito embo ra professando credo diferente, porém estruturado na mesma fé em Cristo, que compreende e sente a Igreja Cristã sem quaisquer frontei ras (.....) venho (.....) endossar plenamente o compromisso de luta assumido pela Igreja em prol do trabalho e da justiça". Os católicos haviam comemorado um ano de *Mater et Magistra,* e lançado documento defendendo as reformas de base no país.

EC, 15 de setembro de 1962, p. 5. Agrupadas sob o título "Às vésperas do Concílio 'Ecuménico' da Igreja Romana, isto acontece no Brasil: depredações e mau trato", duas notícias. A primeira fala da expulsão de perto de 50 moradores do município de Ferros, que estavam para ser batizados por adventistas; o templo deles, destruído. O padre José Casemiro percorrera os distritos do município, pregando (com o uso de Jeep e alto-falantes) "contra a ofensa aos filhos de Santana, a padroeira da cidade". A segunda, assinala a queixa do pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, pela invasão e depredação de um templo, em Santana de Ferros, por sacerdote, à frente de numeroso grupo armado de paus. Em comentário, o *EC* conclama à oração pelo Concílio Ecuménico, mas que na realidade não é "ecuménico" porque se restringe às autoridades eclesiásticas do catolicismo romano, embora tenha havido o interesse pelos não-roma-nos, na forma de convites para a presença de observadores. "Intercedamos por nossos 'irmãos separados', atrás da cortina eclesiástica não-ref ormada".

EC, 15 de novembro de 1962, p. 3. O editorial, de Isnard Rocha, trata do Concílio Vaticano II, pondo em grifo palavras de alocuções do Papa João XXIII: "A Igreja Católica. . . deseja mostrar-se MÃE AMOROSA DE TODOS, BENIGNA, PACIENTE, CHEIA DE MISERICÓRDIA E BONDADE PARA OS FILHOS QUE DELA ESTÃO SEPARADOS"; "os cristãos separados desta sede apostólica AMBICIONAM UNIR-SE A NÓS". A seguir, o editorialista cita Rui Barbosa referindo-se à ICR: "Não é uma religião mas uma política, e a mais viciosa, a mais sem escrúpulos, a mais funesta de todas as políticas". E conclui o editorialista: "estamos orando por uma renovação completa dos costumes, das doutrinas e da política adotadas pela Igreja de Roma".

EC, 15 de novembro de 1962, p. 12. Em Uruguaiana, RS, católicos e protestantes se reuniram (no Instituto União, Metodista, em 27 de agosto) para conversarem sobre o Concílio Vaticano II. A iniciativa foi de D. Luiz Felipe Nadai, um dos que iria ao Concílio, e que desejava saber o pensamento do evangelismo brasileiro acerca do evento.

EC, 15 de novembro de 1962, p. 12. Em Linhares, ES, o padre Luiz Mazetti usou da força para impedir que os batistas erguessem templo; espalhou pedras de. alicerce, derrubou paredes em construção. Foi processado pelos atingidos.

EC, 1." de dezembro de 1962, p. 12. Os pontos de vista de dois católicos. Tristão de Athayde (leigo brasileiro): "A verdadeira unidade é feita de variedades que se harmonizam". "A discórdia é infecunda porque, até etimologicamente, separa os corações. Mas o desacordo é fecundo porque aproxima, através do respeito à justa variedade dos homens e das nações". Dos Bispos Católicos Alemães: "As pesquisas históricas objetivas relacionadas com a Igreja Católica. . . demonstram. . . que houve muitas faltas e escândalos graves na vida da Igreja Católica".

EC, 1.° de janeiro de 1963, pp. 1 e 2. Em "O II Concílio do Vaticano: Dúvidas e Esperanças", B. P. Bittencourt (pastor metodista) acha difícil maior aproximação de católicos e protestantes, mas "pelo menos suavisará estas relações que têm sido de constante hostilidade ( ) quebrará quem sabe o gelo e permitirá, inclusive, que o terreno se torne menos áspero às missões evangélicas". "Este concílio representa um avanço extraordinário do cristianismo no mundo, especialmente no seu propósito de atualizar a Igreja Romana'.'

EC, 1° de janeiro de 1963, p. 1. Publica a foto dos observadores não-romanos na audiência especial que lhes concedeu João XXIII. O Papa não está no seu trono, mas assentado ao mesmo nível de suas visitas. "Haverá simbolismo nisto?"

EC, 15 de abril de 1963, pp. 1 e 2. "Por que há observadores protestantes no II Concílio do Vaticano?" José Miguez Bonino (metodista da Argentina), um dos observadores, explica que um observador não é um representante, não é um negociador. Ele observa, escutando, perguntando, pensando, fazendo juízo. (O artigo é longo).

EC, 1° de maio de 1963, pp. 1 e 9. José Miguez Bonino, no artigo "catolicismo e Catolicismos", assinala as "variedades" do Catolicismo que percebeu na primeira sessão do Concílio: conservador, renovador, missionário. Para compreender o que ocorre no Concílio é necessário ter presente tais tendências. São "mentalidades"; não se trata de grupos organizados.

EC, 1° de abril de 1963, p. 2. Publicada uma coletânea denominada "ensinos católicos que não se encontram na Bíblia Católica". O autor (não indicado) afirma: "A Bíblia nada diz acerca do sinal da cruz", "... da água benta", rosário, purgatório, infalibilidade papal, jejum à sexta-feira, imagens de Jesus, canonização de santos, confissão auricular, Maria como Rainha do Céu ou mediadora entre Deus e os homens.

EC, 15 de junho de 1963, p. 8. Em Melun, subúrbio de Paris (23 e 24 de fevereiro) Ely Eser Barreto César (metodista, académico de teologia) participou do segundo encontro entre católicos romanos e protestantes latino-americanos que estivessem em estágios na Europa. Tema: "A formação dos cristãos nos países em pleno processo de desenvolvimento". Nas discussões, "tinha-se a plena consciência que o mesmo Cristo está presente quer entre os católicos romanos como entre protestantes. O problema da divisão angustiava sobretudo aos católicos: reconhecem que o Cristo está presente na Igreja protestante, mas ao mesmo tempo se vêem no impasse de afirmar a existência de uma cabeça (Cristo) com vários corpos — o monstro que surgiu em virtude do pecado humano".

EC, 15 de julho de 1963, p. 3. Karl Barth (renomado teólogo, em entrevista à revista francesa *Realiíès)* admite que "as relações entre católicos e protestantes são infinitamente mais fortes atualmente do que eram há um século".

EC, 15 de julho de 1963, p. 12. B.P. Bittencourt (A Encíclica 'Pacem in Terris') afirma que "João XXIII foi, sem dúvida, o mais protestante dos papas". "Postos de lado alguns elementos da conhecida ênfase católico-romana, . . .esta encíclica poderia ser subscrita pelo Conselho Mundial de Igrejas, sem qualquer receio".

EC, 1." de agosto de 1963, pp. 1 e 9. Segundo o Dr. Visser't Hooft (do CMI), comentando o Vaticano II, a ICR está para sair de um período de "puro monólogo". Ela "começa a tomar consciência de que existem Igrejas Cristãs". "Nós ainda não poderemos dizer que a Igreja Católica Romana as reconhece eclesiologicamente, nem

que tenha estabelecido com elas um diálogo autêntico". "O CMI deve continuar pedindo que as relações tomem a forma de diálogo". *EC, 1." de junho de 1963, pp. 1, 9 e 10.* José Miguez Bonino (observador no Vaticano II) escreve "Culto do povo, pelo povo ou para o povo?". Discorre sobre o tema "Sagrada Liturgia", o primeiro abordado no Concílio. (Artigo longo e minucioso).

EC, 15 de junho de 1963, pp. 3 e 10. William Hinson (professor na Faculdade de Teologia da IMB) escreve *"Mater et Magistra* e o Credo Social Metodista: uma comparação". Aponta paralelos, diferenças e particularidades.

EC, 15 de agosto de 1963, pp. 1 e 9. "Junto ao coração da mariolatria brasileira sobe um templo que proclama a Cristo", escreve Rubens Garcia da Silva. "Aparecida do Norte é chamada a 'capital espiritual do Brasil'. Na verdade, é o centro de um culto pagão devotado a uma tosca imagem encontrada (segundo a lenda) nas águas do Rio Paraíba, que corre ao pé do morro em que foi edificada a basílica. A idolatria em torno desta imagem é tão grande que algumas autoridades católicas romanas mal esclarecidas, tem procurado atenuar a devoção do povo com prédicas cristocêntricas. Mas a catequese de séculos não cede com facilidade a esta preocupação esclarecedora e, como resultado, até hoje Aparecida é 'terreno proibido' aos evangélicos. A última tentativa de estabelecer uma congregação evangélica dentro dos limites da cidade foi terminada a pedradas e porretaços". O demais do texto fala do templo metodista em Guaratinguetá, cidade bem próxima dali.

EC, 1." de novembro de 1963, p. 1. O Padre Paschoal (sobrenome não indicado) fez palestra no Dia da Confraternização da Mocidade (18 de agosto) a convite da SMJ da IM em Tucuruvi. Orientou sua conferência de acordo com "o sentimento de ecumenismo que tem dominado as cúpulas do catolicismo e do protestantismo em todo o mundo". "Estimulou a união das Igrejas cristãs para a pregação da salvação existente em Jesus Cristo".

Homens em Marcha, jan/fev/março de 1964, pp. 26 a 29. O artigo "Mariolatria na América Latina" (de Eugene A. Nida, traduzido de *El Heraldo Mexicano)* postula que "A fim de se compreender e apreciar de maneira mais eficiente o que se passa no seio da Igreja Romana, é necessário que examinemos, à luz do fundo antropológico respectivo, esta extraordinária importância que se tem dado a Maria". E passa a examinar o assunto.

EC, 1.° de janeiro de 1964, p. 1. Metodistas (Rev. Omar Daibert e coral da Igreja) e Católicos (religiosos e coral da escola da Igreja), juntaram-se, em local público de Cataguases, MG, para ação de graças em conjunto (7 de setembro de 1963).

EC, 15 de fevereiro de 1964, p. 3. Transcrevendo de *O Cristão,* o *EC* ocupa-se em noticiar: O Rev. Tom Maclntyre (missionário con-gregacional, residente em SP) pregou em templo da ICR, a convite de um cónego, seu vizinho.

EC, 1." de março de 1964, pp. 1 e 2. Sob a manchete "A Revolução na Igreja Romana", várias notícias: (l.ª) O pastor ajudante Ormeu Alves da Costa e o coral da IM de Água Fria, SP, participaram de programa na Igreja de São Domingos Sávío (Vila Aurora, SP, 29 de setembro de 1.963), juntamente com o coral católico, a convite do pároco. (2.ª) Decisão do Vaticano II pede aos padres maior ênfase à pregação da Palavra de Deus, e a substituição do latim pelo vernáculo nas celebrações. (3.ª) Uma bem idosa irmã de caridade entrou em templo protestante (Metodista, Central de Belo Horizonte, em horário da Escola Dominical) pela primeira vez em sua vida, alegando "O Papa mandou". Ela observou: "Que bonita, mas não tem santos". (4.ª) Um padre entrou no mesmo templo, para assinar o *No Cenáculo.* (5.ª) Os jovens metodistas do bairro de Carlos Prates (Belo Horizonte, MG) receberam os Congregados Marianos para um jantar de confraternização. (6.ª) A moderna capela do Colégio Iza-bela Hendrix recebe constantemente visitas de padres. Eles perguntam pela liturgia metodista. (7.ª) Coristas da ICR de um bairro, e da IM Central de Belo Horizonte, cantam em culto especial. (8.ª) Uma jovem metodista toca órgão em ICR de seu bairro. Comentando (da 3.ª à 8.ª notícias, que saíram em bloco) Derly Marques diz: "Estes pequenos fatos . . . confirmam a tese de que a IC está mudando". "No Estado de Minas . . . era proibido aos católicos, há alguns anos, conversar com protestantes".

EC, 15 de maio de 1964, p. 1. Bispo da ICR (Cuernavaca, México) recomenda aos fiéis a leitura da Bíblia, e aconselha: "... se receberem como presente dos evangélicos a Sagrada Escritura, no todo ou em alguma de suas partes, não neguem-se de aceitar a oferta nem a destruam — levem o seu presente ao sacerdote para que ele, em meu nome, lhes autorize o uso com as devidas advertências".

EC, 1.° de junho de 1964, p. 1. Durante campanha de desper-tamento vocacional, estudantes de teologia metodistas receberam convite para visitar o Seminário Maior em Curitiba. Houve lanche de confraternização; na capela do Seminário, oraram juntos o Pai Nosso. Na noite, seminaristas católicos foram até o templo da IM Central da cidade.

EC, 15 de junho de 1964, p. 4. Cerca de 30 latino-americanos, católicos e protestantes, em estudos na Europa, encontraram-se em Louvain, Bélgica (8 e 9 de fevereiro). Entre eles, Hélerson Bastos Rodrigues (académico de teologia, com bolsa na Suíça), que dizia: "O encontro não nos deu nenhuma resposta objetiva em si (e não era

isto o que buscávamos), mas enriqueceu a todos quantos dele participaram. Caíram mais algumas pedras do muro que nos separa; outras luzes nos ajudam a ver melhor um ao outro. A presença do Espírito Santo foi sentida. As conclusões que deveríamos estudar mais a Bíblia, a Palavra de Deus, e levar mais a sério a adoração (liturgia) são elementos que nos fazem encarar onde está a fonte de orientação que tanto almejamos".

EC, 1." de outubro de 1964, p. 1. Por ocasião de um seminário de escritores evangélicos realizado no educandário metodista Izabela Hendrix (Belo Horizonte) a Irmã Maria Anízia declamou e imitou pássaros. "Ajudou a quebrar mais um elo de separação dessa cadeia de ferro que há tantos anos tem se tornado em tabu para a grande maioria dos católicos".

EC, 15 de novembro de 1964, p. 4. No templo da IM do Bairro da Luz, SP (pastor Oswaldo Dias da Silva), metodistas, católicos (padre e coral), representantes da I. Batista Russa, o Rev. Aharon Sapsezian (da Igreja Arménia e pregador na ocasião), e membros de igrejas evangélicas do bairro, celebraram culto ecuménico.

EC, 15 de abril de 1965, p. 8. Palavras de José Miguez Bonino (Impacto do Concílio Ecuménico sobre c Catolicismo e Protestantismo Latino-Americano): "Houve mudanças. . . Parece que o Concílio Ecuménico abriu as comportas de uma enorme reserva de boa vontade (.....) Aparece . . . o convite ao diálogo, o desejo de contato pessoal e de cooperação. (. . .) Poucos . . . estão preparados para entender o que está acontecendo (...) A maioria . . . discute a sinceridade de tal mudança e razões 'ocultas' para as novas disposições. Muitos, especialmente os mais conservadores, temem que esta 'aproximação' possa enfraquecer a fibra do protestantismo. . . As atitudes de desconfiança e reação vêm sendo modificadas, através de contatos pessoais com sacerdotes e bispos católicos-romanos".

EC, 15 de junho de 1965, p. 2. Trecho da Declaração dos Delegados Sul-Americanos presentes na 19.ª Assembleia Geral da Aliança Reformada Mundial: "... sinais de renovação na ICR — a) Contato mais chegado com o povo; b) Emprego da língua nacional no culto público; c) Distribuição e estudo da Sagrada Escritura; d) Apoio às reformas sociais; e) Crescente importância atribuída às obras dos leigos; f) Boa vontade para entrar em diálogo com um espírito de compreensão; g) Colaboração com outras igrejas em tarefas comuns com um objetivo particular (obras sociais, por exemplo)".

EC, 1." de setembro de 1965, p. 9. O Padre José (sobrenome não indicado) aceita convite 'da sociedade de jovens e prega na IMB

de São Caetano no Dia da Mocidade (28 de março). Cerca de nove anos atrás, uma procissão parara diante do templo metodista "entoando hinos religiosos", de forma acintosa.

Cruz de Malta, nov/dez de 1965, pp. 16 a 20. Brandy Tyson (missionário, pastor, SP) escreve: "Há perigo em dialogar com Católicos Romanos?" "O degelo atual nas relações entre católicos-ro-manos e protestantes tem criado reações completamente antagónicas". Citando alguém: "a única união possível entre protestantes e católicos é a união que houve entre fonas e a baleia. . .", com que o autor não concorda. O artigo é a favor do diálogo. Chega a indagar, após ponderações: "Quem sabe se Deus não está chamando a nós brasileiros para sermos a vanguarda do movimento ecuménico?"

EC, 15 de novembro de 1965, pp. 3 & 4. Edição do tópico da Pastoral dos Bispos que tratou do ecumenismo.

EC, 1." de janeiro de 1966, p. 8. Num teatro, na cidade de Garça, SP, católicos, metodistas e presbiterianos independentes celebraram o "Dia de Ação de Graças" (novembro, 1965). Falaram, Hélerson Bastos Rodrigues e Prof. José Maurício Borges de Oliveira, católico.

EC, 15 de janeiro de 1966, p. 1. A convite do Cónego Benedito Vieira Filho (pároco da Catedral N. S. da Glória, Maringá, PR) o coral da IM local cantou em festa que homenageou o Bispo Diocesano em seu natalício. O fato foi comentado em editorial do jornal local.

EC, 15 de fevereiro de 1966, p. 2. A campanha "Cristãos Unidos pelos desempregados de Osasco" conjuga esforços de católicos, presbiterianos, batistas.

EC, 1° de abril de 1966, p. 9. O prof. Nikos Nissiotos, ortodoxo, autoridade do CMI, observador do Vaticano II, declara que esse não foi um concílio ecuménico. "Foi o Concílio de uma igreja em particular, embora a maior das igrejas cristãs do mundo".

EC, 1.° de julho de 1966, pp. 5,8, 10 e 11. O Bispo Almir dos Santos palestra sobre "Prática Ecuménica no Mundo de Hoje" no Centro Ecuménico de Curitiba. "Não há dúvida que para o católico-romano a única possibilidade de reunião da cristandade é a volta ao seio da Igreja de Roma. E aqui está o ponto difícil para os protestantes" (p. 8).

Cruz de Malta, jul/ago de 1966, pp. 16 e 17. "Crise nos casamentos mistos", é o artigo de Lenildo F. Magdalena. Lembra que, pela *Matrimoni Sacramentum,* o Papa Paulo VI autorizou sacerdotes não-católicos a participarem da cerimónia católica de casamento e a abençoar os noivos, depois de feitos os votos". Com tal documento e a liberalidade de certas denominações evangélicas "resolve-se tem-

porariamente o problema espiritual dos noivos, mas não se resolve o problema básico do lar que é o da educação religiosa dos filhos".

EC, 1." de julho de 1966, p. 9. Em "Esperanças e Desesperanças do Concílio Vaticano II", Ernesto Thenn de Barros vê, a partir de documentos conciliares, a preocupação da ICR em "afastar-se vagarosamente, com grande cautela, dos usos estabelecidos".

EC, 15 de setembro de 1966, p. 7. Sob o título "Dom Hélder: Palmas e Pedradas", o EC transcreve notícias de jornais seculares. Ocorrera o seguinte. 10 de março: saiu o Manifesto da Ação Católica Operária do Nordeste sobre a injustiça social. 14 de julho: 15 bispos do Nordeste apoiam o manifesto. O comandante da 16.ª Região Militar proibiu a divulgação da declaração dos Bispos. 21 de agosto: Gilberto Freire (renomado sociólogo) publicou artigo criticando o manifesto.

EC, 1° de outubro de 1966, p. 3. Artigo do teólogo italiano Vittorio Subiia (originariamente editado na *The Reformed and Pres-byterian World* — março de 1966) girando em torno da pergunta: "estará o catolicismo romano procurando integrar em sua tradição universalista as posições que negou à Reforma do século XVI, de forma a esvasiar as causas do separatismo protestante?"

EC, 15 de novembro de 1966, p. 2. O Padre Edgar Jotz pregou em culto (semana de Oração Pela Pátria) na IM Wesley (Porto Alegre, RS), pastoreada pelo Rev. Erasmo Ungaretti. Foi o resultado de quase três anos de encontros entre os dois líderes de paróquias.

EC, 15 de novembro de 1966, p. 2. Com o patrocínio de oito igrejas evangélicas realizou-se em São Carlos, SP (4 a 7 de agosto) campanha evangelística sendo pregador o ex-padre Aníbal Pereira Reis. Ocorreram 100 decisões, e também houve "reação do clero pelo rádio e nas igrejas, e pressão sobre o delegado, prefeito e outras autoridades. Foi suspensa a conferência que se realizaria no Teatro Municipal".

EC, 15 de novembro de 1966, p. 7. O rev. João Parahyba D. da Silva (Sec. Geral de Ação Social da IMB) faz reparos à encíclica *Christi Matri Rosari,* de Paulo VI, que instituiu o Dia da Prece Mundial pela Paz. Na sua opinião: a encíclica superficializa a questão da paz, pois a desvincula da questão da justiça. Segundo: é lamentável a sua marca de "mariolatria". Terceiro: ela é infiel ao espírito ecuménico, tratando a Igreja de Roma como se fosse a única Igreja de Cristo.

EC, 15 de dezembro de 1966, p. 5. Waldir Pérez (pastor da IM em Londrina, PR) escreveu "Meu Grito contra o 'falso ecumenismo' ". Refere-se ao ecumenismo que "tem propósito definido: destruir a ação evangelística ç missionária da Igreja Evangélica por sua

absorção ao Romanismo". Cita um -ex-padre: "Roma é sempre a mesma, deseja absorver-nos para depois destruir-nos". Conclui: "esse falso ecumenismo . . . é obra de Satanás".

EC, 15 de dezembro de 1966, p. 5. "Que é ser Ecuménico". Consta como ANEXO I deste estudo.

ATAS, 3." RE, 1967, p. 41. Concílio Regional em São Bernardo do Sampo, 10 a 15 de janeiro. Trecho do relatório da Comissão de Estado Geral da Igreja. *"Ecumenismo* — Recomendamos a continuidade da prática do ecumenismo wesleyano; tomemos cuidado com o inimigo que se aproveita de nosso amor, sinceridade e boa vontade, para depois nos destruir. Em Cristo, a todos amemos e consideremos, com firmeza, respeito e dignidade".

Em Marcha, abr/mai/jun de 1967, pp. 14 a 19. William Schis-ler Filho (pastor metodista) escreve: "Conseguirá o Bispado de Roma perder o seu complexo de superioridade?" E diz: "Um problema agudo para a cristandade na sua aproximação, é o papado" da ICR (p. 14). Quando comenta o Vaticano II, destaca: para uns, "Roma não deixou de lado o seu desejo de absorver os demais cristãos". Para outros, "foi uma tentativa séria da ICR de abrir as portas do diálogo responsável para com as demais Igrejas Cristãs" (e argumenta nessa direção). Cita João XXIII: "Não devemos convencer uns aos outros do erro, mas juntos procurar a verdade" (p. 19).

EC, 1." de abril de 1967, p. 7. William Schisler Filho deplora que a entrega de uma rosa de ouro, por Paulo VI, ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, tenha sido interpretado como "o acontecimento católico mais importante da América Latina" por Dom Sebastião Baggio. "Triste religião que faz de acontecimentos balofos como este o centro de sua atenção, tirando os olhos do povo de Cristo para pregá-los numa patética imagem de barro, símbolo máximo no Brasil da ignorância e da superstição".

EC, 15 de abril de 1967, p. 5. A CNBB, por manifesto, condenou o abuso das revistas seculares a pretexto de "educação sexual". Comentário do *EC* — "A tudo isto dizemos um 'Amém' bem evangélico".

EC, 15 de abril de 1967, p. 9. Walter Abreu de Souza (Bangu, RJ) manifesta-se a favor do artigo "Meu grito contra o falso ecumenismo" — "Pude observar que 'nem tudo está perdido' ". Crítica aos católicos-romanos. Uma nota final (da redação do *EC)* recomanda ao missivista a leitura da Pastoral dos Bispos.

EC, 1.° de junho de 1967, p. 2. Comentando a *Populorum Progressio,* João Parahyba D. da Silva afirma que "desmascara a inépcia das alternativas do capitalismo e do comunismo desafiando-as à construção de uma civilização de solidariedade mundial para o desenvolvimento dos povos".

EC, 15 de novembro de 1967, p. 9. Hélvico de Queiroz Pereira, católico (Mata de São João, Bahia) discorda de opiniões emitidas por Walter Abreu de Souza *(EC,* 15 de abril). "Acho que é tempo de deixarmos de nos degladiar. Unamo-nos e procuremos levar o Evangelho a todos — não só levar, mas viver: o que é essencial".

Em Marcha, out/nov/dez de 1967, pp. 28 a 46. "Em busca da Verdade e Liberdade" é um depoimento de Helmuth Alfredo Simon, detalhando sua saída da ICR até o ingresso na IMB. Ex-padre reden-torista, numa trajetória teológica pessoal, descobriu, por exemplo, que "a interpretação caíólico-romana de muitos textos bíblicos. . . não passavam de *uma* interpretação entre *muitas* interpretações possíveis..." (p. 31). Mais adiante: "Lendo as exposições dos autores reformados — sobretudo, de Lutero e João Wesley. . . — comecei a entender que era possível ser cristão *autêntico* sem ser caíólico-roma-no. . .". Havia decidido retirar-se da sua Igreja de nascimento. Por acaso (em 1959), lendo, jornal, viu notícia sobre inauguração do novo prédio da Faculdade de Teologia da IMB. Entrou em contato com os metodistas (falando com o Rev. Isnard Rocha, da IM da Luz, SP). Veio a ser professor na referida Faculdade. Quando, em 1962, filiou-se à IMB, fez questão de frisar, com "espírito ecuménico": "Adiro à IMB mas sou antes de mais nada membro da grande e universal Igreja de Cristo, que não está dividida por doutrinas e sacramentos, mas é o corpo uno de Cristo" (p. 36).

ATAS, 3.ª REC, 1968, p. 29. Concílio Regional de 10 a 14 de janeiro, em São Bernardo do Campo. Trecho de relatório da Comissão de Estado Geral da Igreja: "Ecumenismo: Regozijamo-nos com as novas possibilidades de diálogo entre as várias confissões evangélicas e entre estas e católicos, entretanto, alertamos a Igreja para o fato de que a Igreja Católica, ainda, não mudou, radicalmente, sua definição de Igreja, muito embora, tenha alargado as fronteiras da mesma, incluindo-nos como 'irmãos separados' ".

ATAS, 4." RE, 1968, p. 42. Concílio Regional de 7 a 11 de janeiro, Belo Horizonte. Trecho do relatório do Superintendente Episcopal, item Atividades Ecuménicas (após mencionar reuniões às quais compareceu, e dizer que visitou países da AL como presidente da Junta Latino-Americana de Igreja e Sociedade): "No espírito do ecumenismo contemporâneo, busquei contato com várias autoridades da **ICR,** e tive o privilégio de ser convidado para participar de várias mesas redondas promovidas por elementos do clero católico-romano. É muito para lamentar que encontramos maior abertura para o diálogo entre católicos que entre protestantes, muitos dos quais se comprazem em forjar uma imagem deturpada do espírito ecuménico para **combater".**

EC, 1° e 1.5 de janeiro de 1968, p. 9. Católicos e protestantes, entre os quais os metodistas (p. 15) no dia 31 de outubro de 1967 fundaram no Rio de Janeiro um centro ecuménico, como local para estudos comuns (no artigo "Destempero", de Messias Amaral dos Santos).

EC, 1." e Í5 de janeiro de 1968, p. 8. Com o tema "A Igreja Metodista e o Movimento Ecuménico", o pastor metodista Rev. José Neves da Silva palestrou no Instituto Feminino da Bahia.

EC, 1." e 15 de janeiro de 1968, pp. 11 e 12. Oração paraninfai de D. Hélder Câmara, aos formandos da Faculdade de Teologia da IMB, em 1967. Para ele, "o Espírito Divino soprou o Movimento Ecuménico". Falou sobre a Fé, "ao encontro dos irmãos ateus"; Esperança, "ao encontro dos irmãos marcados pelo desespero"; Amor, "ao encontro de irmãos, vítimas do desamor".

EC, 1.° e 15 de janeiro de 1968, pp. 12 e 13. Há cartas e notícias, aceitando e repudiando o convite e presença de D. Hélder na Faculdade de Teologia. Um exemplo. Em "A violência do ódio ou a Revolução do Amor" (de J. Parahyba D. da Silva): "Dificilmente outra família protestante, metodista, terá sofrido mais do que a família Sucasas a fúria do fanatismo, dos preconceitos, da ignorância e da idolatria do Catolicismo Romano! Pois é exatamente o Revmo. Bispo Sucasas, Bispo Emérito, o único Bispo Metodista presente ao lado do Arcebispo Católico. Tal atitude . . . não afirma que o amor é a única resposta ao ódio?"

EC, 1° de março de 1968, pp. 1 e 3. Segundo o padre Carlos Pape (Santiago do Chile), interpretando o pensamento do Decreto sobre o Ecumenismo do Vaticano II, "A proclamação neste peregrinar comum não pode ser o 'retornai' que por séculos foi o grito da Igreja Católica às Igrejas não-católicas".

EC, 1° de março de 1968, p. 1. Católicos e protestantes juntos (foto), em Marília, na inauguração (por iniciativa de um vereador) do primeiro monumento à Bíblia no Brasil. Entre os metodistas presentes os pastores: J. Parahyba D. da Silva e Hélerson B. Rodrigues.

EC, 15 de abril de 1968, p. 2. Em Marília, SP, o Padre Cari F. Laga e o pastor Hélerson Bastos Rodrigues celebram liturgia da palavra em solenidade de formatura de universitários (foto).

EC, 15 de março de 1968, p. 7. Em Resende (RJ), após o Natal de 1967, por iniciativa do prefeito municipal, realizou-se um Festival Ecuménico, participando católicos, metodistas, presbiterianos e batistas.

EC, 1.° de maio de 1968, p. 8. A SMH de Coelho Neto (RJ) recebe visita do padre acompanhado de quarenta fiéis; presentes outros evangélicos. Comemorou-se o 25.° aniversário da sociedade.

EC, 15 de junho de 1968, pp. 6 e 7. Do padre César Dainese, o artigo "Igreja e Igrejas" (originariamente editado na revista *Mensageiro do Coração de Jesus* — março de 1968), segundo o qual "somente a Igreja Católica é a verdadeira Igreja de Cristo. Nenhuma outra pode reclamar este direito; nenhuma outra Igreja pode dizer-se Católica; nenhuma outra Igreja pode ser a verdadeira Igreja de Cristo. Somente e exclusivamente a Igreja Católica governada pelo Papa, legítimo sucessor de Pedro" (p. 6). "O ecumenismo não é uma 'mistura de Igrejas', mas um movimento de almas em direção à Igreja católica..." (p. 7). Em "Comentário", o Rev. J. Parahyba D. da Silva explica que esse artigo foi editado com "o propósito de aprofundar o diálogo sobre o ecumenismo", e afirma: "... se o artigo . . . é o pensamento oficial da IC o caminho da unidade tornou-se mais penoso e longo, pois mistificou-se a questão da Igreja gerando justas suspeitas por parte dos Cristãos Evangélicos" (p. 7).

EC, 15 de junho de 1968, pp. 6 e 7. Carta de D. Hélder Câmara aos pastores de Recife, tratando sobre a Semana de Oração pela Unidade, que os católicos fariam, quando pediriam "perdão a Deus, pela parcela de culpa que nos cabe na divisão do rebanho de Cristo".

EC, 15 de junho de 1968, p. 10. Notícias do ecumenismo metodista (pastor Ednas Lobo) e católicos em Ribeirão Preto (SP).

EC, 1.° de julho de 1968, p. 8. "Comunicado do Gabinete Geral sobre Ecumenismo. O Gabinete Geral resolveu que as atividades e os contatos ecuménicos da IMB com a ICR serão mantidos apenas, e tão somente, no terreno dos estudos entre comissões designadas e orientadas pelos bispos em suas respectivas regiões eclesiásticas. Ficam sustadas, até ulterior deliberação, todas as cerimónias mixtas [sic] e os atos religiosos conjuntos. Estão sendo estudadas pelo Gabinete Geral a maneira e as formas e as normas mínimas para o relacionamento com aquela Igreja e cujos resultados serão dados ao conhecimento da IMB tão logo estejam concluídas. São Paulo, 22 de junho de 1968. João Augusto do Amaral, bispo-presidente. João Nelson Betts, secretário".

(Observação do autor: Nesta ocasião, já se desdobrava a crise na Faculdade de Teologia da IMB e, concomitantemente, um endurecimento político no Brasil).

EC, 15 de julho de 1968, p. 7. Oficialmente, as Igrejas: Ortodoxa Grega, Católica, Luterana, Ortodoxa Arménia, Episcopal e Metodista, participaram da Semana de Oração pela Unidade Cristã. A reunião do dia 27 de maio foi na IMB, bairro da Luz, SP.

EC, 15 de julho de 1968, p. 8. Em São Bernardo do Campo, metodistas e católicos celebram ecumenicamente por ocasião da [sic] "intronização da cruz" (não crucifixo) no Ginásio Estadual Dr. José

Fornari. Pregaram, o padre, o pastor Lenildo Magdalena e houve missa.

EC, 15 de julho de 1968, p. 9. Comissão provisória, que orienta o "Movimento Ecuménico Cristão", programou três dias de estudo a realizar-se na IM Central, Belo Horizonte; participação de pastores, sacerdotes romanos e representantes da Igreja Ortodoxa.

EC, 15 de julho de 1968, p. 11. Ecumenismo em Birigui (SP). No domingo da Páscoa o pastor Samuel de Anchieta (metodista) falou, a convite, na missa das 10 horas "levando consigo um grupo considerável de irmãos, principalmente jovens". No dia 1.° de maio, piquenique ecuménico, comparecendo jovens católicos e metodistas.

EC, 1," de agosto de 1968, pp. 3 e 6. Em São Bernardo do Campo, na IM Central, o Dia da Unidade Cristã foi celebrado com culto no qual participou o coral "Santa Cecília", da matriz local. A maioria apoiou a iniciativa. "Houve vozes discordantes, é bom que se saiba", especialmente em áreas ligadas ao fundamentalismo teológico".

EC, 15 de agosto de 1968, pp. 1,2, 11. "Em busca da Unidade Cristã", palestra do Bispo Almir dos Santos na Semana de Oração pela Unidade Cristã, Belo Horizonte, MG. "O ecumenismo autêntico é uma busca ansiosa, eu diria, quase agônica, para expressarmos a unidade da Igreja dada uma vez por todas em Cristo. E isto não é fácil; temos muito que caminhar juntos".

EC, 1." de dezembro de 1968. p. 2. Informação do Gabinete Geral (5 de novembro) explica que "no desejo de ajudar aos pastores a evitarem situações embaraçosas ou constrangedoras por ocasião da celebração de casamentos mistos, solicitou à Comissão Geral de Ecumenismo que elaborasse um ritual ecuménico para ser usado em tais ocasiões". Após aprovado, sairia no órgão oficial. (Nota do autor: não se tem notícia de que isso haja ocorrido).

ATAS, 5.ª RE, 1969, p. 51. Concílio Regional de 7 a 12 de janeiro, Presidente Prudente, SP. Trecho do relatório da Comissão de Estado Geral da Igreja: "Ecumenismo. Tem sido excelente o relacionamento da Igreja com as demais igrejas evangélicas, dando-se o mesmo em relação à igreja católica [sic]. Fiéis ao espírito wesleya-no, damos a mão a todos aqueles cujos corações se identificam co-nosco pelas mesmas convicções e ideais. 'Pensemos e deixamos pensar' [sic] ".

EC, 15 de fevereiro de 1969, p. 11. O Bispo Almir dos Santos relata: "Busquei contato com várias autoridades da ICM e tive o privilégio de ser convidado para participar de várias mesas redondas promovidas por elementos do clero romano".

EC, 15 de agosto de 1969, p. 1. Ao lado do arcebispo católico, e do comandante da 5.ª Região Militar, Wilbur Smith, bispo metodista, participa da solenidade de inauguração de avenida em Curitiba, PR. (foto).

EC, 15 de setembro de 1969, pp. 4, 6 e 7. Publica-se a "mensagem do secretário-geral do CMI ao Papa" e o "discurso de Paulo VI" por ocasião de sua visita à sede do CMI em Genebra.

EC, 30 de novembro de 1969, p. 5. Em Porto Alegre, RS, "sentindo a necessidade de testemunhar a Cristo dentro da complexidade de um grande centro urbano", reuniram-se os representantes da ICR, Luterana, Episcopal, Metodista. "Surgiu o Serviço Interconfessional de Aconselhamento (SICA). Administrado por um Conselho Diretor, com seis representantes católicos e dois de cada uma das outras igrejas associadas, formando paridade de votos entre católicos e evangélicos".

ATAS, 2." RE, 1970, p. 37. Concílio Regional em Porto Alegre, 6 a 11 de janeiro. Em seu relatório, o Bispo lembra que o Gabinete Geral deferiu ao Concílio Geral "a solução do problema criado não tanto pelo Ecumenismo em si como pela variedade de formas que tomava — desde a negação completa do ecumenismo por alguns, até aos exageros da submissão a programas de conteúdo indefinido e, alguns casos, até vexatórios".

EC, 15 e 31 de julho de 1970, p. 14. Sugestões, para estudo, de um grupo de trabalho da 2.ª RE, quanto a procedimentos em cerimónias ecuménicas (analisado em detalhes no capítulo seis — p. 97).

BIBLIOGRAFIA

I. *Livros, Artigos, Publicações Ocasionais*

ALVES, Rubem A. *Protestantismo e Repressão.* São Paulo, Editora Atiça, 1979. 290 pp. (Ensaios 55). ARAÚJO, João Dias. *Inquisição sem Fogueiras.* Rio de Janeiro, Instituto Superior de Estudos da Religião, 1982, 2.ª Edição, 125 pp. BONINO, José Miguez. "Visão da Mudança Social e de suas tarefas por parte das Igrejas Cristãs Não Católicas", in *Encontro "El Escoriai", 1972.* Petrópolis, Editora Vozes, 1977. Tradução de Jorge Soares. 358 pp. CEB. *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro.* Rio de Janeiro, Editora Loqui, 1962. Volume II, 190 pp.

--------- *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro.* Rio de Janeiro, "s.n.t.", 1962. Volume I, 128 pp.

--------- Periódicos de Educação Religiosa. *A Família Cristã Hodierna.* (Curso Popular, Escola Dominical, Edição Especial para a IMB). "s.n.t.", 3." trimestre de 1964, Ano XXX, N.° 3. 64 pp.

CLAI (em formação), *Oaxtepec, 1978.* Unidade Y Mision En America Latina. San José, Costa Rica, CLAI, 1980. 228 pp.

CMI. *What in the World is the World Council of Churches?* Genebra, CMI, 1978. 86 pp.

COSTAS, Orlando. *El Protestantismo en America Latina Hoy: Ensayos dei camino.* 1972 — 1974. San José, Costa Rica, Publicaciones INDEF, 1975. 155 pp.

DREIFUSS, René Armand. *1964: A Conquista do Estado — Ação Política, Poder e Golpe de Classe.* São Paulo, Vozes, 1981. 814 pp.

GOODALL, Norman. *El Movimiento Ecuménico.* Buenos Aires, La Aurora, 1970. Tradução de Marcelo Pérez Rivas. 282 pp.

IMB. *Cânones da Igreja Metodista do Brasil, 1934.* São Paulo, Imprensa Metodista, 1934. 201 pp.

--------- *Cânones da Igreja Metodista do Brasil, 1960.* São Paulo, Imprensa Metodista, 1960. 262 pp.

--------- *Cânones da Igreja Metodista do Brasil, 1965.* São Paulo, Imprensa Metodista, 1965. 218 pp.

--------- *Cânones da Igreja Metodista, 1971.* São Paulo, Imprensa Metodista, 1971. 201 pp.

-------- *Cânones da Igreja Metodista, 1974.* São Paulo, Imprensa Metodista, 197.4. 93 pp.

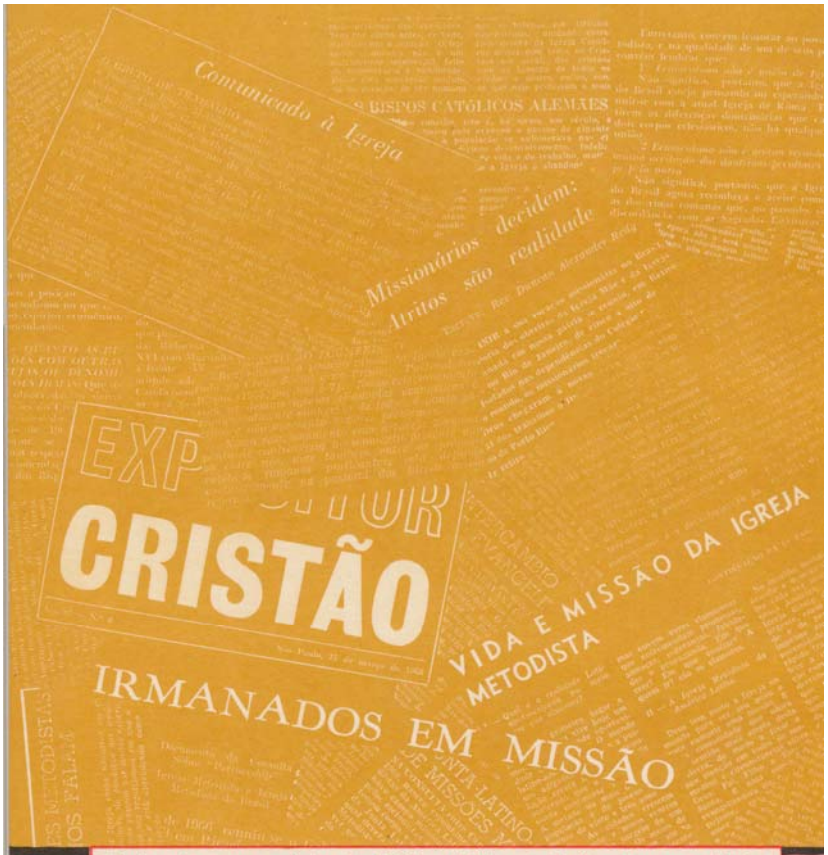
IMB, Secretarias Gerais. *A Bíblia Apresenta o Plano de Deus.* São Paulo, Editora Notre Dame, 1962, 21 pp.
--------- *A Bíblia Revela a Missão do Leigo.* São Paulo, Editora Notre Dame, 1962. 85 pp.
--------- *A Bíblia Proclama a Mensagem de Salvação,* "s.n.t.", 1962. 48 pp.
A Bíblia Alimenta a Vida Espiritual. São Bernardo do Campo, Im prensa Metodista, 1962. 56 pp.
--------- *A Igreja Age na Comunidade Através do Leigo* "s.n.t.", 1963. 46 pp.
IMB, JUGEME. *A Responsabilidade Evangelizante da Igreja,* "s.n.t.", 1966. 56 pp.
IMB, JUGEC. *A Responsabilidade Educacional da Igreja,* "s.n.t.", 1966. 63 pp.
IMB, JUGAS. *A Responsabilidade Social da Igreja,* "s.n.t.", 1966, 80 pp.
IMB, Gabinete Geral. *A Igreja Local e a Família.* Manual do Plano Quinquenal, "s.n.t.", 1964. 31 pp.
---------- *Estudos Bíblicos* (Série de Estudos Centenário, O Mundo é a Minha Paróquia, Natureza e Missão da Igreja Metodista do Brasil. Fascículo I). São Bernardo do Campo, Imprensa Metodista, 1967. 23 pp.
--------- *Crescimento da Igreja.* (Série ... Fascículo II). São Bernardo do Campo, Imprensa Metodista, 1967. 12 pp.
--------- *Renovação da Igreja.* (Série ... Fascículo III). São Bernardo do Campo, Imprensa Metodista, 1967. 15 pp.
--------- *A Igreja e o Mundo.* (Série ... Fascículo IV). São Bernardo do Campo, Imprensa Metodista, 1967. 11 pp.
IMB, *Atas, Registros e Documentos do VIII Concílio Geral.* São Paulo, Imprensa Metodista, 1960, 228 pp.
-------- *Atas, Documentos e Registros do IX Concílio Geral da Igreja Meto-- dista do Brasil.* São Paulo, Imprensa Metodista, 1965. 264 pp.
--------- *Atas, Suplementos e Documentos do X Concílio Geral e Segundo Concílio Geral Extraordinário,* "s.n.t.", 1971, 244 pp.
ISAL. *Cristianismo Y Sociedad.* Ano I, N.° 1. Montevideo, Talleres Gráfi-ficos Emecé, 1963.
--------- *Cristianismo Y Sociedad.* Ano IV, N.° 12. Montevideo, "s.r.t.", 1966.
--------- *Cristianismo Y Sociedad.* Ano III, N.° 9; Ano IV, *n.°* 10 (número duplo). Montevideo, "s.r.t.", 1965/66.
--------- *Cristianismo Y Sociedad.* Ano V, N.° 14. Montevideo, "s.r.t.", 1967.
--------- *Encuentro Y Desafio.* Primera Consulta Evangélica Latinoamericana sobre Iglesia Y Sociedad. Buenos Aires, La Aurora, 1961. 70 pp.
KLOPPENBUBG. Boaventura. *Compêndio do Vaticano II.* Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis, Editora Vozes, 1972. 6.ª edição, 743 pp.
OUTLER, Albert C. *Para que o Mundo Creia.* São Paulo, Imprensa Metodista, 1973. Tradução de J. C. Maraschin. 173 pp.
REILY, Duncan Aiexander. *Metodismo Brasileiro e Wesleyano.* São Bernardo do Campo, Imprensa Metodista, 1981. 229 pp.
--------- *História Documental do Protestantismo no Brasil.* São Paulo, ASTE, 1984. 429 pp.
SALVADOR, José Gonçalves. *História do Metodismo no Brasil.* Volume I. São Bernardo do Campo, Imprensa Metodista, 1982. 306 pp. SODRÉ, Nelson Werneck. *Introdução à Revolução Brasileira.* São Paulo, Editora Ciências Humanas Ltda., 1978, 4.ª edição. 258 pp. SOSA, A. F. e outros (organizadores), *El Cristianismo Evangélico en la America Latina.* Buenos Aires, La Aurora, 1949. 103 pp.

UNELAM. *Deudores.al Mundo.* III Conferencia Evangélica Latino-americana. (CELA) Montevideo, Talleres gráficos de la Comunidade dei Sur. 1969. 56 pp. WESLEY, João. *Sermões.* São Paulo, Imprensa Metodista, 1954. Volume I. 564 pp. Volume II, 540 pp.

II. *Periódicos Pesquisados*

Considerando-se que seria exaustiva, e desnecessária, a referência aos exemplares efetivamente citados no corpo do trabalho, aqui são mencionados os periódicos que foram pesquisados.

IMB, JUGEC. *Homens em Marcha.* Ano IV, n.° 13 (1960) ao Ano VIII, n.° 32 (1966). Imprensa Metodista.
IMB, JUGEC. *Em Marcha.* Ano I, n.° 1 (1967) ao Ano IV, n.° 4 (1970). Imprensa Metodista.
IMB, *Voz Missionária.* Jan/Fev/Mar de 1960 a Out/Nov/Dez de 1970. Imprensa Metodista.
IMB, JUGEC. *Cruz de Malta.* Jan. de 1960 a Out/Nov/Dez. de 1970. Imprensa Metodista.
IMB, JUGEC. *Ensino Eficiente 2.* Jan/Fev/Mar de 1967 a Out/Nov/Dez de 1970. Imprensa Metodista.
IMB, *Expositor Cristão.* Ano 75, n.° 1 (7 de janeiro de 1960) ao Ano 85, n." 23 e 24 (n.° duplo — 15 e 31 de dezembro de 1970). Imprensa Metodista.
IMB, Regiões Eclesiásticas. *Atas, Registros e Documentos do Concílio Regional* (das respectivas regiões, no período de 1960 a 1971).



Limitando-se ao período de 1960 a 1971, o trabalho tem por objetivo apresentar as formas pelas quais os metodistas (como indivíduos, ou como instituição eclesiástica) se relacionaram com outras Igrejas ("Igreja-Mãe"; demais Igrejas Metodistas; Igrejas Evangélicas no Brasil; Igreja Católica Apostólica Romana), demonstrando, assim, a sua incorporação ao movimento ecumênico, cujo espírito já fora apregoado por João Wesley. A pesquisa é basicamente documental, sobretudo nas publicações da própria Igreja. O trabalho demonstra a existência de uma densidade de relações e preocupações na área ecumênica, por parte dos metodistas brasileiros. Apresentando fatos, de forma sistematizada e cronológica, o texto procura esclarecer um dos relevantes aspectos da vivência metodista na referida época.